

# RAÍZES

36

ANO XVIII - São Caetano do Sul - Dezembro de 2007

---



**N**ossa capa coloca *em relevo* o assunto principal da revista: os bailes que agitaram a cidade, ao longo dos anos. Desejamos retratar, na capa desta edição, o imaginário e a fantasia, que sempre foram o estofado desses acontecimentos sociais.

Na contra capa, o convite do 1º Baile Branco realizado em São Caetano do Sul. Impresso sobre fundo madrepérola, devolve aos que participaram desse inesquecível evento doces lembranças, ao mesmo tempo em que permite aos leitores uma viagem pelos costumes e sonhos da sociedade da época. *(Neusa Schilaro Scaléa)*



## Expediente

**Ano XIX - Número 36**  
 Publicação semestral / Distribuição gratuita  
 ISSN 1415-3173  
 Publicação da Fundação Pró-Memória  
 de São Caetano do Sul

**Dezembro de 2007**

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255, bairro  
 Santa Paula, São Caetano do Sul.  
 CEP 09541-520.  
 Fone: 4221-9008. Fax: 4221-7420.  
 www.fpm.org.br  
 e-mail: fpm@fpm.org.br e  
 raizes@fpm.org.br

**Jornalista Responsável**  
 D. Glenir Santarnecchi (MTb 21.269)

**Redação**

**Revisão de textos:**  
 Lilian Crepaldi  
**Pesquisa:** Cristina Toledo de Carvalho, Isabel  
 Cristina Ortega  
**Secretaria e Coordenação:**  
 Maria Aparecida M. Fedatto  
**Digitalização de imagens:**  
 Sandra R.B.Gouveia

**Assessoria:**  
 Paula Fiorotti e Eduardo Koga

**Conselho Editorial:**  
 Cristina Toledo de Carvalho, Clovis Antonio  
 Esteves, D. Glenir Santarnecchi  
 (Presidente), Humberto Pastore, Jocimara  
 Sperate Figueiredo, Lilian Crepaldi, Maria  
 Aparecida M. Fedatto, Mario Del Rey,  
 Mário Porfírio Rodrigues e Paula Fiorotti.

**Imagens**  
**Fotografia:**  
 Antônio Reginaldo Canhoni  
**Capa:**  
 Neusa Schilaro Scaléa

**Projeto Gráfico e Editoração**  
 Antonio Devanir Leite Júnior

**Fotolitos e Impressão**  
 Acadcom Gráfica e Editora

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

*Notícia, Memória e História: três palavras mágicas*

A *Revista Raízes* comemora a sua maioridade. Lançada em julho de 1989, surgiu para noticiar a memória e a história de São Caetano do Sul e, por extensão, de toda a região do Grande ABC. Desde o início, a revista abriu suas páginas para historiadores, pesquisadores e outros interessados em contribuir com o resgate e a preservação do patrimônio histórico. As notícias, artigos, fotos e charges contribuíram para compreender a identidade da cidade e de toda a região situada ao sudeste da Grande São Paulo, cuja origem histórica tem um núcleo comum.

A Fundação Pró-Memória sempre teve o seu padrão de pesquisa histórica: um Centro de Documentação com um acervo valioso e muito bem organizado; uma Pinacoteca voltada para as artes, com um rol de obras importantes e bem conservadas. Sem falar no tradicional Museu Histórico, que existe há muito mais tempo do que a Fundação, cujas peças representam a história da cidade.

Mas o nosso carro-chefe é a revista *Raízes*, editada semestralmente. É um trabalho insano da nossa equipe, dos colaboradores externos e, principalmente, da população sul-sancaetanense, que nos oferece a matéria-prima para a sua execução.

Em seus 130 anos, inicialmente ocupada pela agricultura, São Caetano do Sul transformou-se, nos dias atuais, numa cidade de grande concentração urbana do país. Esse processo ocorreu pelas condições de infra-estrutura que a cidade oferece: educação, saúde, saneamento e lazer. A cidade orgulha-se de ter zerado o analfabetismo.

Nesta edição vamos embarcar em diversas histórias de pessoas que ajudaram a erigir o município que, a cada década, dá um salto no seu desenvolvimento em direção ao futuro, modificando a imagem urbana. As novas gerações têm pressa em crescer para deixar um legado de realizações às suas descendências.

O dossiê desta edição volta seu olhar ao passado, recordando o primeiro *Baile Branco* das debutantes, realizado há 37 anos, sob o patrocínio do Lions Clube São Caetano do Sul. Algumas jovens da sociedade, hoje simpáticas senhoras, puderam, num clima de alegria, rever fotos e prestar depoimento de um evento cuja renda beneficente era destinada à construção e manutenção do Lar dos Velinhos Nossa Senhora das Mercês, no Bairro Santa Maria.

Para que essa memória não seja esquecida, é importante resgatar e buscar informações que chegaram até nós por meio da língua, dos costumes e de depoimentos espontâneos dos filhos, netos e bisnetos dos imigrantes e migrantes.

Acompanhe-nos!

**D. Glenir Santarnecchi**

*Presidente da Fundação Pró-Memória*

*Raízes* volta a um passado nem tão distante em sua edição 36 e relembra momentos que marcaram a história de São Caetano do Sul, em uma área pouco pesquisada por memorialistas: o entretenimento.

Certamente, ainda estão vivos nas lembranças de boa parte da população os bailes dos anos 60 e 70. Quantas amizades e outros relacionamentos surgiram ao som das orquestras nos salões sancaetanenses daquela época.

Ao mesmo tempo, essa edição vai resgatar a trajetória de imigrantes vênets tanto em São Caetano do Sul quanto em Alfredo Chaves, no Paraná. E vai além, ao contar a história de outros personagens que ajudaram a construir nossa cidade.

Eis uma característica marcante desta publicação: a mescla editorial, bem dosada, entre os vários momentos históricos de São Caetano do Sul. Com isso, *Raízes* vem conseguindo, inclusive, atrair novos leitores a cada dia, firmando-se como leitura obrigatória.

Boa leitura a todos.

**José Auricchio Júnior**

*Prefeito Municipal de São Caetano do Sul*

# Índice

## Dossiê / Nossos Bailes

**05** - Embalos de uma época: Panorama dos bailes que agitaram São Caetano até a década de 1970

Cristina Toledo de CARVALHO

**14** - Orquestra enche a frente e os fundos

João Tarcísio MARIANI

**20** - A magia do primeiro Baile Branco

Cristina ORTEGA

**28** - Orquestras e bandas que embalarão os encontros dançantes e marcaram época

**31** - Os Grandes Bailes do Clube dos 60

Oscar GARBELOTTO

## Artigos

**35** - As colônias de São Caetano e de Alfredo Chaves: imigrantes vênnetos nas províncias de São Paulo e Paraná

Eliane MIMESSE e Elaine MASCHIO

**39** - Bartolomeu Lopez de Carvalho: um visitante da São Paulo seiscentista

Juarez Donizete AMBIRES

**43** - Loja Maçônica comemora Jubileu de Pérola

Mario DEL REY

**49** - Os 100 anos da Sociedade Beneficente União Operária de São Caetano do Sul

Clovis Antonio ESTEVES

**52** - Presença centenária das Irmãs Clarissas no Brasil

## Cultura

**55** - Abstracionismo

Neusa Schilaro SCALÉA

**59** - Ética e Técnica: por uma prática consciente de Conservação e Restauração

Marilúcia BOTTALLO

## Personagens

**62** - Comendador Amêndola: um batalhador de dois mundos

Glenir SANTARNECCHI

**67** - João Lins Pereira: o sindicalista dos anos 50, 60, 70, 80

Humberto Domingos PASTORE

## Depoimentos

**73** - A saga da família Souza: nas veias, leite, sorvete e muita luta

Jó Sperate FIGUEIREDO

**78** - André Américo da Silva, um simpático mecânico

**82** - Ondina Rezende Cunha: do terreno do Banco de Londres ao Jardim São Caetano

**85** - Filho de São Caetano por amor

**88** - Triângulo amoroso: Antônio Guido Rampazzo, Abrigo Irmã Tereza e Lar Escola Irmão Alexandre

## Esportes

**90** - Luiz Mori: um nome que fez história no futebol de São Caetano

Fabiana CHIACHIRI

## Crônicas e Causos

**94**

## Memória Fotográfica

**99**

## Registro

**107**



# Embalos de uma época:

## Panorama dos bailes que agitaram São Caetano até a década de 1970

*(...) fubá e parafina espalhados pelo chão iriam permitir o deslizamento necessário para os pés-de-valsas. E lá ia o baile até às quatro da manhã (...)*

(Oscar Garbelotto, no livro *Uma História de Campeões: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*, do jornalista Ademir Medici)



São Caetano, no final do século XIX, dava os primeiros passos como núcleo colonial. As dificuldades e os obstáculos inerentes àquele período não esmoreciam a pequena população aqui instalada. Os moradores da colônia, que, em sua maioria, provinham de famílias de origem italiana, procuravam enfrentar e superar os problemas e as carências reinantes na localidade entregando-se à labuta diária. A dura rotina de trabalho só era quebrada durante as alegres e descontraídas reuniões familiares e em ocasiões especiais, como os festejos juninos e a festa dedicada ao santo padroeiro, São Caetano. Tais festividades possuíam quermesses, leilões, apresentação de bandas musicais e queima de fogos de artifício. Todos os eventos desse período festivo ocorriam nas proximidades da atual Paróquia de São Caetano, no Bairro da Fundação, e atraíam

não só os habitantes locais, como também moradores de São Paulo e região. Entretanto, reuniões sociais desse porte só ocorriam esporadicamente.

Mesmo após a fundação da Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe di Napoli, em 11 de dezembro de 1892, e da Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano, em 15 de novembro de 1907, a vida social na cidade continuou restrita a eventos e programas esporádicos. Isso porque a finalidade de ambas era assistencial. Portanto,

*O conjunto musical J. Negro e seu Jazz durante um convescote (piquenique) do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, em Santos, na década de 1920. Foi um dos primeiros jazz-bands formados em São Caetano. Animava bailes e reuniões especiais. Em pé, da esquerda para a direita: Chelso (Vicente) Negro, Ângelo Veronesi, João Barile e Casério Veronesi. Sentados, da esquerda para a direita: Giacomo Negro, Antônio Fernandes e Batista Negro*

Fotos: Acervo/Fundação Pró-Memória



promoviam festas e entretenimento somente em ocasiões especiais. Essa situação começou a se modificar com o surgimento dos primeiros clubes esportivos e recreativos. Objetivando aumentar, cada vez mais, seu número de sócios, tais agremiações ofereciam à população da pequena São Caetano uma constante programação social com variadas opções de lazer, como teatro, esportes, excursões, convêscotes (piqueniques) e bailes.

### Bailes de antigamente

Antes do período de domínio das entidades esportivas e recreativas na vida social de São Caetano, bailes animados já ocorriam na cidade. Segundo relatos, eram organizados, com frequência, nas casas de algumas famílias. Esses encontros familiares eram embalados pelo sanfoneiro Olympio. Manoel Claudio Novaes, em seu livro *Nostalgia*, registrou uma crônica que resgata o assunto: “Quando organizavam bailes em casa dos Cavana ou dos Ferrari, o nome do Olympio era sempre lembrado. Bailes

familiares, realizados aos sábados à noite, em que as jovens eram acompanhadas pelos pais. A sala iluminada, a princípio, por lamparinas que forneciam luz vermelha e fraca (...)”

Mesmo com o aparecimento das agremiações, os bailes não perderam o caráter familiar. Era comum os pais acompanharem as filhas até os clubes, nos dias de *partida dançante*, como o baile também era

chamado antigamente. Isso se verificava constantemente, pois todo final de semana havia baile nos clubes da época. As reuniões dançantes estavam, portanto, enraizadas no cotidiano dos moradores da cidade. Um anúncio publicado na edição de 11 de agosto de 1929, do *São Caetano Jornal*, evidencia isso. Ao divulgar os serviços da tinturaria Modelo, estabelecimento que se localizava na antiga rua São Caetano, 127, a propaganda retrata uma conversa informal entre dois amigos, conforme segue:

- Olá compadre! Como vai?
- Vou indo bem, obrigado. E você, onde vai assim todo formoso...
- Ah! Eu vou ao baile dançar com a minha eleita...
- Sim, está certo... E essa sua roupa nova está de fato muito bonita!
- Roupa nova?! Esta roupa é a mesma de sempre! O que tem é que mandei reformar, limpar e passar!...
- (...)

O diálogo reflete a importância dos bailes naquele período. Encarados como um grande evento social, exigiam de seus frequentadores uma grande preparação. Quando não era possível adquirir trajes novos, o serviço de um tintureiro era indispensável. Afinal de contas, apresentar-se bem vestido a um programa social de longo alcance, como os bailes, era um requisito. E os preparativos não se limitavam apenas à estética e à boa aparência. Para fazer sucesso também era preciso saber dançar os ritmos da moda, entre os quais o fox-trote, a valsa, o tango, o samba-canção etc. Para isso, os clubes ofereciam ensaios para os rapazes que pretendiam aprender a arte da dança. Henry Veronesi, em artigo publicado na

Giuseppe De Martini, o Bepo da Sanfona, outro nome bastante requisitado para animar festas, bailes e reuniões familiares, na São Caetano de antigamente



Revista *Raízes* nº13, assim descreveu o assunto: “*Nesses ensaios não entravam moças. O par era formado por dois moços, um que sabia dançar e um outro que não sabia. Dessa forma eram formados os dançarinos da época. Havia grande interesse nas realizações desses ensaios, pelos clubes. Era a forma de angariarem mais sócios e aumentarem a freqüência nos bailes de sábados e Domingueiras*”.

Outro artifício encontrado pelos clubes para reforçar a receita mensal era a execução de uma contradança extra durante os bailes. Isso porque tal contradança era paga. Ao resgatar parte da história do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, Veronesi relatou, em *Raízes* nº 5, o seguinte: “*Os freqüentadores dos bailes já sabiam quando a contradança era extra. O baterista da orquestra, repicando na caixinha da bateria por alguns segundos, batendo em seguida com o pedal no bumbo com todo vigor e junto com as baquetas no prato, parando repentinamente, anunciava no megafone: Extra. Como era uma honra dançar uma contradança extra, os cavalheiros (...) tiravam as damas para dançar, sem receio de levar uma tábua, isto é, sem receio de receberem um não ao convite. A orquestra começava a tocar e o par saía dançando. Lá pela metade da contradança, a orquestra parava de tocar, e, como era costume, o par ficava parado no meio do salão, batendo papo, enquanto os diretores do clube faziam a coleta do dinheiro que era o tributo (...) pago para dançar aquela contradança. (...) O momento da extra era aguardado com muita ansiedade pelos rapazes e moças que estavam na ocasião tirando linha (flertando). Era o momento propício para a conquista, para o início de um namoro (...)*”

## Ensaio no Lázio

*Até meados dos anos 60, quando houve a grande revolução do rock, dançar a dois, à moda tradicional, era muito importante. Por isso os jovens - particularmente os rapazes - que não podiam fazer feio, tratavam de aprender os passos das mais variadas danças. Já corriam os anos 40 quando a minha curiosidade voltou-se para o salão do Lázio, às quartas-feiras, à noite. Eu freqüentava as aulas de ginástica no clube, mas, naquela noite da semana, tudo era fechado para poder receber apenas rapazes: eram os famosos ensaios do Lázio. Mulheres e crianças não...*

*A nós crianças, sempre movidos pela curiosidade, restava pendurar-se às altas janelas que davam para a Rua Rio Branco e, de lá, presenciar o curioso ritual da época: baile de homem com homem!!! Depois as explicações. Eram amigos, já dançarinos, ensinando a amigos e parentes a difícil arte de mover os pés, acompanhando fox, samba, fox-trote, valsas e outras danças da época.*

*Tudo era organizado de acordo com um baile comum: orquestra, parafina no salão e olhar atento dos mestres-salas... Apenas os pares... homens, só homens. Imaginem a gozação da molecada!!! (Oscar Garbelotto)*



*O Bando da Lua e seu Jazz, em foto da década de 1930. Animava os bailes ocorridos no Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal e no Clube Esportivo Lázio. A partir da esquerda: a pianista Elisa, Veríssimo, Mário, Antônio Fernandes, Baiano, Casério Veronesi e João Barile. Em primeiro plano, Agostinho Pannunzio e Maria Fiori*

Por tais razões, os bailes geravam uma grande expectativa entre seus frequentadores. Daí a necessidade do apelo aos ensaios de dança, principalmente por parte dos mais tímidos e embaraçados.

Há registro da organização de ensaios dessa natureza no São Caetano Esporte Clube. Segundo consta, em 1923, Júlio Marcucci, então procurador da agremiação, propôs a realização de um concurso de dança. Aprovado o regulamento, que, entre outras coisas, previa a entrega aos vencedores de uma medalha de prata (cavalheiro) e de um leque (dama), foi dado início aos preparativos para o evento. Devendo constar de uma valsa francesa, o concurso gerou euforia e expectativa entre os sócios do São Caetano. Tanto é que Américo Poli e mais 14 associados chegaram a pedir autorização para a organização de ensaios, a fim de se prepararem adequadamente para o grande dia. Conforme informações contidas no livro *Uma História de Campeões*, do jornalista Ademir Medici, a autorização foi concedida, mas aos frequentadores de tais ensaios coube o pagamento semanal de 500 réis à diretoria do clube.

Uma nota publicada em 11 de agosto de 1929, na coluna social do *São Caetano Jornal*, comprova a seriedade com que a dança era tratada na cidade, graças até aos frequentes bailes que empolgavam a sociedade local. Em tal nota, divulgou-se a notícia de que o Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal abria um curso de dança para “proporcionar aos seus inúmeros associados ocasião para se aperfeiçoarem nesse elegante esporte”. A nota apontou ainda o nome de Vicente Panariello como o escolhido pelo clube para dirigir a empreitada.

O semanário *São Caetano Jornal* também dava ampla cobertura, em sua coluna social, aos bailes ocorridos na

cidade. Levando em conta que as agremiações promoviam bailes rotineiros (ou seja, os que ocorriam nos finais de semana, como as matinês e soirées domingueiras) e bailes comemorativos de datas especiais, como ano novo, carnaval etc, o *São Caetano Jornal* não passava uma semana sem registrar os que estavam sendo preparados pelos clubes ou os já realizados. Por exemplo, no dia 10 de fevereiro de 1929, o jornal noticiou a programação estabelecida pelos clubes Ideal, São Caetano, Monte Alegre e Saldanha da Gama para a comemoração do carnaval daquele ano, informando as *partidas dançantes* à fantasia que seriam organizadas por cada um deles. Uma semana depois, mais precisamente na edição de 17 de fevereiro, o jornal publicou matéria apontando, com detalhes e humor, o desenrolar da festa no Grêmio Ideal e no Monte Alegre Futebol Clube. Alguns trechos são apresentados abaixo.

*Revestiram-se de máximo brilhantismo os festejos a Rei Momo, levados a efeito pelo conhecido Grêmio Ideal.*

*Nada deixaram a desejar as pomposas partidas dançantes à fantasia, realizadas nos dias dedicados ao imperador da alegria.*

(...)

*Cada um possuía a sua fantasia, a sua máscara. (...) Entre elas destacamos: Lydia T., admirável Maria Antonieta; Escolastica L., graciosa pierrô (...); a pequena Malavasi, linda turquinha (...); Zezito, um galante pirata; Lydio, um estupendo carlitos-pirata; Esperidião, muito bem em seu jovem fraque; Ernesto, impagável em seu terninho branco; Laurindo e Joãosinho, irriquietos com suas barulhentas gaitinhas (...); o Paolone quase que pereceu asfixiado no meio de tantos confetes e lança-perfumes; o*



*Durante limitava-se a soltar gostosas gargalhadas; o Octavio Tegão divertia-se em atirar confetes e serpentinas. (...) Sylvio Buzo, o extraordinário barqueiro e depois Jeca-Tatu, foi o herói, pois soube conquistar os prêmios de fantasia original e ridícula (...)*

*E, destarte, na melhor harmonia e franco entusiasmo, foram fechadas com “chave de ouro” as homenagens ao querido Momo em sarau dançante, abrilhantado pelo irrepreensível jazz-band Ideal.*

*O Cine Parque Monte Alegre viveu (também naquele carnaval) horas alegres e agradáveis (...), pois o simpático Monte Alegre F.C. fez aí realizar os seus bailes à fantasia (...) Dentre as lindas fantasias pudemos notar as seguintes: (...) Paschoalina e Josephina Adduci, interessantes borboletas; Adelia Adduci, altiva colombina (...); Maria Adduci, curiosa meia-lua; Julia Fernandes, Clara Rayes, D. Philomena Molinari, Drucina Coppini, perfeitas espanholas; Francisco Paulino Mello, interessante chinês; Angelo Duran, destemido toureiro; Américo Marzano, bravo sportman (...)*

*O jazz-band Americano, dirigido pela exímia pianista D. Elisa Nelsen Rego de Abreu, mereceu calorosos aplausos (...)*

A intensa programação de bailes era suspensa durante a Quaresma, sendo somente retomada no Sábado de Aleluia (véspera da Páscoa), ocasião na qual os clubes preparavam grandes e animadas festas. Foi numa dessas ocasiões que a sociedade local presenciou uma hilária e fictícia cerimônia de casamento.

O fato ocorreu no São Caetano Esporte Clube, em 1934, graças à iniciativa de um grupo de 13 amigos que se autodenominaram *Bloco dos Livres* (pois nenhum deles tinha namorada) e do qual faziam parte Vicente Genga, Antônio

Naranjo, João Dal'Mas, Reinaldo Lodi, Adelino Gallo, Francisco Adelino Fiorotti, entre outros. Durante os preparativos para o casamento, ficou decidido que Reinaldo Lodi seria o noivo, Colletta (morador do Ipiranga) a noiva, Naranjo e Gallo os padrinhos, Linda Molinari e Carmela Capuano as madrinhas. Dal'Mas ficaria com o papel de padre e Fiorotti com o de coroinha. No dia do baile, reuniram-se na venda de Eduardo Lorenzini (que ficava em frente à Matriz Velha), de onde iniciaram um desfile pelas ruas 28 de Julho, Rio Branco e Perrella, indo até às antigas porteiras da estrada de ferro, antes de entrar no clube. Vestidos a caráter, foram acompanhados por fogos e uma banda musical, cujos membros não sabiam tocar nenhum instrumento, o que deixou o fato ainda mais engraçado. Quando entraram no clube, o Baile de Aleluia estava no começo. Todos a postos, a fictícia cerimônia foi então iniciada. “O padre Dal'Mas fez o sermão, a benção. Logo após a valsa dos noivos, a grande festa do São Caetano Esporte Clube prosseguiu animada”, conforme Oscar Garbelotto, na narrativa que fez sobre o divertido episódio no 18º número da Revista *Raízes*.

Esse foi o primeiro Baile de Aleluia que o São Caetano realizou em sua sede da rua Perrella. Inaugurada no dia 9 de dezembro de 1933, apresentava grande estrutura. Seu salão de bailes possuía uma área de 350 m<sup>2</sup> e um formidável palco que se igualava aos importantes teatros da época.

### **Festivais dramático-dançantes e outros mais**

Quando o São Caetano Esporte Clube inaugurou sua sede da rua Perrella, a cidade apresentava um crescente

*Sábado de Aleluia de 1934, no São Caetano Esporte Clube. Em destaque, os participantes do casamento fictício, organizado pelo Bloco dos Livres. À esquerda, os padrinhos Antônio Naranjo e Linda Molinari. Atrás desse casal, Francisco Adelino Fiorotti e João Dal'Mas (de chapéu maior). Ao centro, os noivos Reinaldo Lodi e Colletta. Na seqüência, os padrinhos Carmela Capuano e Adelino Gallo. As crianças, ao centro, são Ítalo Dal'Mas e Norma Marcucci*



desenvolvimento cultural. O trabalho dos grupos amadores de teatro, pertencentes a clubes locais, foi um dos fatores geradores de tal situação. As peças teatrais, chamadas genericamente de *dramas*, eram freqüentemente encenadas na cidade. Assistir às montagens era um dos programas sociais mais importantes e badalados da São Caetano de antigamente. Isso porque a população, além da oportunidade de prestigiar o desempenho de competentes e dedicados atores de grupos cênicos locais, era, logo após os espetáculos, brindada com animados bailes. Por tal razão, os eventos dessa natureza ficaram conhecidos como festivais dramático-dançantes.

Já no primeiro ano de circulação, em 1928, o *São Caetano Jornal* passou a divulgar, praticamente toda semana, os mencionados festivais, tal era a freqüência com que eram realizados pelos clubes. Entre estes últimos estavam agremiações como o Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, o São Caetano Esporte Clube, o Monte Alegre F. C., o Clube Flor do Mar, o A.A. Almirante Saldanha da Gama etc. Posteriormente, outras entidades surgiram na cidade, também promovendo concorridos festivais dramático-dançantes.

Foi o caso do Clube Esportivo Lázio, fundado em 1º de maio de 1930, do Grêmio Recreativo 14 de Julho e do Grêmio Recreativo Dramático Dançante Guarany.

Em algumas edições de 1928 e 1929 do *São Caetano Jornal*, encontraram-se referências a festivais organizados por uma entidade denominada Sociedade Recreativa Dramática Dançante Monte Alegre. Pesquisas mais aprofundadas poderão apontar informações preciosas a respeito de sua origem, desvendando, assim, se havia ligação de ela e o Monte Alegre F. C., hipótese esta bem provável. Mas isso é tarefa para uma outra ocasião, cabendo, de imediato, a retomada do assunto sobre os festivais dramático-dançantes.

Como já foi dito anteriormente, a ida a bailes era um programa que envolvia toda a família, assim como os festivais dramático-dançantes. Nestes, era grande a cooperação do público. Segundo relatos, a própria platéia, após o espetáculo, incumbia-se de retirar do meio do salão as cadeiras para que, desta forma, o baile pudesse começar. Oscar Garbelotto, no livro *Uma História de Campeões: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*, ao

retratar os festivais dramático-dançantes realizados pela agremiação, afirma:

*Terminada a sessão de teatro, diretores, voluntários e as crianças retiravam as cadeiras do meio do salão colocando parte nas laterais onde as famílias se sentavam e outra parte ficava fora do salão para dar espaço à pista de dança. Uma breve limpeza do assoalho e fubá e parafina espalhados pelo chão iriam permitir o deslizamento necessário para os pés-de-valsas. E lá ia o baile até às quatro da manhã, inclusive com a presença das crianças dormindo nas cadeiras, após cansarem com as brincadeiras de escorregar pelo chão e correr pelo mezanino no salão da Rua Perrella.*

(...)

*Às peças e bailes compareciam todas as famílias locais. Eram sempre eventos sociais de muita importância para São Caetano e momento de reencontro entre famílias. Daí o comparecimento de toda a família (...) Era comum, durante os espetáculos, ver mães amamentando seus filhos.*

Além dos dramático-dançantes, outros festivais agitaram a cidade. Ao divulgar os eventos sociais que mobilizavam a população, no final da década de 1920, o *São Caetano Jornal* registrou a organização de diferentes e sugestivos festivais, entre os quais os esportivo-dançantes, os lítero-dançantes e os cômico-dançantes. Estes últimos, na verdade, distinguiam-se dos dramático-dançantes apenas em relação ao gênero da peça encenada. De acordo com aquele semanário, no dia 6 de julho de 1929, realizou-se um festival cômico-dançante, no antigo Cine Parque Monte Alegre. Na ocasião, o Grupo dos Quebrados apresentou “a hilariante farsa cômica,



*Abençoados pontapés”*. Na seqüência, “um pomposo baile familiar” encerrou o evento. Seis meses antes, o mesmo jornal noticiou a realização de um festival lítero-dançante, com os seguintes termos:

*Na sede social do Grêmio I. R. Ideal realizou-se terça-feira última um grandioso festival lítero-dançante, promovido pela filial da Sociedade Lituana do Brasil, que esteve bastante concorrido no meio da maior harmonia, até as primeiras horas do dia seguinte.*

É de se supor que tal festival, em razão da denominação recebida, tivesse, em sua primeira parte, apresentações literárias. Por outro lado, os detalhes sobre o modo como se desenrolavam e os gêneros que abordavam devem ficar por conta da imaginação, uma vez que nenhuma informação objetiva a respeito foi encontrada. Já em relação aos festivais esportivo-dançantes, as informações existentes são minuciosas e precisas, tais como as encontradas na edição de 30 de junho de 1929, do *São Caetano Jornal*. Na ocasião, foi noticiado que o São Caetano Esporte Clube estava preparando, para o dia 6 de julho, um festival daquela natureza a fim de promover um encontro entre suas equipes de tênis de mesa (naquela época, ainda, chamado de

*Convite para o festival dramático-dançante, organizado pelo Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, no dia 12 de janeiro de 1935, por ocasião da passagem de seu 13º aniversário. Na ocasião, o clube possuía sede na rua Santa Catarina*



*Flagrante de uma das edições do Baile da Pipoca, na década de 1960*

pingue-pongue) e as do Aliança do Norte, de São Paulo. Após a divulgação dos confrontos previstos, o jornal encerrou a matéria anunciando o “*grandioso baile familiar*” que também estava sendo preparado para o evento.

Enfim, momentos especiais sempre ensejavam a organização de bailes. Essa tradição manteve-se nas décadas posteriores, adquirindo, naturalmente, diferentes roupagens, conforme as adaptações aos costumes e valores de cada período histórico.

### **E os embalos continuaram**

Já na década de 1920, a cidade começou a apresentar sinais de crescimento econômico. Ao longo das duas décadas seguintes, esses sinais se intensificaram de tal modo que criaram condições para a elevação de São Caetano à categoria de município, após dois anos de campanha autonomista (1946-1948). Vale lembrar que uma campanha desse porte já havia sido observada, sem sucesso, na cidade, em 1928.

Com a obtenção da autonomia político-administrativa, São Caetano passou a ter perspectivas de desenvolvimento. Mas muita coisa tinha de ser feita e coube aos primeiros prefeitos e aos vereadores das primeiras legislaturas

a missão de estruturar os vários setores do recém-criado município. Nesse período, a vida social da cidade tornou-se ainda mais intensa. O surgimento de novas agremiações esportivas, recreativas e estudantis (entre estas o Grêmio Estudantil 28 de Julho e o Centro Acadêmico de São Caetano do Sul, fundados, respectivamente, em 1954 e 1955) contribuiu muito para isso.

No tocante aos bailes, pode-se afirmar que as opções se diversificaram ainda mais, diante de tal situação. Aos já conhecidos e consagrados, como os organizados pelos clubes em datas especiais do ano e as tradicionais domingueiras, somaram-se outros que, em razão da grande aceitação do público, tornaram-se bailes *obrigatórios* na programação social anual de São Caetano. Foi o caso dos bailes da Pipoca, do Pingüim, do Calouro, do Baile Branco, entre tantos outros, que também marcaram época em São Caetano do Sul.

O Baile da Pipoca era uma grande festa junina promovida pela Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acasc), entidade fundada em 24 de janeiro de 1957. Entre as principais atrações estava a apresentação de quadrilha, um dos momentos mais aguardados do baile. Foi realizado, pela primeira vez, em 14 de junho de 1958, no Clube Comercial, antigo Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal. A animação desse primeiro Baile da Pipoca ficou por conta da orquestra de Totó e da cantora Juanita Cavalcante.

O Baile do Pingüim, organizado pelo Grêmio Estudantil 28 de Julho, era outro evento que gerava expectativa em São Caetano. E não podia ser diferente, pois prestava homenagem às pessoas que se destacavam nos diferentes setores da sociedade sul-sancaetanense. Sua primeira edição ocorreu em 15 de agosto de 1959 e

integrou as comemorações do quinto aniversário daquela agremiação estudantil. Realizado no Clube Comercial, contou com a animação da premiada orquestra de Pocho.

Outro baile promovido por uma agremiação de estudantes era o Baile do Calouro. Anualmente, o Centro Acadêmico de São Caetano do Sul, entidade que congregava os universitários residentes na cidade, preparava a festa. A primeira foi realizada em 2 de maio de 1959, também no Clube Comercial, sendo abrilhantada pela famosa orquestra de Sylvio Mazzucca. O Baile Branco, por outro lado, era o luxuoso evento de apresentação das debutantes à sociedade de São Caetano. Promovido pelo Lions Clube local, foi realizado, pela primeira vez, em 1º de junho de 1963, nos salões do Clube Comercial e da Acascs, localizados no Edifício Vitória (esquina das ruas Baraldi e Santo Antônio).

Neste sentido, cabe também menção a um baile dessa natureza promovido pelo General Motors Esporte Clube, em 1959. Segundo informações contidas no *Jornal de São Caetano*, o evento em questão, denominado Baile Azul e Branco, ocorreu em 30 de maio, nos salões do clube. Abrilhantado por Zezinho da TV e sua orquestra, apresentou as debutantes “*pertencentes à família geralense*”.

Quando o primeiro Baile Branco foi organizado, São Caetano do Sul estava sob a euforia inicial da chamada *beatlemania*. Em razão disso, a participação de conjuntos de rock nos bailes ocorridos na cidade passou a ser cada vez mais constante, ao longo da década de 1960. Sendo assim, as tradicionais orquestras, que, até então, reinavam de forma absoluta, tiveram de dividir espaço com aqueles conjuntos, dos quais podem ser destacados *Os Botões* e

*Porão 99*. Foi sob este contexto que bailes como o dos Paqueras e o Loloyan surgiram em São Caetano. Muito irreverentes, eram sempre animados por bandas de rock. O *Jornal de São Caetano*, na edição de 17 de fevereiro de 1968, ao divulgar aquele último baile, informou que o traje apropriado para quem fosse prestigiá-lo era o hippie. E foi sob a influência do movimento que pregava *paz e amor* a um mundo conturbado pela Guerra Fria que os embalos continuaram na São Caetano do final dos anos 60.

Na década seguinte, foi a vez da disco music pedir passagem. Motivados por essa tendência, novos espaços de dança se espalharam pela cidade, como, por exemplo, as discotecas Papadopulus, Master, Fábio’s, Tommy’s, Hipnosés 2000, Discotheque 54 e Skilu’s. Para acompanhar esta febre, clubes como o São Caetano, o Monte Alegre e o Cerâmica passaram também a promover bailes ao som dos ritmos da disco music. Tamanha era a repercussão desse gênero que até um concurso de dança de discoteca, intitulado Dancing Night, foi organizado na cidade, em 1978. O palco desse evento foi o antigo Buso Palace, que ficava na avenida Goiás, 3.363. A era disco deixava, assim, a sua marca em São Caetano, da mesma forma que, em outras épocas, o fox-trote, o samba-canção, o tango, a valsa, o bolero, o rock e outros ritmos deixaram a sua nos bailes que agitaram e embalaram a cidade.

---

(\*) *Cristina Toledo de Carvalho, historiadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

# Orquestra enche a frente e os fundos



domingo?

Os jovens da cidade, como programa básico, iam à missa das 10 horas, na Matriz Sagrada Família (que completou 70 anos desde a sua inauguração em 1937). Os rapazes vestiam terno e gravata e as moças trajavam seus vestidos mais lindos. Melhor seria dizer que as moças iam participar da missa, enquanto os rapazes iam participar da *saída da missa*.

Após a missa, uma rápida paquera na praça e as moças seguiam para programas caseiros, enquanto os rapazes simplesmente perambulavam. Para quem conhecia os hábitos de muitas cidades do interior paulista, a situação chocava pela monotonia. Afinal, todas as cidades que se prezavam tinham seus clubes que

São Caetano, final da década de 50. Vocês se lembram da rotina das manhãs de

recebiam os jovens após a missa dominical para reuniões musicais ou dançantes, encontros alegres que se prolongavam até a hora do almoço.

Curiosamente, quase todas as cidades tinham esses clubes com os mesmos nomes, tais como: *Recreativa...* ou *Tênis Clube...* ou *Automóvel Clube*, entre outros.

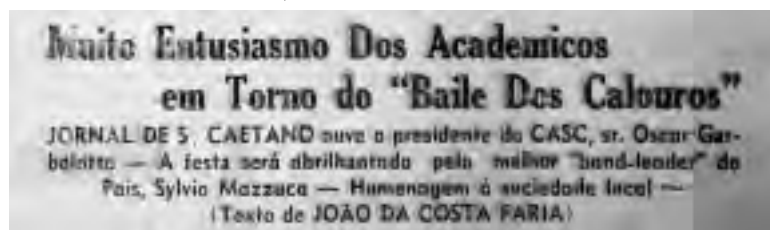
O *Centro Acadêmico de S. Caetano*, precisamente em 1958, possuía uma diretoria que acabara de assumir o seu mandato. Vários diretores traziam experiências de cidades do interior, conforme foi mencionado acima, nas quais os hábitos sociais eram um pouco diferentes de São Caetano.

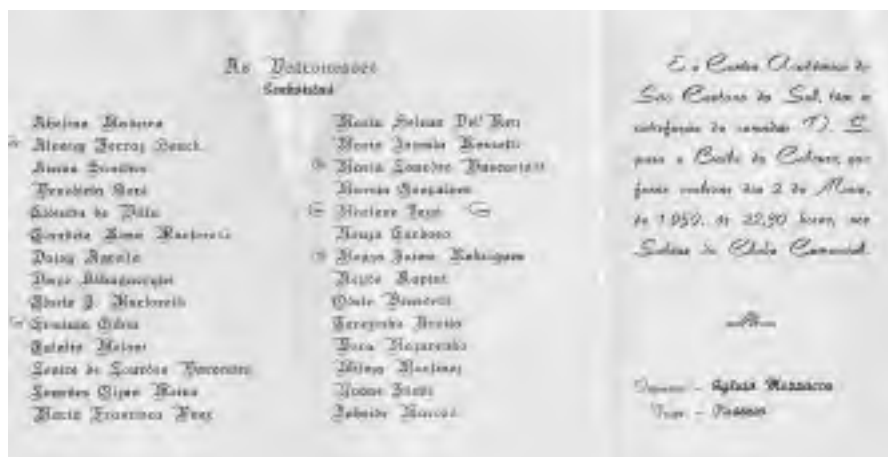
O espírito da nova diretoria era o de integrar a juventude de forma mais participativa, como nas outras cidades. E, dentro dessa filosofia, os diretores se questionaram: *Por que nas cidades do interior se consegue realizar bailes, com grandes orquestras, e nós, em São Caetano, não conseguimos?*

A partir deste ideal é que se conta a história do primeiro *Baile do Calouro*, que foi exatamente a resposta ao desafio: *Por que não promover um tremendo baile e, logo de cara, com a melhor orquestra do Brasil?*

A juventude de São Caetano, no início de 1959, começava a se agitar com a

Publicado no *Jornal de São Caetano*, em 4 de abril de 1959





Frente e verso do convite  
do Baile dos Calouros

perspectiva de ver, pela primeira vez na cidade, a orquestra mais famosa da época. No auge de sua carreira o maestro Sylvio Mazzucca comandava a mais requisitada orquestra de bailes de São Paulo e do Brasil.

Para contratar Sylvio Mazzucca era necessária uma enorme antecedência, 50% do preço (caríssimo) no ato da reserva e os outros 50% antes de o baile começar. Se pagasse, haveria baile; se não pagasse, a festa acabava antes de iniciar.

O desafio foi enfrentado e empreendido pela diretoria, de quem gostaríamos de lembrar todos os nomes e cargos, mas, infelizmente, a memória virou apenas vislumbres e estes já não são tão bons quanto aqueles diretores foram para o Centro Acadêmico e para São Caetano. Assim, vamos nomear os que pudermos recordar, deixando de lado os títulos que hoje eles possuem e lembrando-os, simplesmente, como *acadêmicos* sonhadores e corajosos.

O presidente era Oscar Garbelotto; o vice-presidente Paschoal Giardullo; o tesoureiro Ayrton Filleti; o diretor social Norberto Victor Barile; também participavam os irmãos Gelson e Marlene Iezzi, Leopoldo Luiz, Arnaldo Bellotto, Marcos Rezende, Walter Dal'Bó, Delmo

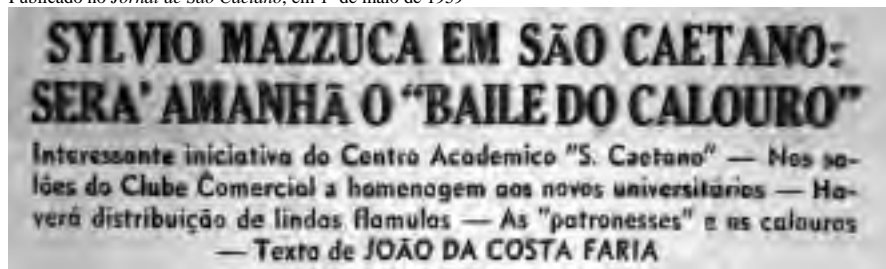
Nicoli e Arnaldo Sante Locoselli e outros que, por favor, nos perdoem e, melhor que isso, nos contatem para que, oportunamente, possamos fazer-lhes menção, memória e justiça.

Se sobrava ideal a essa turma, o que realmente faltava era grana. Os ingleses têm uma expressão apropriada para essa situação, ou seja, quando o problemação é esse, eles dizem "*it's only money!*" (é uma simples questão de dinheiro!).

Os nossos arrojados empreendedores, ao decidirem tal empreitada, sabiam perfeitamente que não havia dinheiro no caixa do Centro Acadêmico. O que fizeram então?

Oscar Garbelotto e Paschoal Giardullo foram falar com o Sr. Verino Ferrari, diretor do Banco Real. Graças a uma boa conversa, ou como se dizia na época, graças à lábia, e também aos sobrenomes respeitados de nossos personagens, eles saíram do banco com um empréstimo. A promissória foi assinada pelos dois, mais o tesoureiro Ayrton e, para completar a façanha, com o aval do Sr. Hermógenes Walter Braido (também diretor do banco).

A diretoria arriscou tudo: a própria idoneidade, a reputação do Centro



Acadêmico e, até mesmo, o bom nome da cidade.

Se eles tivessem parado para pensar em tudo isso não teriam contratado a orquestra. O fato é que, no ardor da juventude e da ousadia, eles não cogitaram a lei das probabilidades, que só se aprende com a vivência ou estudando Estatística. Ou seja, não eram apenas 50% e 50% as parcelas a pagar, mas também 50% e 50% as possibilidades de dar certo ou errado o enorme investimento no baile.

Quais as garantias que eles teriam oferecido ao banco? Sabe-se que, se fosse necessário um penhor de bens, o Centro Acadêmico poderia oferecer: as mesas de mini-snooker e de pebolim, um armário velho e um tabuleiro de xadrez com todas as peças.

Para contratar a orquestra, Oscar Garbelotto escalou Delmo e Leopoldo para tentar convencer Sylvio Mazzucca e, quem sabe, conseguir alguma vantagem. Com a já citada lábia, os dois conseguiram fazer com que o empréstimo desse para pagar o sinal da orquestra e ainda sobrou algum dinheiro para pequenas despesas iniciais.

Na época, o maestro teve receio de *levar um chapéu* (linguagem da época), ou *pagar um mico* (linguagem atual), da turma de São Caetano. A prova disso foi uma imposição de que pagassem, em dinheiro vivo, os 50% restantes no dia do baile diretamente nas mãos do Sylvio Mazzucca e, lógico, antes do começo da festa.

Por causa disso, este seria o primeiro baile em São Caetano no qual as damas pagariam, um verdadeiro escândalo para a época. Diante da repercussão

negativa dessa notícia, e antes que isso atrapalhasse o evento, a criativa diretoria saiu a campo para tentar contornar a situação.

Primeira saída: as damas só pagariam meio convite, o que também não soou nada atraente.

Segunda saída: as damas poderiam se tornar patronesses, condição esta que lhes permitiria ganhar quatro convites e mais mesa de pista. Esta solução foi considerada uma jogada de mestre em matéria de marketing. Sendo patronesses, as moças ainda figurariam em fotos e reportagens no jornal da cidade e teriam seus nomes nos convites, além de terem direito a um coquetel de apresentação das patronesses, que seria realizado no próprio Clube Comercial.

Mas o que as patronesses teriam de fazer para ganhar estes benefícios? Elas deveriam vender apenas quatro mesas e 40 convites cada uma. Como a vaidade feminina não diminui nem cresce com o passar do tempo, porque ela sempre foi e será infinita, diversas patronesses apareceram no Centro Acadêmico.

Já mencionamos que a diretoria do Centro Acadêmico era ativa e criativa; pois bem, se grande parte da divulgação do baile já estaria garantida pelas patronesses, a outra parte ficou por conta da divulgação simples, prática e barata que os próprios diretores criaram.

Foram feitas duas enormes placas pintadas com os dizeres alusivos ao baile (data, local, horário e outras informações) e a figura de um enorme burro com o sugestivo título *Baile do Calouro*. Esses cartazes foram inteligentemente colocados junto às bilheterias do *Cine Max* (graças aos Lorenzini) e do *Cine Vitória* (graças aos Dal'Mas). Basta lembrar que estes eram os dois cinemas mais centrais, mais conhecidos e mais freqüentados da cidade.

A partir daí, a repercussão do



evento cresceu exponencialmente com o passar do tempo, de tal modo que, na noite do baile, dia 2 de maio de 1959, uma verdadeira multidão de jovens se amontoava em frente ao Edifício Vitória (ruas Baraldi, Roberto Simonsen e Santo Antônio), onde ficava o Clube Comercial, palco da festa.

Esbaforidos, suados e de terno e gravata, Oscar e Ayrton corriam de um lado para outro, atônitos com a efervescência reinante à porta do salão e ansiosos para pagar o maestro Sylvio Mazzucca antes do início do baile.

A jogada genial das patronesses fora decisiva para o resultado final: todas as moças bonitas disponíveis em São Caetano estavam lá naquela noite. Por conseguinte, todos os rapazes bonitos, feios ou sem classificação definida de beleza, de São Caetano e de fora, tinham ocorrido ao acontecimento.

Uma hora antes do início do baile, o salão do Comercial já estava lotado. Oscar combinou com Ayrton que mais alguns convites poderiam ser vendidos pelo dobro do preço original. E os moços continuavam se acotovelando na entrada do salão e pagando um caro passaporte para ver as belezas presentes.

Ayrton, como futuro engenheiro, fazia contas tentando descobrir se a lotação máxima já fora atingida ou se caberia mais gente. Na dúvida, ele optou por vender mais alguns poucos ingressos. Porém, como bom tesoureiro, vendeu ao preço de quatro vezes o valor prévio dos convites. Finalmente, Oscar, Ayrton e um dos responsáveis pelo Clube Comercial decidiram fechar as entradas do salão. Quem conheceu as dependências do Clube Comercial sabe muito bem o que significou receber duas mil pessoas naquela noite!

Oscar e Ayrton, por medida de segurança, guardaram o dinheiro vivo dos

convites em todos os bolsos possíveis e em quantidades cabíveis. A habitual silhueta magra dos nossos dois personagens contrastava com a proeminente gordura virtual projetada pelos bolsos inflados de grana.

Um pouco antes do início do baile, o público estava espremido em todos os espaços do Clube Comercial. Do lado de fora, alguns moços inconformados queriam saber se, pagando mais do que quatro vezes, era possível conseguir um convite.

Finalizada a exaustiva, mas gratificante, cobrança de convites, os diretores correram em direção ao maestro para descarregar os incômodos fardos de dinheiro que estavam em seus bolsos.

Ao entrarem no corredor que dava acesso ao palco, eles viram os músicos, todos a postos e maravilhosamente trajados, e o maestro, com aquela cara feliz de quem já reconhecera o sucesso retumbante alcançado por aqueles que ele, tempos atrás, tinha até imaginado *como tratantes* e que, agora, comprovavam orgulhosamente sua condição de *contratantes*.

A cena a seguir é antológica e, se ainda não foi devidamente inscrita nos anais da história do Centro Acadêmico, fica a sugestão para os arquivos da Fundação Pró-Memória.

Imaginem, frente a frente, a figura elegante do maestro Sylvio Mazzucca em seu impecável smoking e os queridos diretores, com pinta de malotes de dinheiro, discutindo para valer: o primeiro, porque decidira só receber a grana depois do baile; e os segundos, porque queriam desfilarem e dançar no salão, mas de que jeito com aqueles enchimentos nos bolsos?

A discussão estava se agravando quando o bom senso prevaleceu e todos, de comum acordo, resolveram acertar o pagamento antes, nem que fosse

# O DOCE "CALVÁRIO DOS CARECAS"

Três eram os grandes eventos sociais da época: o *Baile Branco*, do Lions Centro, o *Baile da Pipoca*, da ACASCS, e o *Baile do Calouro*, do Centro Acadêmico. Este último era o preferido da juventude estudantil, pois apresentava à sociedade os novos acadêmicos da cidade.

Diz a história que a idéia de cortar o cabelo dos novos estudantes nasceu na Universidade de Coimbra, por iniciativa dos universitários nobres para recepcionar os menos nobres: com a desculpa de que os estudos deveriam ser priorizados, todo estudante que fosse encontrado perambulando pelas ruas de Coimbra, após a meia noite, tinha o seu cabelo raspado. Era o *Calvário dos Carecas*.

Essa tradição milenar transportou-se para os tempos contemporâneos, ficando arraigada à nossa cultura. Oscar Garbelotto e sua atuante Diretoria encontraram uma fórmula de amenizar o calvário dos novos carecas: os acordes da melhor orquestra brasileira de então, Sylvio Mazzuca, e a inspiração do rei da valsa, Johann Strauss II.

Era motivo de orgulho pertencer ao *Jornal de São Caetano*. Ricardo Amaral e Ibrahim Sued eram os colunistas sociais de maior prestígio no país e, ao lado dos amigos Alécio Strabelli e Osvaldo Nadal, idealizamos a *Ronda Social*, sendo comum encontrar, até hoje, pessoas com recortes das notinhas, a maioria na base de trocadilhos. Era muito lida. Certa feita, coloquei na capa uma expressiva foto de uma moça da cidade, reputando-a como a *mais bonita da cidade*. Era uma patronesse. O telefone da redação não parou de tilintar a semana inteira, atrás do diretor Nicolau Delic: *...eram as mães das outras moças, reclamando....* Quase perdi o emprego... (João da Costa Faria)

necessário atrasar o início do baile. Afinal de contas, quem iria reclamar depois da verdadeira odisséia para conseguir entrar no salão?

Sylvio Mazzucca só reclamou mesmo de ter de desamassar tanto dinheiro, enquanto que os nossos dois personagens, satisfeitos da vida depois de darem um jeitinho para descarregar o resto da grana que ainda sobrou, voltaram triunfalmente ao salão e entraram de cabeça no baile. E de cabeça erguida.

O resultado do baile foi algo fora de qualquer previsão mais otimista e a alegria dos diretores maior do que o lucro.

A maioria dos membros daquela diretoria, responsável pelo estrondoso sucesso do evento pioneiro, felizmente está viva. Hoje, são *seminovos* (muito melhor do que velhos), e a eles podemos atribuir a possibilidade de terem criado duas profissões: a de *cambista*, que, mesmo que já existisse, ganhou um cunho muito mais profissional, e a de *marqueteiro* (temos a convicção de que Periscinoto, Olivetto, Medina, Guanaes e outros aprenderam muito sobre o assunto com os diretores do Centro Acadêmico).

Dias depois, o tesoureiro Ayrton, com caixa suficiente, foi realizar um velho sonho da diretoria. Comprou o tão almejado jogo de camisas de futebol, vermelhas e brancas, finalmente dando o primeiro uniforme ao Centro Acadêmico!

Como é óbvio, o título desta história se refere ao público que a orquestra reuniu na *frente* do Clube Comercial e aos *fundos* (dinheiro) com os quais ela encheu o caixa do Centro Acadêmico.

O melhor da história, porém, é relembrarmos que aqueles jovens diretores enxergaram São Caetano como uma grande família, que merecia o esforço e a oportunidade de participar do que de melhor e mais agradável a sociedade local

# “BAILE DO CALOURO”: NOITADA SOCIAL DE GRANDE ENVERGADURA

O “band-leader” Sylvio Mazzuca mostrou o “porque” de seu prestígio artístico — Houve de tudo na Valsa do Calouro: até “rock and roll” —  
— Pessoas presentes — (Reportagem de João da Costa Faria)

poderia almejar. A orquestra de Sylvio Mazzuca representou um marco na vida social da cidade e, a partir deste baile, abriram-se as portas para as grandes apresentações musicais que se seguiram. Logicamente, este evento se consagrou com o nome de *Baile do Calouro* e foi repetido muitas vezes, servindo como marca registrada para a apresentação dos novos universitários da cidade, a cada ano.

## *Calouros a ser Homenageados*

(extraído do *Jornal de São Caetano*, 1º de Maio de 1959)

São os seguintes os calouros que serão homenageados, dos quais todos os sancaetanenses podem se orgulhar: Faculdade de Direito - *Angelin Darcie e Valter Silvestre* (Mackenzie); *Adir Assef Ammad* (São Francisco); Faculdade de Filosofia - *Arnaldo S. Conceição* (Univ. Católica de S. Paulo); *Ana Figueira* (Univ. de São Paulo); Faculdade de Medicina - *Ermani Gianini* (Paulista de Medicina); *Leopoldo Luiz* (Medicina e Cirurgia da Universidade do Brasil); *Marli Cravo* (Medicina de Curitiba); Faculdade de Engenharia - *Clovis Rodrigues e Mario Bernardino* (Politécnica); *Ubirajara Quaglia e Henrique Fernandes Ribeiro* (Mackenzie); Faculdade de Ciências Econômicas - *Toshio Kawakani, Euclides Vetorazzi e Augusto Pompermayer* (Santo André) - Faculdade de Odontologia - *Aurélio Baltser Burse* (Univ. de São Paulo); *José Francisco Bosco de Resende,*

*Airton Salvo, Adolfo Quaglia e Nilton Correia* (Alfenas); Faculdade de Arquitetura - *Haron Cohen* (Univ. Mackenzie).

Aos personagens que aqui citamos e aos que, involuntariamente, deixamos de destacar, mas que, graças a Deus, foram e são nossos amigos, queremos deixar aqui o registro de admiração pelas iniciativas pioneiras, pelo espírito que permitiu dar verdadeiro sentido à palavra confraternização e pela vocação empreendedora. Empreendedorismo, aliás, que foi posto em evidência neste baile e em tantas outras realizações, que enriqueceram aqueles bons tempos e contribuíram para que São Caetano tivesse uma vida social mais bonita e mais gostosa.

Agradecemos pelas alegrias que proporcionaram àqueles que compartilharam dos momentos mágicos, como os narrados nesta crônica, e que nós, singelamente, deixamos aqui assinalados, como homenagem e memória.

---

(\*) *João Tarcísio Mariani, consultor de empresas nascido em São Caetano do Sul*

# A magia do primeiro Baile Branco

Acervo/ Tarcila Mirtes Puccetti



Foto das debutantes de 1963 com o apresentador Tavares de Miranda. Da esquerda para a direita: Ethel Rodrigues Neves, Dagmar Tereza Timpani, Maria Tereza de Barros Araújo, Marisa Torres Campanella, Ana Beatriz de Almeida Santos, Maria José Teixeira Brandão, Tarcila Mirtes Puccetti, Vivien Maria Ferraris, Tavares de Miranda, Silvia Lúcia Guilhermino, Luci Garrido Lourenço, Marilda Ione Dal'Mas, Hedely Maria Perrella, Marli Ferrentini, Maria Lúcia F.Moraes Alves, Ondina Pedro e Elizabete Garbelotto

*“Durante o dia-a-dia, o sol chega mais cedo e demora mais a ir-se embora.*

*À noite, a brisa fresca, o luar, as estrelas.*

*Nos campos, as flores brotando vicejantes.*

*Na alma, uma alegria incontida e esperança se renovam.*

*No salão, flores humanas, florindo em primaveras, abrindo-se em sonhos, sorrindo, dançando e encantando...*

*É o Baile Branco. Um misto de poesia e encantamento ...”*

(Glenir Santarnecki - 1970)



1963. São Caetano do Sul era ainda uma pequena cidade. As jovens encontravam-se em bailinhos caseiros, ante a autoridade do pai em não permitir a saída para festas fora desta pacata cidade. Grandes bailes faziam parte do imaginário das meninas, ao lerem revistas e jornais que, deslumbrantemente, descreviam as pessoas, os vestidos, as orquestras. Mas tudo não passava de um sonho...

Até que, no início de 1963, a diretoria do Lions Clube que se encarregaria dos convites às famílias das

Lions Clube, presidida pelo Dr. Walfredo Ramos Brandão, pensou na organização de um grande baile de debutantes, o primeiro da cidade, uma iniciativa pioneira com finalidade filantrópica: a construção do Lar dos Velhinhos Desamparados.

E assim, no início do ano, começavam os preparativos para o primeiro *Deb*. Seriam convidadas quinze meninas de famílias tradicionais da sociedade sul-sancaetanense.

Foi composta uma comissão organizadora,

debutantes, do salão onde seria realizado o baile, da orquestra, do apresentador das meninas-moças, da escolha da patronesse de honra e de outras tantas atribuições que um baile desse porte pedia.



Acervo/ Ondina Pedro

*Convite do I Baile Branco, realizado em 1 de Junho de 1963*

Dona Nenê Penteado, esposa do Dr. Ruy Penteado (presidente do Lions, eleito para exercer o mandato em 1963/1964), estava determinada a oferecer seus préstimos sociais à entidade e às debutantes para a realização do brilhante baile.

Quinze meninas-moças foram convidadas, o que acabou sendo, ao final, dezesseis. Eram elas:

*Marisa Torres Campanella* – filha de Aracy e Anacleto Campanella

*Ethel Rodrigues Neves* – filha de Diamantina e Luiz Rodrigues Neves

*Hedely Maria Perrella* – filha de Rosalina e Luiz Perrella

*Ondina Pedro* – filha de Aziris e Alberto Pedro

*Silvia Lúcia Guilhermino* – filha de Helena e José Guilhermino

*Marilda Ione Dal'Mas* – filha de Judith e Ettore Dal'Mas

*Maria Lúcia Faleiros Moraes Alves* – filha de Eunice e José Geraldo Moraes Alves

*Tarcila Mirtes Puccetti* – filha de Anésia e Nicolino Puccetti

*Dagmar Tereza Timpani* – filha de Marilha e João Timpani

*Maria Tereza de Barros Araújo* – filha de Irse Ivonete e Argemiro de Barros Araújo

*Vivien Maria Ferraris* – filha de Marion e Giorgio Carlos Ferraris

Marli Ferrentini -

*Elizabeth Garbelotto* – filha de Laura e Antonio Nardino Garbelotto

*Maria José Teixeira Brandão* – filha de Tilde e José Brandão

*Luci Garrido Lourenço* – filha de Luiza e José Garrido Lourenço

*Ana Beatriz dos Santos* – filha de Clara e Ilioti de Almeida Santos

Foram escolhidos os dois salões de bailes do Edifício Vitória, o Clube Comercial e a Acascs. As orquestras contratadas foram a de Breno Sauer, com repertório e ritmos espetaculares, e a de Erlon Chaves, que animariam os salões.

Dona Aracy Torres Campanella, esposa do prefeito Anacleto Campanella, foi convidada para ser a patronesse de honra do grande dia.



*Aracy Torres Campanella*

Acervo/ Marisa Torres Campanella

E assim começavam os preparativos para o baile.

Para o aprimoramento social das debutantes, contratou-se Danuza do Amarante, professora de etiqueta do Rio de Janeiro, que ensinou as meninas a fazer

análise do tipo de pele, correção de traços e maquiagem. A postura social também fazia parte do aprimoramento, como se sentar, levantar-se, como vestir ou tirar um casaco, a estola, como carregar a bolsa, luvas. Tudo fazia parte do que chamavam de *etiqueta*, ou melhor, como se portar em público.

As meninas foram convidadas uma a uma e seus sonhos começaram a se tornar realidade. A euforia tomava conta das debutantes, que pensavam nos seus vestidos, na escolha dos padrinhos para a valsa e contavam os dias para o *deb*.

Em geral, todas estudavam no Externato Santo Antonio ou no Ginásio Estadual de São Caetano (Bonifácio de Carvalho). Como todas as jovens da época, seus ídolos eram Ray Charles, Milton, Santana, Moacir Franco, Ray Conniff e, claro, apreciavam o ritmo do momento: a bossa nova, colecionando LP's de João Gilberto, Tito Madi, dentre outros. Algumas freqüentavam as domingueiras da Acasc, do Bossa Nova Club ou reuniões no Clube dos Castores, enquanto outras participavam de bailinhos familiares realizados em casa.

O aprendizado de piano, violão ou acordeom fazia parte da educação das moças e o esporte, como a natação, o vôlei ou basquete, era o complemento de uma juventude sadia.

E os preparativos para o baile continuavam. Tavares de Miranda, jornalista de São Paulo, ícone das colunas sociais, foi convidado para fazer a apresentação das debutantes. Por ser alguém de renome na sociedade paulistana, era um orgulho tê-lo como mestre de cerimônia de um evento tão esperado.

Grande parte das *debs* mandou confeccionar seus vestidos com a modista mais famosa da cidade, Madame Dorinda Locozelli, que só costurava com tecidos

importados e tinha seu atelier na rua 28 de Julho. Outras modistas da cidade, como Ada Bortoletto, Dona Helenice e Dona Odete Cardoso, também confeccionaram vestidos para algumas debutantes, sempre recorrendo a revistas importadas para a escolha dos modelos e escolhendo tecidos finos, como o shantung, seda, tafetá, renda gypir, brocados e bordados com pedrarias, de acordo com a preferência de cada debutante. Luvas de cetim e sapatos forrados com o tecido do vestido complementavam os luxuosos trajes.



Tarçila Mirtes Puccetti

Acervo/ Tarçila Mirtes Puccetti



Marilda Ione Dal'Mas

Acervo/ Marilda Ione Dal'Mas

Para que todas tivessem um visual impecável, a cabeleireira escolhida foi a Elza, com salão na rua das Esmeraldas, em Santo André, onde todas fizeram seus penteados.

Muitos ensaios foram feitos na

finíssima residência do Dr. Ruy Penteado, que ficava na avenida D. Pedro, em Santo André. No local, também compareceram os pais, para treinar a valsa e receber todas as instruções para a noite do baile, orientados por Danusa Amarante. Todos se empenharam em colaborar para que a festa fosse coroada de êxitos.



Acervo/ Tarcila Mirtes Puccetti

*Pais das debutantes. Da esquerda para a direita: 1- Nicolino Puccetti, 2- Giorgio Carlos Ferraris, 3- (?), 4- Ettore Dal'Mas, 5 (?), 6- Luiz Rodrigues Neves, 7- José Garrido Lourenço, 8- Anacleto Campanella, 9- José Brandão, 10- Moraes Alves, 11- Luiz Perrella, 12- João Timpani. À frente, Danuza Amarante*

destacou-se a presença do presidente do Lions Clube, Dr. Walfredo Ramos Brandão, e do secretário do Lions, Sr. Luiz Rodrigues Neves, além das presenças de Nicolino Puccetti e Giorgio Carlos Ferraris.

Finalmente, o tão esperado dia 1º de junho de 1963.

A sociedade sul-sancaetanense lotava os salões do Comercial e do Acascs, que, pela primeira vez, era convidada a participar de uma promoção desse gabarito.

Na noite do Baile Branco, Marilda Dal'Mas trajava um vestido de tecido francês, em seda pura, com bordados azuis; Marisa Campanella, um vestido de renda valenciana; Hedely Perrella, com vestido em musseline de seda pura, bordado com fitas e canutilhos; Ondina Pedro usava um vestido em tafetá de seda, com bolero de renda gypir; Elizabete Garbelotto, um vestido de tecido brocado, bordado com lágrimas de pérola; Tarcila Puccetti usava vestido em tafetá de seda, vindo da Itália, rebordado com pequenas pérolas; Ethel Rodrigues Neves trajava um cetim natural, bordado com pérolas brancas e lilázes, completando a vestimenta com luvas lilázes; Dagmar Tereza Timpani usava vestido brocado, com uma capa de lamê prateada.



Acervo/ Elizabete Garbelotto

*João Timpani e Dagmar Tereza Timpani*

Na mesma casa foi oferecido um chá para as debutantes, que estavam acompanhadas por suas mães. Na ocasião,



Acervo/ Tarcila Mirtes Puccetti

*Da esquerda para a direita, as debutantes: Tarcila Mirtes Puccetti, Dagmar Tereza Timpani, Maria José Teixeira Brandão, Marisa Torres Campanella, Luci Garrido Lourenço, Ethel Rodrigues Neves, Ana Beatriz de Almeida Santos, Ondina Pedro, Marilda Ione Dal'Mas, Maria Tereza de Barros Araújo, Maria Lúcia F. Moraes, Silvia Lúcia Guilhermino, Elizabete Garbelotto, Vivien Maria Ferraris, Hedely Perrella e Marli Ferrentini*

Acervo/ Ondina Pedro



*Da esquerda para a direita: Ondina Pedro, Maria Lúcia F. Moraes, Dagmar Tereza Timpani e Maria José Teixeira Brandão*

É chegada a hora da apresentação oficial das meninas-moças.

Uma noite de gala. Todas ricamente vestidas, ostentando graça e beleza em flor. Dois salões completamente lotados, com duas orquestras. Todas as debutantes eram alvo de inúmeros elogios por sua graça e elegância. As mesas dos pais estavam dispostas ao redor da passarela. Ao ser chamada por Tavares de Miranda, cada debutante, segurando um botão de rosa vermelha, descia uma pequena escadaria, sendo esperada e recebida por seu pai, que a encaminhava até sua mesa, entregando o botão de rosa para sua mãe.



Acervo/ Tarcila Mirtes Puccetti

*Nicolino Puccetti e Tarcila Mirtes Puccetti*



Acervo/ Ethel Rodrigues Neves

*Tavares de Miranda e Ethel Rodrigues Neves*



Acervo/ Marisa Torres Campanella

*Marisa  
Torres  
Campanella*



Acervo/ Marilda Ione Dal'Mas

*Silvia Lúcia  
Guilhermino,  
Marilda Ione  
Dal'Mas, Luci  
Garrido Lourenço e  
Dagmar Tereza  
Timpani*



Acervo/ Elizabete Garbelotto

*Elizabete Garbelotto e Antonio Garbelotto*



Acervo/ Marisa Torres Campanella

*Anacleto  
Campanella e  
Marisa Torres  
Campanella. Ao  
fundo, Danusa  
Amarante e Tavares  
de Miranda*



Acervo/ Dagmar Tereza Timpani

*Dagmar Tereza Timpani*



Após a chamada de todas as meninas-moças, ao som de uma valsa, todas dançaram com seus pais e, depois, com seus padrinhos.



Acervo/ Elizabete Garbelotto

*Elizabete Garbelotto e Antonio Garbelotto*



Acervo/ Ethel Rodrigues Neves

*Ethel Rodrigues Neves e José Rodrigues Neves Júnior*



Acervo/ Tarcila Mirtes Puccetti

*Ana Beatriz de Almeida Santos dançando a valsa com seu padrinho, Rubens Puccetti*



Acervo/ Marisa Torres Campanella

*Marisa Torres Campanella e Anacleto Campanella*

As debutantes foram apresentadas com um pequeno troféu oferecido pelo Lions e um corte de tecido oferecido pela Matarazzo-Boussac.

Ao final, uma bela jóia - um broche de ouro com rubi oriental, ofertado pela Joalheria Leal - foi sorteada entre as debutantes, cabendo a Dagmar Tereza Timpani o valioso presente.



Acervo/ Elizabete Garbelotto

*Da esquerda para a direita: Hedely Perrella, Ethel Rodrigues Neves, Maria José Teixeira Brandão, Marilda Ione Dal'Mas, Ondina Pedro, Marli Ferrentini, Silvia Lúcia Guilhermino, Tarcila Mirtes Puccetti, Maria Theresa Barros de Araújo, Maria Lúcia F. Moraes Alves, Luci Garrido Lourenço, Elizabete Garbelotto, Marisa Torres Campanella e Maria Beatriz dos Santos*



Acervo/ Elizabete Garbelotto

*Elizabete Garbelotto e Dr. Walfredo Ramos Brandão*



Acervo/ Ondina Pedro

*Da esquerda para a direita: Luci Garrido Lourenço, Maria Theresa de Barros Araújo, Maria Lúcia F. Moraes e Ondina Pedro*

Como finalização da festa patrocinada pelo Lions, todas as debutantes participaram de um chá de encerramento no Clube Comercial, onde desfilaram com seus longos vestidos, num clima de grande descontração, com todos os familiares, adultos e crianças.

Um ano depois, o Lions Clube homenageia as ex-debutantes e, mais uma vez, todas elas emprestam sua graça e beleza em benefício ao Lar dos Velinhos, desfilando os últimos modelos na passarela do Clube Comercial.



Acervo/ Tarcila Mirtes Puccetti

*Tarcila Mirtes Puccetti*



Acervo/ Ethel Rodrigues Neves

*Ethel Rodrigues Neves*

Passados 44 anos do primeiro Baile Branco, a Fundação Pró-Memória conseguiu reunir, em agosto de 2007, algumas debutantes, hoje jovens e simpáticas senhoras, que, num clima de alegria, reviram as fotos e prestaram depoimentos interessantes, pitorescos e engraçados, que ocorreram desde os preparativos até o grande dia.



**Marilda Ione Dal'Mas Bompan** é mãe de Renata Monte Alto e Leandra Benadiba. É avó de Amanda, Bruno, Brenda e Sara.



**Ondina Pedro Quaglia** é mãe de Beatriz Quaglia Pereira e LÍlian Quaglia.



**Elizabete Garbelotto Ramos** é mãe de Rodrigo Garbelotto Ramos, Fernanda Garbelotto Geiger e Paula Garbelotto Foster e avó de Henrique, Isabela e Guilherme.



**Tarcila Mirtes Puccetti** é mãe de Daniela Puccetti Leandrini e Fábio Puccetti Leandrini e avó de Clara.



**Dagmar Tereza Czernysz** é mãe de Elton e Endel Czernysz.

**Hedely Perrella de Rezende** é mãe de Caio Perrella de Rezende e Ciro Perrella de Rezende.

**Ethel Neves Ferreira** é mãe de Luiz Armando Neves Ferreira, Arnaldo de Moraes Ferreira Júnior, Maria Mônica Neves Ferreira e Maria Angélica Neves Ferreira e avó de Isabella, Lucca e Bárbara.

A festa que São Caetano assistiu naquela noite ficará na memória de todos que lá puderam estar. A utopia dos meses anteriores a 1º de junho de 1963 tornou-se uma realidade que fixou, definitivamente, a maioria no último reduto a ser conquistado: a consciência de que existe uma verdadeira sociedade sul-sancaetanense.

---

*(\*)Cristina Ortega, pedagoga, advogada e pesquisadora da Fundação Pró-Memória. Esta matéria contou com a colaboração de Nanci Navarrete, relações públicas da Fundação Pró-Memória*

## LIONS CLUBE DE SÃO CAETANO DO SUL

Fundado em 27 de junho de 1955, o Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro recebeu a sua Carta Constitutiva, enviada pela Associação Internacional dos Lions Clubes, no dia 19 de novembro de 1955. Posteriormente, foram criados o Lions Clube Santa Paula (29 de outubro de 1968), o Lions Clube Barcelona (23 de dezembro de 1971) e o Lions Clube Fundação (27 de outubro de 1976). Estes foram os presidentes que promoveram o Baile Branco, ao longo dos anos: 1962/63 - Walfredo Ramos Brandão - I Baile Branco; 1963/64 - Ruy Penteadó - I Baile Branco; 1964/65 - Herminio Moreira - II Baile Branco; 1965/66 - Ivanhoé Spósito - III Baile Branco; 1966/67 - José Alt - IV Baile Branco; 1967/68 - Armando Chagas - V Baile Branco; 1968/69 - Péricles de Faria Pinto - VI Baile Branco; 1969/70 - Leonardo Sperate - VII Baile Branco; 1970/71 - Theonillo Lima Moraes - VIII Baile Branco; 1971/72 - Henry Veronesi - IX Baile Branco; 1972/73 - Antonio Amaro - X Baile Branco; 1973/74 - Rodolpho Zetone - XI Baile Branco; 1974/75 - Hélcio Penna - XII Baile Branco; 1975/76 - Nelusko Linguanotto Jr. - XIII Baile Branco; 1976/77 - Juventino Borges - XIV Baile Branco; 1977/78 - Oswaldo Cipullo - XV Baile Branco; 1978/79 - Itamar Andrade Junqueira - XVI Baile Branco; 1979/80 - Ernani Giannini - XVII Baile Branco; 1980/81 - Sergio Palandri - XVIII Baile Branco; 1981/82 - Alécio Castaldelli - XIX Baile Branco; 1982/83 - Santo Crepaldi - XX Baile Branco; 1983/84 - José Teixeira Gonçalves - XXI Baile Branco; 1985/86 - Manoel Martins Martins - XXII Baile Branco; 1986/87 - Antonio Cláudio de Souza - XXIII Baile Branco. Os bailes possuíam caráter benemérito. A renda era destinada ao Lar dos Velhinhos Nossa Senhora das Mercedes, atualmente grafado "Mercês", entidade assistencialista localizada na Rua Arlindo Marchetti, 627.

# Orquestras e bandas que embalaram os encontros dançantes e marcaram época

Acervo/Fundação Pró-Memória



No Clube Comercial, anos 50, o cantor Adoralício Felipe anima o baile

Acervo/Fundação Pró-Memória



Orquestra Panamá Ritmos em um dos seus muitos bailes da cidade



Anos 50, 60 e 70. A cada ano, uma explosão de fatos e acontecimentos históricos. O que une cada década supera a linha do tempo. A música e os bailes fazem parte da memória de cada um de nós. Estilos no modo de se vestir, de dançar e de ritmos são as características que demarcaram cada década. A força de uma época reuniu os jovens em diversos salões, clubes e até garagens. Por lá, passaram bandas, orquestras e conjuntos musicais que

revelaram ícones do rock, twist, do jazz, da música popular brasileira, do hard rock e de tantos outros estilos musicais.

Revelaram ídolos, moda e rebeldias. A contracultura era mundial. E o glamour dos bailes fazia emergir os grupos musicais. São Caetano do Sul faz parte desta lista, com inúmeras vozes, sinfonias e músicos. Os espaços para apresentações eram os mais diversificados.

Entre as décadas de 30 e 60 foram inaugurados muitos clubes: Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, São Caetano



Brutos, Aparecido Moraes, Oscar, Hélio Viola, Armandinho, Valtinho e Rosário (ritmista)



Ritz Band anima o baile de carnaval do General Motors Esporte Clube

Esporte Clube, Clube Atlético Monte Alegre, GR14 de Julho, Clube Esportivo Lazio, Clube Esportivo Rio Branco, Cerâmica Futebol Clube e outros já citados na Revista *Raízes* (ver edição 17, página 20).

Da criação dos clubes surgiram orquestras e bandas memoráveis: Orquestra de Waldemar Fâmula, Orquestra Tiroleza de Nicolay Beringher, Conjunto de Ritmos Copacabana, Narciso e sua Orquestra, Orquestra Guarany, Orquestra Copacabana, Toscano e as jazz-bands São Caetano, São Bento, Cine Park, Americano e outras também citadas na *Raízes* (ver edição 17, página 21).

As três décadas foram mágicas para a realização de eventos dançantes. Os jornais da época trazem, em suas colunas sociais, uma infinita lista de bailes, que reuniram jovens, empresários, políticos e autoridades de São Caetano do Sul.

O São Caetano Esporte Clube, o Clube Comercial e o General Motors Esporte Clube foram alguns dos palcos para a apresentação musical de bandas, orquestras e conjuntos. Muitos destes bailes eram realizados para a arrecadação de fundos para a construção do Hospital Beneficente São Caetano, por exemplo, concursos de beleza, comemorações de aniversário da cidade, formaturas e tantos outros eventos.

A década de 50 trouxe ritmos do rock norte-americano, uma fusão de blues e country. O som de Bill Haley, Little Richard, Buddy Holly, Jerry Lee Lewis e Chuck Berry inspirou as bandas e orquestras responsáveis pelos acontecimentos dançantes.

O Baile da Miss São Caetano, realizado no Clube Comercial em 1953, foi embalado pela Orquestra Copacabana, uma das mais tradicionais, que também animou centenas de bailes carnavalescos.

## Anos 60

Nas garagens, os bailinhos aconteciam ao som dos *long-play* e *compact-disc*, que giravam nas rádio-vitrolas conhecidas por *Negrinhos e seus blue caps*. Também ferviam os salões de bailes, embalados por orquestras e bandas de São Paulo e São Caetano do Sul.

No estacionamento, os Fuscas, Dauphinis, Gordinis, Aero Willis e Sinca Chambord levaram os jovens sul-sancaetanenses aos bailes da época: os meninos, com elegantes calças de tergal, enquanto as meninas usavam vestidos tubinhos, estampados e curtos. Eles dançavam ao som de grandes orquestras como Toscano ou Sylvio Mazzuca. O Grupo Botões também marcou o período ao ritmo de Beatles, com jovens músicos



Cícero, Bruno, Narcizo, Zé Marani, Oscar, José Conti, a cantora Eleninha, Aragão e Barroso



Osvaldinho, Triunfo, Angelin São Caetano, Sebastião Filono, Carioca, Oscar, Veríssimo, Estoqui, Zé Marani, Dona Eliza e o cantor Felipe

de São Caetano.

Os salões eram, praticamente, os mesmos usados na década de 50, mas as finalidades e os acordes musicais eram outros. O Lions Clube São Caetano do Sul foi uma das entidades de destaque que utilizaram os encontros dançantes para arrecadação de fundos destinados às obras assistenciais. A grande característica destes bailes foi a apresentação de orquestras e conjuntos famosos e com números expressivo de músicos e vocais.

### Anos 70

Pink Floyd, Gênesis, Yes, Elton John, Maria Bethânia, Gilberto Gil e Caetano Veloso foram responsáveis pela força sonora dentro dos salões de bailes. A discoteca foi um dos símbolos da década de 70 e os tapes invadiram o mundo que antes era formado por grandes orquestras. Gênios da música eletrônica deram vida à nova era musical.

John Travolta invadiu as telas e os *Embalos de Sábado à Noite* deram forma aos novos e alucinantes ritmos nas pistas de dança.

Mesmo assim, São Caetano do Sul conseguiu manter seus salões e clubes funcionando com bailes ao estilo tradicional. O São Caetano Esporte Clube, o Clube da General Motors, o Patropi, a

Cerâmica São Caetano, o Clube Esportivo Recreativo São José, a União Cultural Artística São Caetano do Sul (Teuto), o Buso Palace, SBEROC (Sociedade Beneficente Esportiva e Recreativa Oswaldo Cruz), o Centro Esportivo e Recreativo São José, a ACASCS (Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul), o Centro Acadêmico, o Clube Bossa Nova, o Grêmio Estudantil “28 de Julho”, o Saad Esporte Clube e tantos outros continuaram com seus encontros dançantes com novo ritmo, mas com som ao vivo dos conjuntos e orquestras.

Socialites, jovens e casais sul-sancaetanenses dançaram, nos anos setenta, com bandas e conjuntos como Super Som TA, Musical Paiol, Musical Stilo Novo, Big Som, Phobos, Transa Show, Grupo Som Fórmula 3, Equipe 4, Brazilian Show, Caribe Som 5, Avanço 2000, Aladin Ban, Conphas, Casa das Máquinas, Thunders, Pholhas, Musisec do Saad Esporte Clube, Roberto Ferri, Toscano e uma infinidade de grupos e conjuntos que sobreviveram à era disco.

*(Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)*

# Os Grandes Bailes do Clube dos 60



As décadas de 50 e 60, em São Caetano do Sul, foram marcadas pela importante atuação dos estudantes locais, tanto em grêmios estudantis organizados nas duas grandes escolas, Cel. Bonifácio de Carvalho e Instituto de Ensino, como no Centro Acadêmico que congregava os estudantes universitários aqui residentes. Suas realizações, particularmente as sociais, que são objeto deste trabalho, movimentavam toda a sociedade local. Neste contexto, duas se destacaram: o Baile dos Calouros (vide artigo nesta Revista) e o Baile do Pinguim, promovido pelo Grêmio 28 de Julho, do “Bonifácio de Carvalho”.

Terminada essa época de ouro promovida pelos estudantes, não se viu na cidade realizações sociais estudantis que pudessem congregar e motivar os jovens, como outrora. Outros objetivos eram buscados pelos dirigentes.

Em 1983, um grupo de coroas, que tinha vivenciado toda aquela movimentação própria da juventude, passou a se reunir em restaurantes, pizzarias e outros locais com o objetivo de lembrar e curtir os bons momentos do passado. Liderados pelo entusiasmo de Ramis Sayar, ex-presidente do Grêmio “28 de julho” e posteriormente ex-presidente do Centro Acadêmico, o grupo crescia a cada reunião. Era evidente o entusiasmo do reencontro, agora também com esposas.

Eis que surge uma idéia: porque não fazer um baile à moda antiga, um baile dos *Anos 60*? O grupo topou, inclusive considerando a possibilidade de assumirem eventual prejuízo. Daí para a ação foi um pulo: os salões do Buso Palace foram reservados e, sem qualquer dúvida, Ramis foi contratar a badalada orquestra de Silvio Mazzuca.

No dia 17 de abril de 1984, o primeiro *Baile dos Anos 60* foi realizado com grande sucesso. Até mesmo um farto café da manhã foi encomendado na última hora, para atender aos que insistiam prolongar o baile além das quatro horas mesmo sem a orquestra que, afinal, acabou dando uma colher de chá.

O balanço financeiro da promoção, que abrigou mais de mil convidados, foi altamente satisfatório. Fuad Sayar, o tesoureiro, sorria, até um pouco espantado: o que fazer com o dinheiro? A resposta do grupo veio rápida: formar um clube e continuar com promoções saudosistas que tanta alegria trouxe já neste primeiro baile.

Uma nova reunião escolheu o nome de *Clube dos 60* e sua data de fundação foi a mesma do primeiro baile: 17 de abril de 1984.

Os objetivos eram claros: reviver os anos dourados, agora com esposas e filhos. Os grupos atuantes nas décadas anteriores se uniram, sob a mesma bandeira, e formou-se a diretoria: Presidente Ramis Sayar, ex-Grêmio 28 de julho, o grande idealizador e incentivador

do novo clube; Vice-Presidente Oscar Garbelotto, ex-Centro Acadêmico. Os demais diretores eram experientes jovens das equipes que marcaram nossa cidade com grandes realizações: Fuad Sayar, Nelson Rela, Wilton Roveri, João Tarcisio Mariani, Delmo Nicoli, José Bonifácio de Carvalho, Antonio Cláudio de Souza, Ruy Celso Marchesan, nio Campoi, Gerson Pasianoti, Osvaldo Medeiros, Paulo Roberto Raymundo, Luiz Eduardo da Cruz Carvalho, Roberto Antonio Filleti, Paulo Marchesan, Thércio de Almeida, Nelson Jacob João, Jair Benuce, Dante Malvasi e, como Presidente do Conselho, Arnaldo Sante Locoselli.

As realizações foram tantas, facilitadas pela inauguração de bela sede na rua Pernambuco, com boate, piscina e restaurante privativo, que tornaria esta crônica um livro. Por isso vamos relatar algo apenas dos grandes bailes.

### Os bailes dos anos 60

Após o sucesso do primeiro baile e a fundação do clube, os jornais anunciavam que “os bons tempos voltaram” (Diário do Grande ABC - Claudete Reinhart, 23 de julho de 1985). Acrescentava: “... será o mais badalado clube privêe da região! Uma idéia que deu certo, partindo do princípio que, realmente, os bons tempos voltaram”.

Em abril de 1985, acontece o segundo baile com a Orquestra de Osmar Milani, no Buso Palace. Na cidade, era o único salão com estrutura para abrigar realização de tal envergadura, como ocorreria em todos os bailes seguintes.

O sucesso repetiu-se e a alegria saudosista ganhava adeptos também entre os jovens. O baile levava, definitivamente, a família de volta aos salões. Neste segundo baile, uma grande surpresa. A presença de dois astros da

Fonte: Publicado no *Diário do Grande ABC*, em 31 de dezembro de 1985



música brasileira, nascidos em São Caetano e frequentadores assíduos dos grupos estudantis da época: Jerry Adriani e Oscar Ferreira. Ambos vieram matar as saudades dos velhos amigos e retribuíram com belas e românticas canções.

Para o terceiro baile, em três de março de 1986, uma outra surpresa. Sob o comando de Oscar Garbelotto e Arnaldo S. Locoselli, a decoração do salão recebeu um grande efeito nostálgico. O tema foi *Cine Max*. O projeto englobou a construção, em tamanho real, da bilheteria do cinema, que ocupou o centro do hall de entrada, com a enorme estátua à sua frente lembrando um leão sentado junto à esfinge egípcia. Para sua execução, em madeira e gesso, foi contratado o artista Paulo T. Domingues.

Paulo, que foi o pintor dos cartazes dos cines Max e Vitória por vários anos, executou também cartazes anunciando os velhos clássicos do cinema que ornamentaram as escadas de acesso e a entrada do salão. Nas extremidades do palco, enormes emblemas dos grêmios e Centro Acadêmico, além dos clubes frequentados pelos jovens da época: Comercial e Bossa Nova.

A entrada do salão, obrigatoriamente, era pelas bilheterias, quando as mulheres recebiam rosas das mãos das jovens. Ao lado, um texto, especialmente elaborado por Oscar Garbelotto, evocava os bons tempos da primeira sessão do Cine Max:

*Poucos das últimas gerações de*

*Baile dos Anos 60, realizado pelo Clube dos 60. Da esquerda para direita: Miguel Gissoni, Oscar Ferreira, Jerry Adriani e Fuad Sayar*



*São Caetano do Sul, não passaram pelas emoções proporcionadas pelo inevitável ponto de encontro dos jovens dos anos 60 que foi o Cine Max. Particularmente a concorrida 1ª sessão, aos domingos. São esses momentos e essas mesmas emoções que, hoje, o Clube dos 60, quer relembrar. Ao passar por esta bilheteria, vocês estarão adquirindo ingressos para viver um real retorno àquele tempo. Aperte, carinhosamente, a mão de sua esposa; sintam, ao dar o braço ao seu marido, a mesma emoção de seu primeiro encontro com ele... Talvez tenha sido bem na frente desta bilheteria, onde tantos encontros foram marcados. Sintam todo o calor dos aconchegos que iniciavam exatamente ao som dos três badalos e da singela Stephanie. Ao dançarem, logo mais, encostem seus rostos – da mesma maneira meio sem graça, como faziam logo ao apagar das luzes do cinema – e, diante do beijo roubado (mas sempre esperado): olhem-se profundamente nos olhos e digam Eu te amo!*

Antecedendo o baile, José Bonifácio de Carvalho, ao som do minueto Stephanie, que anunciava o início das sessões do Cine Max, declamou outro texto romântico, também de autoria de Garbelotto, sendo seguido pela Orquestra Saint Paul com Moonlight Serenade, o grande clássico romântico de Glenn Miller. A pista lotou literalmente...

A sensível evocação dos bons tempos, a boa escolha de ótimas orquestras, o selecionado público e a excelente organização garantiam o sucesso absoluto dos bailes.

O festejado cronista Urames Pires dos Santos, ao comentar o baile, escreveu: “A existência do Clube dos 60 que reúne os principais líderes da juventude daquele período, se constitui num marco indelével da história de São Caetano”.(in

Sancaetanense Jornal – 22 de março de 1986).

A maioria dos bailes dos Anos 60, em crescente sucesso, incentivou a diretoria a dar um ousado passo: a realização de um outro baile no mesmo ano, com o nome de *Baile dos Anos Dourados*. Com data marcada para 17 de outubro de 1986, contratou-se a superbatalada Orquestra Tabajara, do Rio de Janeiro, do maestro Severino Araújo. Pela primeira vez em São Caetano.

O *Jornal de São Caetano* dizia: “O Clube dos 60, como poucos, sabe promover seus eventos... A Orquestra Tabajara apesar de cara sua contratação, trás o carisma de uma época de ouro dos grandes bailes brasileiros. Lembra Hotel Copacabana, Quitandinha, Cassino do Urca, Pinheiros, Clube Homs...” (11 de outubro de 1986).

O sucesso ultrapassou as fronteiras da região e o seletto público paulistano compareceu para dançar ao som da Tabajara, ao redor de fontes de água e muitas flores, tema escolhido para a ornamentação.

Para 1987, duas grandes realizações confirmadas: o IV Baile dos Anos 60, para 11 de abril, e o II Baile dos Anos Dourados, para 17 de outubro. Orquestras e decorações sempre eram motivos de grandes cuidados. Assim, para o Baile dos Anos 60, a orquestra escolhida foi a consagrada Banda Reveillon e, para animar os Anos Dourados, Osmar Milani.

Na decoração, definiu-se pela permanência do ambiente florido e romântico do primeiro baile, com fontes d'água e muitas flores para o Baile dos Anos Dourados. Para o Baile dos Anos 60, dando continuidade ao lado saudosista, a praça Cardeal Arco Verde, com a Igreja Matriz e seu coreto, era reproduzida pelas mãos mágicas de Paulo Domingues. Todos puderam rememorar

os bons momentos da missa das dez horas de todos os domingos, tradição da juventude das décadas passadas.

Sobre esta tradição, um texto, especialmente preparado por Oscar Garbelotto e distribuído no baile, dizia: “Assim iniciavam os domingos na pacata São Caetano. Existia naqueles encontros uma magia incomum: muitos deles iniciados nas escadarias terminaram com o ‘sim’ definitivo no altar da Matriz”.

Chegamos em 1988: o V Baile dos Anos 60 repetia a Banda Reveillon e evocava o Cine Vitória, sempre com cenografia de Paulo Domingues, homenageando o pioneirismo de Victorio Dal’Mas e sua família na construção do primeiro grande prédio local e do luxuoso cinema.

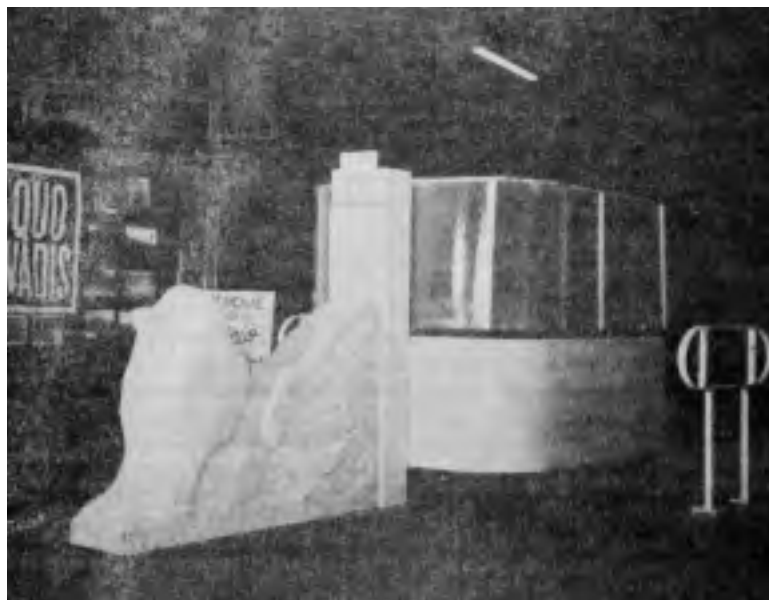
Por sua vez, o III Baile dos Anos Dourados trouxe a Orquestra Saint Paul.

A imprensa novamente ressaltou o grande sucesso dos grandes bailes do Clube, que se esmerava na sua organização.

Em 1989, porém, algumas dificuldades começaram a surgir. O público exigia sempre boas novidades, principalmente com orquestras, e já não havia ofertas que não fossem repetitivas e bastante conhecidas pelo público. Assim, para o VI Baile dos Anos 60, foi novamente contratado Sylvio Mazzuca. Mas o que se constatou foi o improvisado da orquestra, montada só para o evento, sem o carisma dos velhos tempos. O baile foi o último da série organizado pelo Clube, em 12 de maio de 1989.

Praticamente o mesmo ocorreu com o IV Baile dos Anos Dourados, em 27 de outubro de 1989. Um público reduzido prestigiou o evento que, pela terceira vez, repetia a Banda Reveillon, diante da impossibilidade de encontrar outra.

Após dez bailes evocando um



*Réplica do Cine Max que serviu como decoração para o baile do Clube dos 60, realizado em 3 de março de 1986*

passado recente, os saudosistas, ao que parece, renderam-se às modernidades e não se entusiasmavam mais com os *bailes família*, marca do Clube dos 60. Bailes nos quais terno e gravata eram obrigatórios para os cavalheiros e traje social para as damas. Bailes nos quais toda a família comparecia junta, inclusive os menores, que se abrigavam junto aos pais, como nos antigos salões.

Os diretores do Clube entenderam os sinais e os bailes dos Anos 60 e dos Anos Dourados foram encerrados, deixando na lembrança de muitos a evocação de uma época romântica, bela, repleta de boas recordações. Na verdade, não só dos “anos 60”, mas a época da juventude de cada um, das paqueras, dos cinemas, dos bailes, dos namoros, do casamento...

---

(\*) *Oscar Garbelotto, advogado e professor-fundador do Imes. Pesquisador da história local, ocupou diversos cargos na administração municipal: Diretor de Educação e Cultura, Diretor do Imes e Presidente da Fundação Pró-Memória*

Acervo/Paróquia Nossa Senhora do Rosário - Colombo



*Igreja Matriz de Colombo em dia festivo na primeira década do século XX*

## As colônias de São Caetano e de Alfredo Chaves: imigrantes vênnetos nas províncias de São Paulo e Paraná

A pretensão desse estudo partiu da observação do desenvolvimento desigual de dois núcleos coloniais, criados a partir de uma meta única do governo. Somando-se a isso, a população de ambos os núcleos era proveniente da mesma região da Itália, com reivindicações que recaíam sobre os mesmos quesitos.

O desenrolar da colonização foi similar entre as 28 famílias do primeiro grupo que desembarcou em São Caetano, em 1877. Já na colônia Alfredo Chaves, no Paraná, as 40 famílias vindas do litoral chegaram em 1878. Contudo, a política diferenciada dos governos provinciais possibilitou um crescimento diferente nas duas localidades. A existência da estrada

de ferro, e a posterior criação de uma estação de trem no núcleo de São Caetano, contribuiu para o progresso e o contato com outras localidades. Na colônia Alfredo Chaves, o progresso e o desenvolvimento só foram possíveis após a chegada dos imigrantes italianos, visto que, até então, tratava-se de uma região isolada e habitada por poucas famílias de brasileiros. A religiosidade foi outro fator comum entre os dois núcleos, tendo em vista a preocupação contínua com as missas, a permanência de um padre na localidade, a criação das irmandades e a construção de uma igreja matriz que abrigasse todos os moradores em seu interior.



Mapa contendo a divisão de lotes da Colônia Alfredo Chaves - 1878

Com a publicação da Lei Provincial nº 29, de 21 de março de 1855, o governo passou a promover a imigração na província do Paraná. A necessidade de mão-de-obra estrangeira foi o interesse central para que a política imigratória fosse viabilizada por meio de contratos com empresários que se responsabilizavam pelo transporte dos imigrantes e pela formação de colônias. A entrada de imigrantes europeus no Paraná teve a finalidade de garantir a produtividade da agricultura de subsistência. Assim, a colonização de terras nos arredores da cidade de Curitiba, calcada na pequena propriedade, propiciou o desenvolvimento da produção agrícola de gêneros alimentícios e a construção e conservação de estradas para facilitar o escoamento.

A partir dessas iniciativas, inúmeras colônias foram criadas nos anos seguintes à instalação da província do Paraná, tanto no interior como nos arredores de Curitiba. Somente a partir de 1875 o Paraná recebeu um número significativo de imigrantes de nacionalidade italiana, em decorrência de um contrato entre o presidente da

província e o empresário Sabino Tripoti, no ano de 1871 (Balhana, 1958)<sup>1</sup>. Muitos imigrantes foram instalados, inicialmente, na Colônia Alexandra, no litoral, criada em 1875. A proposta política de distribuição de terras era aparentemente vantajosa, dinamizada para os imigrantes que desejassem a posse da terra e buscassem o desenvolvimento agrícola e econômico. Contudo, os imigrantes que buscavam condições propícias no Paraná sofreram as conseqüências da falta de interesse e de responsabilidade dos agentes da imigração, quando de seu ingresso e instalação no país (Maschio, 2005).<sup>2</sup>

O empresário Tripoti, conhecido pela falta de responsabilidade, fundou a Colônia Alexandra na região litorânea, movido por interesses pessoais. Localizada próxima ao Porto de Paranaguá, despenderia poucos recursos para o transporte dos colonos. Dessa forma, o empresário poderia trazer um número muito maior de imigrantes com a metade dos recursos que o governo lhe pagaria. Para isso, o empresário confeccionou folhetos denominados *Carta ao Amigo Colono*, que traziam informações enganosas sobre a realidade daquela colônia.

As conseqüências dessa política não demoraram a aparecer. O mau planejamento colocava em evidência a situação lastimável da colônia, tornando quase impossível para a sobrevivência dos imigrantes. A localidade tornou-se pequena para o grande número de imigrantes que ali aportava. Os poucos colonos que conseguiram terras não tiveram êxito com a produção devido ao clima, que não era propício para o tipo de cultivo trazido do norte da Itália. A maior parte deles era composta por camponeses *contadini*, que procediam do Vêneto, região de clima muito frio.

Inúmeras reclamações da Colônia Alexandra chegavam a Curitiba. Muitos

<sup>1</sup> BALHANA, Altiva P. *Santa Felicidade: um processo de assimilação*. Curitiba: J. Haupt & Cia, 1958.

<sup>2</sup> MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. *A constituição do processo de escolarização primária no município de Colombo - Paraná (1882 - 1912)*. Dissertação (Mestrado). UFPR, 2005.



Acervo/Paróquia Nossa Senhora do Rosário - Colombo

imigrantes desejavam, até mesmo, retornar à Itália, pois julgavam ter sido enganados pelas falsas promessas das propagandas. Para os imigrantes, a melhor solução seria a assistência e a remoção para outro lugar. Assim, o governo rescindiu o contrato com o empresário e promoveu, diretamente, a imigração e a reemigração de colonos. Assim, em 1877, criou-se a Colônia Nova Itália, em Morretes, para remover os imigrantes que não desejavam permanecer na Colônia Alexandra, que também não prosperou. Segundo Balhana (1958)<sup>3</sup>, a maior parte do contingente de imigrantes estabelecido no litoral dirigiu-se a Curitiba. Muitos imigrantes deixaram o litoral por conta própria e instalaram-se em colônias já existentes, mas a maior parte se fixou em novas colônias nos arredores de Curitiba.

Embora criadas no mesmo momento, as colônias dinamizaram formas de organização social condizentes com cada grupo de imigrantes que nelas se estabeleceu e de acordo com a interação que os imigrantes fizeram com a população brasileira. Assim, enquanto umas mantiveram por mais tempo uma cultura ligada a seu país de origem, outras sofreram mais rapidamente um processo de integração com a população paranaense, como foi o caso da Colônia Alfredo Chaves.

Na colônia de São Caetano, os imigrantes eram provenientes da região de Vitória-Vêneto, no nordeste da Itália. Embarcaram em 1877, no vapor Europa, na cidade portuária de Gênova, e desembarcaram em Santos. Vieram de trem para a Hospedaria dos Imigrantes, na cidade de São Paulo, local para onde todos os imigrantes se dirigiam quando chegavam ao país, permanecendo lá por oito dias. Traziam um *prospetto* contendo as condições mínimas para o imigrante que tivesse pretensões de fixar-se em um núcleo, na província de São Paulo, na localidade que o governo disponibilizasse lotes. Era possível escolher entre três tipos de lotes, com preços e formas de pagamento diferentes, de acordo com a área. Os colonos que conseguissem quitar o lote antes do prazo teriam um desconto. Mas isso não ocorreria na colônia de São Caetano.

Depois da parada obrigatória na Hospedaria, os italianos foram para São Caetano, de trem. A ferrovia, construída pelos ingleses, fora inaugurada em fevereiro de 1867, com algumas paradas nos locais considerados mais importantes. Em São Caetano, ainda não existia uma estação para o desembarque das pessoas, obrigando os imigrantes a saltarem do trem com suas bagagens. (Mimesse, 2001)<sup>4</sup>

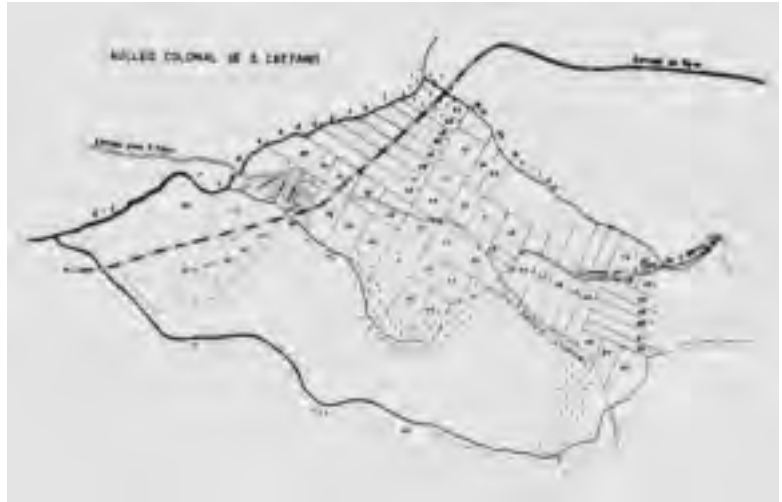
Vista do Município de Colombo na década de 1910

<sup>3</sup> BALHANA, Altiva P. op.cit.

<sup>4</sup> MIMESSE, Eliane. *A educação e os imigrantes italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2001.*



*Porto de Gênova (Itália), de onde partiu o vapor Europa, no dia 1º de julho de 1877, trazendo os imigrantes da região vêneta para o Núcleo Colonial de São Caetano. Ilustração - cerca de 1875*



*Mapa do Núcleo Colonial de São Caetano, onde aparece a demarcação dos lotes de terra, distribuídos aos imigrantes entre 1878 e 1891. Eram 93 no total, entre lotes rurais e urbanos*

Embora vindos da mesma região da Itália, a trajetória desses dois grupos de imigrantes foi marcada por significativas diferenças. Uma série de fatores contribuiu para que isso ocorresse, mas o principal foi a política imigratória adotada por cada província. Não devemos nos esquecer de que, em São Paulo, houve também um intenso fluxo imigratório italiano que ocorreu por volta de 1880. As condições de trabalho para os imigrantes que lá aportavam eram bem diferentes daquelas dos imigrantes que vieram para o sul.

No sul do país, a imigração seguiu uma economia agrícola alicerçada na distribuição de pequenos lotes para o desenvolvimento de uma agricultura familiar, caso da Colônia Alfredo Chaves, diferente do que ocorreu em São Paulo. Genericamente, esse era o intuito da imigração em massa. O núcleo de São Caetano formou-se como centro agrícola, mas, anos depois, iniciaram-se outras atividades. Os italianos passaram a fabricar tijolos e vendê-los ao mercado local e regional. Esse foi o ponto de partida para a ampliação das relações comerciais e a instalação de outras fábricas na localidade.

Mesmo apresentando características de uma colônia agrícola, como a colônia Alfredo Chaves, São Caetano sofreu as conseqüências da política imigratória paulista. O governo provincial do Paraná concedeu mais benefícios aos seus imigrantes do que o governo paulista. Os vênetsos habitantes na província do Paraná desfrutaram da vantagem de uma política imigratória calcada na preocupação de ocupação do território. Essa ocupação dava-se pela aquisição da pequena propriedade e, conseqüentemente, da produção da agricultura de subsistência. Os italianos moradores dos dois núcleos coloniais sofreram reveses nos anos iniciais de sua chegada às terras, mas lutaram bravamente pela sua sobrevivência e conseguiram concretizar seus sonhos, contribuindo para o progresso e o desenvolvimento das localidades, que os acolheram na nova pátria.

(\*) *Eliane Mimesse, Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*

(\*\*) *Elaine Maschio, Mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná*

Reprodução/Livro *Catolicismo em São Paulo: 450 anos de Presença da Igreja Católica em São Paulo (1554 - 2004)*



Região de São Paulo, no fim do século XVII

# Bartolomeu Lopez de Carvalho: um visitante da São Paulo seiscentista

Tanto a América Portuguesa quanto o Brasil independente receberam inúmeros viajantes. Grande é o número de relatos de viagem que deixaram - todos, certamente, carregando seus teores de valimento ao atestar, com mais ou menos propriedade, sobre a terra e suas gentes em momentos históricos distintos.

Entre estes viajantes, destacam-se alguns pelo renome que em suas praças de origem possuíam; despontam outros pelo espírito aventureiro que os conduziu; pontificam uns poucos pela seriedade científica de suas empresas e, ainda, uns tantos que visitaram a terra e nem por isso pontificam, despontam ou se destacam. Há, além disso, vários que sequer são, por sua vez, associados à idéia de viajantes ou

visitantes, encobertos que estão por suas atividades, nos meandros do funcionalismo da América Portuguesa, presos que estão às malhas da burocracia, na situação de serviçais régios. É o caso, por exemplo, de Bartolomeu Lopez de

Crédito: <http://topazio1950.blogs.sapo.pt/2006/12/>



D. Pedro II, rei de Portugal, na época da visita de Bartolomeu Lopez de Carvalho a São Paulo

Carvalho, personagem em destaque neste artigo e, na dimensão que daremos aos fatos que o envolvem, um visitante a trabalho na São Paulo seiscentista.

## II

D a t a específica da estadia de Bartolomeu Lopez de

Carvalho em São Paulo não temos. Entretanto, segundo informe de John Monteiro no livro *Negros da Terra*, a personagem, na situação de funcionário régio ou de representante da coroa, teria aqui estado na década de 1690 e, em nossa indução, no início desta cronologia.

*Manifesto a Sua Majestade* é o documento que escreve como relatório de sua estadia e, por seus teores, tomamos conhecimento de que o visitante envolvera-se como parecerista em episódio de importância para os paulistas e, afirmamos, para toda a América Portuguesa. Se autores fôssemos de uma História da Capitania, a esta ocorrência ou fato chamaríamos de “episódio do pedido de administração direta dos índios”, interesse já publicamente manifestado por paulistas (os mais mercantilizados,

acreditamos) ao menos desde a década anterior.

Assim, na função de visitante e averiguador de fatos, teria aqui chegado o funcionário régio para colocar-se em demanda que, em sua essência, é o marco pelo qual se mede a sociedade da época como um todo. Referimo-nos, no caso, ao assunto “escravidão” e, no fato paulista, à escravidão do índio, recurso que na capitania vai atuar, até o século XIX, como a única mão-de-obra devido à falta de cabedal mais consistente, em plano interno, para a aquisição do etíope e também devido à inexistência de financiamentos vindos de fontes externas, segundo Luiz Felipe de Alencastro em seu livro *O Trato dos Videntes*.

A petição paulista – a de administrar sem intermediações a força de trabalho de seus índios – sofreu, contudo, oposição e, em nossa leitura, os pareceres contrários à legitimidade do reivindicado são os fatores que justificam, naquela altura, a presença de Bartolomeu Lopez em São Paulo.

Ao que tudo indica, os opositores fizeram-se ouvir em várias instâncias, dizendo da impropriedade do pedido. À ocasião, à frente deste grupo está ninguém menos que Antônio Vieira – jesuíta considerado autoridade de peso quando o assunto é, na colônia, o índio e voz, na circunstância, a ser consultada e ouvida, segundo os dizeres do próprio D. Pedro II, o rei de Portugal na cronologia.

Vieira, em sua atitude contrária ao concedimento, alega que a administração direta exercida pelos paulistas seria a reprodução, em terras portuguesas, da *encomienda espanhola*, regime no qual o índio é livre apenas no papel. Nas vias da realidade, sua situação é a do escravo, porque é isentado do justo salário, direito natural de todo trabalhador liberto. Em outra instância, alega ainda Vieira que, em



São Paulo, o que se pratica com o índio é escravidão, porque o silvícola é, para o que lhe consta, legado em testamento, fato que só pode se concretizar quando se tem estabelecida uma posse. Além disso, o mesmo Vieira defende, em paralelo, a prerrogativa de que comida, alojamento, agasalho e conversão não podem ser entendidos como *pagamento* de serviços prestados ou recebidos, estando por tal fato sempre tocada de inverossímil a reivindicação paulista.

Em meio a esta contenda que se estabeleceu, os solicitantes buscaram apoio e conseguiram-no nos interiores da própria companhia. Esta base aliada tornou-se oposição a Vieira e do reivindicante uma literal apologista.

Em nossa interpretação, Bartolomeu Lopez de Carvalho é, em meio a isto, a terceira vertente – a da coroa que tem atrelada a si o poder de escolha do vencedor na contenda que, parece-nos repercutiu com algum vulto em Portugal à época, informando-nos Vieira desta dimensão em sua correspondência. Tal fato está registrado no livro *Cartas do Padre Antônio Vieira*, de João Lúcio Azevedo.

A repercussão se deu concomitantemente na colônia, em seu centro administrativo. Da Bahia, D. João de Lencastre – governador entre 1694 e 1702 – põe-se contra o pedido dos paulistas, defendendo a idéia de que a posse direta do índio pode levar a práticas de autonomismo, procedimento que ele enxerga como perigoso e próprio da dinâmica de vida do povo de São Paulo e

também das gentes da Casa da Torre, cujo herdeiro à época – Garcia d'Ávila Pereira – quer controlar a administração de índios em suas terras no sertão baiano.

Assim, após a visita que não se adstringiu apenas a São Paulo, Bartolomeu Lopez de Carvalho emitiu, como já o dissemos, parecer, em forma de relatório, endereçado ao rei. Deste modo, também por ele calçadas, cartas régias de 1696 concederão ao paulista o solicitado, fato que, com alguma obviedade, deixa entrever os teores que assumirá a escrita do visitante, comentada em alguns de seus aspectos na parte seguinte.

### III

*O Manifesto a Sua Majestade* é

essencialmente texto de teor laudatório ao paulista; em mesma essência, dele se pode dizer que é discurso no qual se faz a defesa de alguém que, com isto, está recebendo um elogio que é, obviamente, favorável apresentação para que o elogiado caia em graças, no caso as do rei. Para tanto, o autor dá conta de sua passagem por capitâneas do Sul e da matéria que o levou a empreender tal viagem. O índio surge, então, como sua justificativa e, particularmente, o índio reduzido a cativo pelos moradores de São Paulo.

A partir deste fato, começa a haver paulatina inversão de proposta, e o destaque do texto, nas observações do funcionário, começa a ser o paulista na situação de colono e o quanto toda a terra desde o seu descobrimento por Pedro Álvares Cabral tem utilizado a força de



*Padre Antônio Vieira, um dos principais opositores da petição paulista de administração direta dos índios*

Crédito: [www.estacio.br/rededeletas/numero16/mirante/texto2.asp](http://www.estacio.br/rededeletas/numero16/mirante/texto2.asp)

trabalho do silvícola.

Os descimentos do sertão, contudo, ainda se justificam, porque são o modo de o indígena abandonar a sua condição de gentilidade e a conversão ao cristianismo é processo ligado diretamente a isto. O desencadeador da nova e superior proposição é, por sua vez, o colono e, no caso mais específico, o paulista – verdadeiro desbravador a quem o império muito deve.

Noutra sintonia, justifica-se mais uma vez o cativo (e, nas entrelinhas, a petição de administração direta) porque viver na terra sem o serviçal indígena é, em verdade, tornar-se um deles, já que a sobrevivência cotidiana está muito marcada pela cultura gentia que dá o sustento ao colono, mas deve ser praticada por índios, para que as posições não se confundam.

Meritório sempre será, então, o procedimento do paulista, porque traz ligado a si o descobrimento da terra. Assim, não deixar os índios à deriva ou por conta e risco é favor e, em essência última, caridade, já que o silvícola é, muitas vezes, naturalmente corrompido e vingativo, cabendo ao colono a cristã

incumbência de cerceamento e controle desta índole com tantas tendências para o mal.

Atrelado ao fato, outro aspecto positivo da ação do colono é promover o trabalho, para que a tendência espontânea da terra – que é a preguiça – se reverta. No caso, a reversão será plantios, criatórios, expedições ao sertão e buscas de metal precioso, todos elementos de importância para a grandeza do reino e fatos queridos, ansiados, cabendo, por isto, o louvor do paulista.

Deixando, por sua vez, as vias da denúncia do conteúdo direto, o texto de Bartolomeu Lopez de Carvalho merece ser destacado pela retórica ou aparato que carrega. Primordialmente é tese e prepara-se para tal. Está, assim, crivado dos lugares comuns que marcam o seu tipo de finalidade.

Como se isto não bastasse, há ainda nele a recorrência aos argumentos de autoridade, havendo, por conta do fato, episódios em que se lança mão de personagens da cultura clássica e de santos e doutores da Igreja. Deste modo, cabe a Cícero – príncipe dos oradores que é – ser o primeiro na linha das citações que vêm para reforço da honorabilidade da idéia defendida. Acompanhando-o, entra em cena a autoridade teológica que dá o tom do indubitável aos teores e explícita, em essência última, uma razão de Estado (no texto representada pelo paulista) que se confirma no divino, na constante fusão entre o plano terreno e o sobrenatural, síntese perfeita e desejo de uma época.

---

## Bibliografia

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O Trato dos Videntes*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

AMBIRES, Juarez Donizete. *Os Jesuítas e a Administração dos Índios por Particulares em São Paulo, no Último Quartel do Século XVII*. Dissertação de mestrado. FFLCH/USP, 2000.

AZEVEDO, João Lúcio (org.). *Cartas do Padre. Antônio Vieira* (tomo III). Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.

MATOS, Odilon Nogueira. *Saint-Hilaire e o Brasil*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1980.

MONTEIRO, John M. *Negros da Terra*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

---

(\*) Juarez Donizete Ambires, professor de Língua e Literatura Portuguesa no Centro Universitário Fundação Santo André e doutorando em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo

“A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás;  
mas só pode ser vivida olhando-se para a frente”

Soren Kierkegaard

# Loja Maçônica comemora *Jubileu de Pérola*

“O tempo é muito lento para os que esperam, muito rápido para os que têm medo,  
muito longo para os que lamentam, muito curto para os que festejam.

*Mas, para os que amam, o tempo é eternidade”*

William Shakespeare

**A**ugusta, Respeitável e Benemérita Loja Simbólica *Luz do Oriente* - nº 2.140 comemorou, no dia 10 de maio de 2007, o trigésimo aniversário da sua fundação (9 de maio de 1977). A *Luz do Oriente* nº 2.140 é uma loja maçônica e, antes de escrever um pouco sobre a sua história e seu *jubileu de pérola*, acreditamos ser interessante dar algumas breves explicações sobre o que é a Maçonaria.

O artigo primeiro da Constituição do Grande Oriente do Brasil afirma:

*A Maçonaria é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista. Proclama a prevalência do espírito sobre a matéria. Pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante da verdade. Seus fins supremos são Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Além disso:*

*I. Condena a exploração do homem, os privilégios e as regalias, enaltecendo, porém, o mérito da inteligência e da virtude, bem como o valor demonstrado na prestação de serviços à Ordem, à Pátria e à Humanidade;*

*II. Afirma que o sectarismo político, religioso ou racial é incompatível com a universalidade do espírito maçônico. Combate a ignorância, a superstição e a tirania;*

*III. Proclama que os homens são livres e iguais em direitos e que a tolerância constitui o princípio cardeal nas relações humanas, para que sejam respeitadas as convicções e a dignidade de cada um;*

*IV. Defende a plena liberdade de expressão do pensamento, como direito fundamental do ser humano, admitida a correlata responsabilidade;*

*V. Reconhece o trabalho como dever social e direito inalienável; julga-o dignificante e nobre sob quaisquer de suas formas;*

*VI. Considera Irmãos todos os Maçons, quaisquer que sejam suas raças,*

*nacionalidade, convicções ou crenças;*  
 VII. *Sustenta que os Maçons têm os seguintes deveres essenciais: amor à família, fidelidade e devotamento à Pátria e obediência a Lei;*  
 VIII. *Determina que os Maçons estendam e liberalizem os laços fraternais que os unem a todos os homens esparsos pela superfície da terra;*  
 IX. *Recomenda a divulgação de sua doutrina pelo exemplo e pela palavra e combate, terminantemente, o recurso à força e à violência para a consecução de quaisquer objetivos;*  
 IX. *Adota sinais e emblemas de elevada significação simbólica que são utilizados em suas oficinas de trabalho e servem para que os Maçons se reconheçam e se auxiliem onde se encontram.*

Estandarte da Loja  
Luz do Oriente



Por meio desse artigo primeiro, acreditamos ter dado uma idéia geral do que é a Maçonaria, instituição que possui cerca de cinco milhões de membros em todo o mundo. Mais informações podem ser encontradas no nosso livro impresso pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, no ano de 2004: *História da Maçonaria em São Caetano do Sul*. Na obra, os leitores ficam sabendo, por exemplo, que São Caetano do Sul teve quatro prefeitos maçons: Anacleto Campanella, Oswaldo Samuel Massei, Raimundo da Cunha Leite e Luiz Olinto Tortorello.

Antes de contar um pouco da história dessa Loja, uma última informação técnica: a palavra loja (*lodge* em inglês, *loge* em francês, *logia* em



Visão interna do templo da Loja

Outro aspecto do templo da Luz do Oriente



espanhol, *loggia* em italiano) possui origem gótica, significando alpendre coberto de palha, galpão, abrigo, cabana, referindo-se a uma construção temporária, um local para abrigo e oficina dos trabalhadores das grandes construções das catedrais medievais.

A loja pode designar: o local, ritualmente preparado, onde se reúnem os maçons; a reunião de maçons numa oficina, ritualmente organizada. A loja é dirigida pelos seus oficiais, que, geralmente, são denominados: Venerável Mestre, Primeiro Vigilante, Segundo Vigilante, Orador, Secretário, Primeiro Diácono, Segundo Diácono, Mestre de Cerimônias, Tesoureiro, Chanceler, Hospitaleiro e Cobridor.

A origem da Loja *Luz do Oriente* remonta ao início do ano de 1977 quando dois membros da Fraternidade São Bernardo, o autor e José Gonçalves Sobrinho, se dirigiam ao município vizinho de São Bernardo do Campo para participar de mais uma reunião maçônica. No caminho, já cansado de ter de se deslocar para a cidade vizinha, Gonçalves aventa a possibilidade de se ter uma loja do *Rito Escocês Antigo e Aceito* (subordinada ao Grande Oriente de São Paulo) em São Caetano do Sul.

Até aquela ocasião só existiam duas lojas maçônicas nesta cidade: a *Fraternidade São Caetano* (do Grande Oriente de São Paulo) e a *28 de Julho* (da Grande Loja do Estado de São Paulo). A primeira praticava o *Rito Adoniramita* e a segunda, apesar de praticar o *Rito Escocês Antigo e Aceito*, era de Potência Maçônica diversa da nossa.

A partir desse dia, as conversas relativas à fundação de uma nova loja maçônica em São Caetano do Sul foram compartilhadas com mais dois membros da Fraternidade São Bernardo que moravam em São Caetano e que, amiúde,

dividiam o mesmo carro para o traslado até São Bernardo do Campo: João Caparroz Ruiz e seu tio Antônio Caparroz Guevara. Com muito entusiasmo, e devido ao grande número de outros amigos maçons que conhecia, João Caparroz Ruiz tomou a iniciativa de convidar outros maçons para essa empreitada.

A primeira reunião ocorreu no escritório de João, que ficava na rua Manoel Coelho, 500, no sétimo andar. Dessa primeira reunião participaram:

Antônio Caparroz Guevara;  
Cláudio Musumeci;  
Dalmo Campoi;  
João Caparroz Ruiz;  
Mario Del Rey;  
Naur Ferraz de Mattos;  
Oscar Pereira de Paiva Filho;  
René Crepaldi e  
Thomaz Idineu Galera.

Após várias reuniões na sede do Rotary Club Centro, situada na rua Baraldi, foi elaborada a Ata de Fundação, no dia 9 de maio de 1977. Conforme o Livro de Atas, estiveram presentes os seguintes membros, muitos exercendo seus respectivos cargos, formando assim a



Nas reuniões maçônicas costuma-se prestar homenagem à bandeira do Brasil



Padre Olavo Paes Barros (falecido), ao visitar a Loja Luz do Oriente, oferece a João Caparroz Ruiz (falecido) uma Bíblia, que será lida no início de cada reunião



No dia comemorativo do Jubileu de Prata estiveram presentes, da esquerda para a direita: Cláudio Roque Bueno Ferreira (Grão-Mestre Estadual do GOSP), Marcos José da Silva (Grão-Mestre Adjunto do Grande Oriente do Brasil) e Paulo Linhares Sobrinho (Venerável Mestre da Loja Luz do Oriente)

primeira Administração, como segue em ordem alfabética:

1. Agustin Martin Buosi;
2. Antônio Caparroz Guevara;
3. Cláudio Musumeci; (Hospitaleiro)
4. Dalmo Campoi; (Chanceler)
5. João Caparroz Ruiz; (Venerável Mestre)
6. Joaquim Cambaúva Rebello;
7. José Gonçalves Sobrinho; (Mestre de Cerimônias)
8. Lívio Xella;
9. Mario Del Rey; (Secretário)
10. Mario Frito; (2º Vigilante)
11. Maurício Hoffman; (2º Diácono)
12. Naur Ferraz de Mattos;(Tesoureiro)
13. Oscar Ferreira de Paiva Filho; (1º Vigilante)
14. Raimundo da Cunha Leite; (1º Diácono)
15. René Crepaldi; (Orador)
16. Thomaz Idineu Galera; (Secretário-adjunto) e
17. Vagner Abadio.

Entre os vários nomes indicados para a Loja foi aceito o sugerido pelo autor: Augusta e Respeitável Loja Simbólica *Luz do Oriente*. Da mesma forma, após a apresentação de vários desenhos, o timbre escolhido foi o apresentado pelo autor deste artigo.

A regularização da Loja ocorreu em 22 de outubro de 1977, no Templo da Augusta e Respeitável Loja Simbólica

Fraternidade de São Bernardo do Campo, situada na rua Egeu, 57. Nesse mesmo local foram realizadas as primeiras iniciações da *Luz do Oriente*: no dia 9 de dezembro de 1977, Leopoldo Francisco Inglês e Luiz Carlos Piacitelli; no dia 12 de maio de 1978, Marco Antônio Sellani e Edécio Leme de Almeida.

Outras datas importantes para a *Luz do Oriente* e a maçonaria de São Caetano do Sul foram a fundação pelos membros da Loja: em 28 de Outubro de 1982 – Sublime Capítulo Rosa-Cruz Luz do Oriente; em 22 de dezembro de 1982 – Augusta Loja de Perfeição Luz do Oriente; em 27 de Agosto de 1994 – Capítulo Luz do Oriente da Ordem DeMolay; em 15 de Julho de 2000 – Ilustre Conselho Filosófico de Kadosh nº 102. Já foi permitida pela direção da loja a reunião no templo do grau inglês denominado *Arco Real*.

Na cerimônia de comemoração dos trinta anos de fundação da Loja e homenagem aos membros fundadores, compareceram, entre outras autoridades maçônicas: o Grão-Mestre Geral Adjunto do Grande Oriente do Brasil, Marcos José da Silva; o Grão-Mestre Estadual do Grande Oriente de São Paulo, Cláudio



7



8



9

### Relação dos Veneráveis Mestres da Loja

- |                               |                           |
|-------------------------------|---------------------------|
| 1 - João Caparroz Ruiz        | (1977 – 1979)             |
| 2 - Thomaz Idineu Galera      | (1979 – 1981)             |
| 3 - Oscar F. Paiva Filho      | (1981 – 1983)             |
| 4 - Odair Manzini             | (1983 – 1985)             |
| 5 - Octávio Lima Filho        | (1985 – 1987/1995 - 1997) |
| 6 - Adolfo Sousa Leão         | (1987 – 1999)             |
| 7 - Flávio Denise Sorbo       | (1999 – 1991)             |
| 8 - Marcos Antônio Cardoso    | (1991 – 1993)             |
| 9 - Carlos Alberto Coelho     | (1993 – 1995)             |
| 10 - Reinaldo Luiz Salmazo    | (1997 – 1999)             |
| 11 - Nahor Pedroso Filho      | (1999 – 2001)             |
| 12 - Walter Alborghetti Filho | (2001 – 2003)             |
| 13 - Márcio Alves Oliveira    | (2003 – 2005)             |
| 14 - Humberto Togni Neto      | (2005 – 2006)             |
| 15 - Paulo Linhares Sobrinho  | (2006 – 2007/2007 – 2008) |

Roque Buono Ferreira e o Grão-Mestre Adjunto Estadual do G.O.S.P., Benedito Marques Ballouk Filho.

Antes de terminar este sucinto artigo, com algumas palavras do meu afilhado, José Roberto Espíndola Xavier, vamos ressaltar um trabalho beneficente que a Loja *Luz do Oriente* faz, juntamente com o auxílio das demais lojas maçônicas de São Caetano do Sul. Mensalmente, os membros da loja colaboram financeiramente com a Creche Oswaldo Cruz, entidade presidida por maçom em parceria com a Prefeitura Municipal da nossa cidade. Além disso, existe uma ajuda extra aos mais necessitados e a outras associações de cunho assistencial.

Acreditamos que a *Luz do Oriente* faz jus ao seu nome, pois, desde a sua fundação, nestes trinta anos de existência,

tem ajudado a dar Luz nos caminhos dos homens, amor em seus corações e coragem em suas almas.

A b a i x o reproduzimos parcialmente o discurso feito por José Roberto Espíndola Xavier quando do início da construção do salão de festas da *Luz do Oriente*, em 21 de outubro

de 1983. Ele é válido até hoje, passados 24 anos!

*Sobre este chão, haverá de pisar homens de boa vontade que saibam também conduzir os passos de seus semelhantes, nos momentos de dor e incerteza (quem não os tem?), verdadeiros irmãos na acepção mais pura da palavra. Luz do Oriente leva-nos com você. Estrela de Belém, ilumine para seus obreiros a estrada tão difícil da fraternidade entre os homens. Ensine-nos o sentido perdido da palavra democracia, faça-nos acreditar novamente naquela anciã cega chamada justiça. Dê-nos a medida certa da ambição, da decência e do dever. Exerce sua função de Escola do Espírito.*

*Unamo-nos meus irmãos, para*

**Foto 07**  
Benedito Marques Ballouk Filho (Grão-Mestre Estadual do Grande Oriente de São Paulo, na ocasião da comemoração era o Grão-Mestre Adjunto do GOSP)

**Foto 08**  
Marcos José da Silva (Grão-Mestre Adjunto do Grande Oriente do Brasil), ladeado à esquerda por Mario Del Rey e a direita por Paulo Linhares Sobrinho

**Foto 09**  
Marcos Antônio Sellani fala a respeito da história da Loja Luz do Oriente



10

**Foto 10**  
*Três fundadores foram homenageados recebendo na ocasião a Medalha João Caparroz Ruiz. Da direita para esquerda: Cláudio Musumeci, Mario Del Rey e Augustin Martin Buosi*



11

**Foto 11**  
*Três alegres membros da esquerda para a direita: Márcio Alves de Oliveira (Deputado Federal da Loja), Paulo Linhares Sobrinho (Venerável Mestre) e Walter Alborghetti Filho (Presidente do Colégio de Veneráveis de São Caetano do Sul)*

**Foto 12**  
*Dois membros da Loja Luz do Oriente. À esquerda, Mauro Russo (conhecido advogado da nossa cidade) e Evandro J. S. Mazutti (Venerável Mestre da Loja Sir Arthur Conan Doyle)*



12

*escrevermos na medida das nossas forças, a história dessa pequena Grande Loja. De maneira que, mais tarde, no fim da nossa peregrinação, ao olharmos para o passado, seja uma história bonita, uma história de amor, que na cabeceira de nossos filhos ou netos possamos felizes contar-lhes, sem mágoas ou rancores, era uma vez um grupo de irmãos que aprendeu o que era liberdade, igualdade e fraternidade.*

*Levante-se Luz do Oriente, caminha firme e serena; perscrute o infinito e ouça a amplidão: O infinito é do homem que caminha para Deus e na amplidão, escute, os sinos, hoje, dobram por você.*

Finalizando este artigo, reproduzimos abaixo uma poesia do autor, que dá uma idéia do que vem ser a Maçonaria.

O autor agradece as fotos gentilmente cedidas por Carlos Augusto Marconi, Marcelo Januzi dos Santos e Ermelindo de Jesus Corral.

(\*)*Mario Del Rey, membro da União Brasileira de Escritores, Academia Paraibana de Letras Maçônicas e American Historical Association*



## MAÇONARIA

*Mario Del Rey*

*Modelo elevado de saber confidencial  
ponte do Conhecimento e da Justiça  
Luz da Verdade.  
Para além das incertezas e preconceitos  
um turbilhão de ideais*

*Paradigma para a sociedade  
vórtice da Sabedoria.  
Nas asas da Virtude  
um saber-fazer  
devotado à democracia.*

*Veículo do Iluminismo  
nos símbolos infinitamente plásticos  
ensinamentos ilimitados.  
Em passagens graduais  
a difusão do Humanismo.*

*Receptáculo da solidariedade  
no traçado e talhado  
a estrutura espiritual.  
Na arquitetura da Razão  
a construção de um futuro melhor.*







# Os 100 anos da Sociedade Beneficente União Operária de São Caetano do Sul

**E**m 1907, São Caetano não poderia mais ser designado um simples povoado do subúrbio do município de São Paulo, pois aqui havia mais de 350 habitantes, que trabalhavam para seu sustento nas fazendas, no pequeno comércio e nas indústrias que começaram a surgir no final do século XIX, e que já mudavam o panorama econômico desta região. Eram trabalhadores vindos de São Paulo e de outras cidades do interior à procura de empregos, pois já faltava mão-de-obra para suprir as necessidades locais.

Os italianos que aqui residiam desde o início do núcleo colonial, que foi implantado pelo Imperador D. Pedro II, em 1877, já não eram soberanos à frente dos negócios e trabalho, pois portugueses, espanhóis, alguns alemães e brasileiros também compunham a mão-de-obra operária da região.

Mas São Caetano ainda vivia sob condições adversas. Não existiam médicos, hospital e infra-estrutura adequada. As doenças eram constantes e a varíola continuava a matar os habitantes locais. Os doentes não tinham a quem recorrer. Quando o pior acontecia, que era o chefe da família adoecer, os demais membros passavam sérias dificuldades.

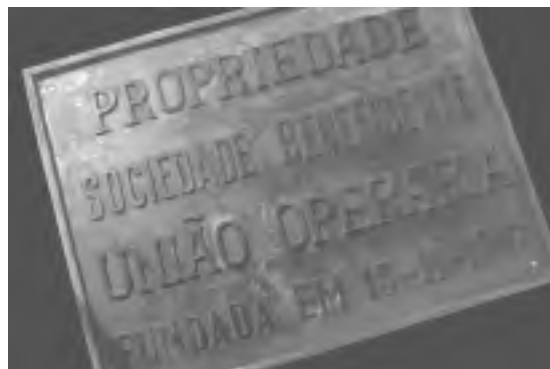
Existia em São Caetano, desde 1892, a Società di Mutuo Socorso Príncipe di Napoli, que abrigava somente sócios italianos e seus descendentes. Desta forma, os excluídos pelo estatuto da Società, por não serem italianos, já vinham se organizando. Este grupo reunia-se nas festas, nos finais de semana. Cada um levava o seu instrumento musical e, mesmo que improvisada, a banda alegrava a ocasião, que era uma verdadeira mistura de culturas. O grupo

*Primeira e atual  
bandeira da  
Sociedade  
Beneficente União  
Operária de São  
Caetano*



Ata nº 1 de criação da Sociedade

Placa de Propriedade



divertia-se bebendo cerveja e dançando músicas de suas origens.

Em junho de 1907, José Mariano Garcia Junior, homem popular em São Caetano, resolveu tomar frente deste grupo e decidiu organizar esta banda. Os músicos tinham de colaborar com o que podiam para comprar instrumentos, partituras e cervejas. O dinheiro que entrava e saía da conta da banda ficava registrado em um livro-caixa, que estampava em sua capa *Sociedade Musical Internacional União Operária de São Caetano*.

O surgimento de uma banda de música para divertir e entreter a comunidade foi o princípio de uma organização com fins maiores. Após alguns meses de reuniões e negociações com empresários da região, com a diretoria da Príncipe di Nápoli e com republicanos de São Bernardo, uma vez que São Caetano era Distrito Fiscal deste município, esta nova Sociedade ganhava força.

Contudo, havia uma certa desconfiança nos meios empresariais, pois a reunião de operários em uma entidade poderia significar um risco para os negócios, uma vez que as organizações com espírito sindical já começavam a existir com o intuito de proteger e defender a classe operária. Mas a elite de São Caetano conseguiu superar tais temores ao participar da criação e dar direcionamento a essa nova Sociedade.

Um grande evento foi preparado para a inauguração da Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano. Porém, era necessária a participação de, pelo menos, um político importante pertencente à Guarda Nacional, a nova ordem republicana de São Paulo.

Assim, no dia 15 de novembro de 1907, às 5 horas da manhã, chegava um trem à Estação de São Caetano, trazendo um ilustre cidadão, o Capitão Virgínio de Rezende, vindo de São Paulo para participar dos festejos da criação desta nova Sociedade. Junto à banda, uma comissão de três pessoas aguardava o Capitão Virgínio.

Após os cumprimentos e saudações, o Capitão foi conduzido à sede da Sociedade, que era em frente à Estação Ferroviária, hoje rua Serafim Constantino. No local, fez um discurso “saudando a nova Sociedade Internacional” e foi agradecido por parte dos sócios e pelos membros da Diretoria. Antes de se despedir, foi eleito Presidente Honorário e entregou um donativo de 50 mil réis, que hoje equivale a 64 mil reais.

As 10h30 minutos da mesma manhã, o distinto convidado foi acompanhado por vários sócios e pela banda, que continuava tocando sucessos internacionais, até a Estação Ferroviária, onde embarcou rumo a São Paulo.

A fundação, no dia da Proclamação da República, era o maior



*Estatuto de  
fundação*



*Sede da Sociedade  
Beneficente União  
Operária na  
década de 50*

indicativo das intenções políticas da nova Sociedade. Todo o cortejo e festejo em torno da presença do Capitão Virgínio de Rezende faziam parte da valorização da nova organização para a Sociedade.

Aquela celebração, a encenação com o convidado especial e a generosa doação eram o começo de um novo tempo para os operários de São Caetano.

A palavra Internacional no nome da nova Sociedade tinha a função de deixar explícita sua oposição conceitual à Príncipe di Nápoli. Já o termo Operária, também em seu nome, servia como declaração da universalidade à qual a nova Sociedade se propunha.

Naquela época, a palavra *operário* não significava apenas o funcionário das grandes indústrias. Era também a palavra utilizada para designar todo e qualquer homem que provinha o sustento para sua família por meio de um trabalho, seja industrial, agrícola ou manual.

Assim foi fundada a Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano, com o intuito de ajudar não somente os italianos, seus descendentes e os mais abastados, mas sim de abraçar uma sociedade a qual pertenciam descendentes de qualquer nacionalidade e, principalmente, os brasileiros.

A Sociedade resistiu a duas

Guerras Mundiais, revoluções, ditaduras, inflação, planos econômicos, confiscos e continua firme no propósito de mútuo socorro, auxiliando, ainda hoje, os seus 125 sócios no atendimento médico, hospitalar, odontológico e laboratorial, além de auxílio de medicamentos, invalidez e funeral.

No dia 15 de novembro de 2007, com o nome de Sociedade Beneficente União Operária de São Caetano Do Sul, a Sociedade completou, com muito trabalho e dedicação de seus fundadores e descendentes, *100 anos de existência*, marco que poucos ou nenhum de seus primeiros sócios imaginariam alcançar.

---

*(\*) Clovis Antonio Esteves, historiador e professor. Atualmente é supervisor do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul*

---

#### Referências bibliográficas

LIVROS de Atas da S.B.U.O.S.C.S.  
MARTINS, José de Souza. *Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

Crédito: Livro *Um Jornal, Uma Vida*. p.181

*Irmã Julieta  
realizando  
palestra no  
Rotary Clube de  
São Caetano do  
Sul, em 1954*

# Presença centenária das Irmãs Clarissas no Brasil

No Brasil, a instalação das Irmãs Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento ocorreu em 1907, com a chegada de um grupo de missionárias italianas da congregação à cidade mineira de Itambacuri, no Vale do Rio Doce. Segundo consta, esse grupo era formado por quatro religiosas: irmã Bernardina do Santíssimo Nome de Jesus; irmã Francisca dos Estigmas; irmã Ana dos Inocentes e irmã Benedita do Redentor.

Assim que se instalaram no país, as Irmãs Clarissas deram início aos seus trabalhos missionários, fundando uma escola destinada à educação das meninas indígenas e das filhas dos colonos daquela região. Em 1908, essa escola, que recebera o nome de Colégio Santa Clara, já abrigava 58 alunas, sendo 26 internas e 32 externas. E o número de alunas

continuou crescendo, com o passar dos anos. Em seu período áureo, a escola chegou a apresentar 500 alunas, das quais 200 internas e 300 externas.

Dentre as inúmeras frequentadoras do Santa Clara, destaca-se o nome de Julieta Ramos, filha única de uma família de fazendeiros da região. Nascida em Teófilo Otoni, em 1913, viria a ser a irmã Julieta de Lourdes, uma missionária clarissa que se tornou bastante conhecida e respeitada em São Caetano do Sul, graças ao profícuo trabalho desenvolvido na cidade.

## São Caetano

Na qualidade de religiosa da Congregação das Clarissas Franciscanas, irmã Julieta passou por vários colégios de Minas Gerais, nas cidades de Belo

Horizonte, Governador Valadares e Curvelo. Entre os anos de 1964 e 1970, chegaria à Itália e Espanha como promotora vocacional. Mas, antes desse grande trabalho no exterior, a religiosa já havia marcado presença em São Caetano do Sul, ao fundar o Instituto Nossa Senhora da Glória.

Em 1950, irmã Julieta, então superiora da Fundação Paulista de Assistência à Infância, em São Paulo, solicitou a Ângelo Raphael Pellegrino, prefeito de São Caetano, na época, um terreno onde a congregação pudesse construir um conjunto de obras assistenciais. Após a mobilização do prefeito e de outras autoridades e munícipes, como Giácomo Benedetti, Verino Segundo Ferrari, Oswaldo Samuel Massei e Olga Montanari de Mello, para conseguir o dito terreno, eis que surge o casal Arnaldo Rodrigues Reis e Isaura Rosa de Jesus, manifestando intenção de doar às irmãs clarissas três lotes de terra situados na rua Amazonas. E tal se verificou. No dia 19 de outubro daquele ano de 1950, o contrato de doação do terreno foi assinado. No ano seguinte, mais precisamente no dia 21 de outubro, era solenemente lançada a pedra fundamental da entidade que viria a ser o Instituto Nossa Senhora da Glória.

Após a assinatura do contrato de doação do terreno, a sociedade local começou a mobilizar-se, tendo em vista a arrecadação de fundos para a construção da entidade. Sendo assim, eventos de natureza diversa, como concursos de boneca viva, concertos musicais, bingos e quermesses, passaram a ser promovidos em prol daquele empreendimento. Nessa campanha, as Irmãs Clarissas contaram com o decisivo apoio da comunidade sul-sancaetanense e de instituições como o Rotary Clube local e o *Jornal de São Caetano*.



*Irmãs Clarissas Franciscanas, em foto tirada no Instituto Nossa Senhora da Glória, em 1960*

Definidos os seus estatutos, ficou estabelecido que o instituto ofereceria: creche, escola maternal, escola primária, escola profissional e ambulatório médico. No dia 29 de março de 1953, autoridades municipais e religiosas, além de um grande número de populares, compareciam à cerimônia de inauguração do primeiro pavilhão do Instituto Nossa Senhora da Glória. Quando começou a funcionar, apresentava 280 crianças matriculadas no curso primário e 36 no maternal. Em 1954, já possuía 318 alunos no curso primário, 116 no jardim de infância, 86 na escola maternal e 12 meninas internas. E o número de alunos continuou crescendo. Para atender a essa crescente demanda, as Irmãs Clarissas Franciscanas trataram de providenciar a ampliação das instalações da entidade. Para tanto, contaram, mais uma vez, com a ajuda de Arnaldo Rodrigues Reis, que se comprometeu a vender ao instituto um terreno de 1.462 m<sup>2</sup>, a longo prazo e sem juros.

Erguidas em tal terreno, as novas dependências do Instituto Nossa Senhora da Glória foram inauguradas em 9 de fevereiro de 1958, com uma cerimônia que contou com a presença do então bispo da Diocese de Santo André, D. Jorge Marcos de Oliveira, que procedeu a benção das novas instalações da escola.



*Irmãs Clarissas Franciscanas em frente à gruta com a imagem de Nossa Senhora, no antigo Instituto Nossa Senhora da Glória, na década de 1960*

Desta forma, as Irmãs Clarissas puderam ampliar o atendimento à população sul-sancaetanense e, assim, dar prosseguimento à missão de educar e prestar assistência na cidade. Nesse trabalho, irmã Julieta foi assessorada por outras clarissas abnegadas, entre as quais, irmã Rosália (que chegou a São Caetano juntamente com irmã Julieta, em 1950), irmã Lídia (secretária do instituto), irmã Laurentina, entre tantas outras que também colaboraram com as obras missionárias da congregação, no município.

Além das atividades no Instituto Nossa Senhora da Glória, as Irmãs Clarissas também passaram a prestar serviços no Hospital São Caetano, cujo primeiro pavilhão foi inaugurado em 25 de julho de 1954.

Em decorrência do surgimento de parques infantis municipais na cidade, fato que começou a ser observado já em fins da década de 1950, a congregação entendeu que não seria mais necessária a permanência das Irmãs Clarissas no Instituto Nossa Senhora da Glória. Além do mais, as missionárias teriam tarefas a cumprir em regiões carentes, principalmente no Peru e na Bolívia. Diante disso, no final da década de 1960, as religiosas resolveram encerrar as

atividades daquele instituto, alugar suas instalações e aplicar o rendimento em obras missionárias.

Falecida em 6 de dezembro de 1998, irmã Julieta deixou para São Caetano do Sul os frutos de sua dedicação e empenho para com o próximo. Dando continuidade a esse trabalho, as Clarissas Franciscanas desenvolvem, atualmente, na cidade, atividades sociais e evangelizadoras, tais como, distribuição de alimentos aos carentes, atendimento espiritual aos doentes (que delas recebem a Eucaristia), círculo bíblico e catequese.

## Homenagens

Para comemorar o centenário da chegada das Irmãs Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento ao Brasil, muitas homenagens foram prestadas às religiosas. Em Minas Gerais, berço dos trabalhos da congregação, houve, entre os dias 3 e 14 de julho, intensa programação de atividades e eventos para celebrar a data especial, como homenagens na Assembléia Legislativa e na Câmara Municipal de Belo Horizonte, mostra cultural, festival de dança e caravana para Itambacuri. Durante a homenagem na Assembléia Legislativa, no dia 9 de julho, madre Regina Lúcia Abreu Lima Rezende, superiora-geral do Instituto das Irmãs Clarissas Franciscanas, destacou que comemorar o centenário “é fazer memória de cada rosto, de palavras, silêncios, ações, sacrifícios, alegria, compromisso, generosidade, que, neste longo tempo de graça, nos permitiu estar aqui hoje, juntos, para cantar a fidelidade do nosso Deus.”

*(Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul).*

# Abstracionismo

## Abstração

*Em geral entende-se como abstração toda a atitude mental que se afasta ou prescinde do mundo objetivo e seus múltiplos aspectos.*

*Refere-se, por extensão, no que tange à obra de arte e ao processo de criação, suas motivações e origens, a toda a forma de expressão que se afasta da imagem figurativa.*

*Max Perlingeiro, in “Abstração como linguagem: perfil de um acervo” Editora Pinakotheke. SP*

*No contexto da Arte moderna, o sucesso da chamada arte abstrata foi tão grande que a conceituação a respeito passou a ser feita muitas vezes apressadamente, sem a devida atenção ao significado legítimo de “abstração”. Esse conceito se refere à operação de abstrair, que significa, em princípio, retirar, separar ou eliminar certas características ou certos elementos de um todo originalmente integrado. Por meio da operação abstrativa é possível efetuar-se a seleção de determinados aspectos semelhantes – a fim de que a atenção possa melhor concentrar-se neles.*

*Jayme Mauricio in “Abstração como linguagem” Editora Pinakotheke. SP*

*Obra figurativa:*

*Nome: Mulher com jarra de água*

*Autor : Johannes Vermeer*

*Data: 1660*

*Acervo Marquand Collection of The Metropolitan Museum of Art – N.Y.*



Usando um simbolismo meio simplista, mas de efeito claro e para fins didáticos, podemos comparar a obra figurativa com uma canção com versos. Ao ouvirmos a interpretação do cantor, percebemos com facilidade o que o compositor nos deseja contar. A obra abstrata, por sua vez, pode ser comparada

*Obra figurativa:*  
*Nome Flores e doces*  
*Autor: Pedro Alexandrino*  
*Data: 1900*  
*Acervo: Pinacoteca do Estado de SP*



a uma melodia sem versos. E cabe ao ouvinte deixar-se levar pela música e sentir, quase sem nenhuma indicação explícita, a proposta do compositor.

Mas, para entender a arte abstrata em sua complexidade, recomenda-se ampliação do repertório de conhecimentos sobre Arte, visitando exposições, lendo, vendo e, principalmente, visitando a História.

A pintura dentro do fazer artístico, até meados do século XVIII, seguia normas rígidas nas soluções e preocupações dos artistas com a figura. Tanto assim que as academias ensinavam que havia quatro temas a serem desenvolvidos na pintura: *natureza morta*, *retrato*, *paisagem* e *marinha*, e um tema denominado alegoria, ou pintura *alegórica*.

Na *natureza morta*, os objetos ou figuras apresentam-se em um ambiente interno afastado da natureza. São representados seres vivos, mas que se sabe inanimados (daí o termo *natureza morta*, traduzido do francês, e que recebeu em inglês a denominação de *still life*). Flores e frutos, mesmo que frescas e viçosas, aparecem nas telas repousadas sobre superfícies ou colocadas com esmero em jarros ou vasos de materiais diversos.

Animais de caça e pesca à espera do cozinheiro. Pães, facas e cestos surgem sobre um planejamento calculadamente despojado.

O *retrato*, quase sempre, colocava o personagem em posturas estudadas, com luzes e sombras perfeitamente controladas e, dependendo da maior ou menor habilidade e sensibilidade do artista-retratista, a personalidade do retratado poderia emergir nas feições e na postura do modelo.

As *paisagens* são, talvez, as obras figurativas mais apreciadas antes do surgimento das regras acadêmicas e depois da decadência delas. A paisagem situa as pessoas em locais diversos do seu cotidiano, e a nostalgia transmitida pelo estar-não-estar sempre encanta.

O mesmo pode-se dizer das *marinhas*: rios ou mares revoltos; plácidas areias de uma praia tranqüila; azuis celúreos ou névoas espessas; o brilho e a escuridão das águas profundas.

A pintura *alegórica* está ligada ao conhecimento, aos signos, e conta, por meio de símbolos, as passagens, momentos ou políticas ligadas mais diretamente ao tempo e ao espaço onde se desenvolve. Provoca sentimentos e sensações, mas exige erudição.





*Obra abstrata*  
*Título Estaleiro Velrôme*  
*Autor: Lucio Pegoraro*  
*Data: 1986*  
*Acervo do autor.*

Portanto, todas essas sensações estão bem claras nas obras figurativas clássicas. E a pergunta que surge é: *Como e por que os artistas abandonaram essas propostas estéticas tão apreciadas, já introjetadas no inconsciente e aceitas de imediato ao primeiro olhar?*

A Arte não é estática. O artista é um ser ligado ao passado e ao futuro, um criador, traz em si o espírito do cientista e a perspicácia do pesquisador. Seus interesses estão nos desafios, nas inquietações e no mergulho sem fim no cosmos, no imponderável, no infinito. Interessa-lhe as rupturas e os questionamentos. E, se assim não for, não será um artista. Acomodar-se não é parte do seu ser e, se gosta, luta pela aceitação. Também luta e gosta de sua própria individualidade. Paradoxos à parte, é isso que move a arte e que a eleva e transforma.

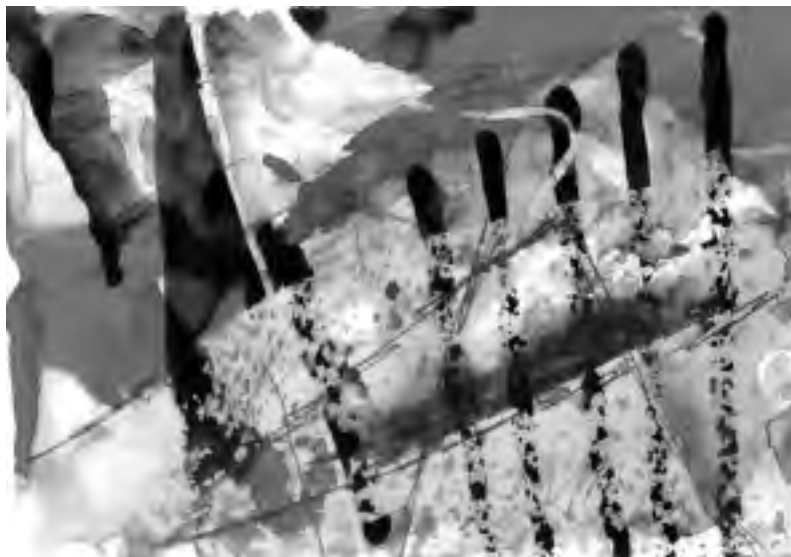
Entendendo o motor contínuo da História e inserido irremediavelmente nele, o artista é impelido sempre a criar. Daí surgem as correntes, as estéticas, as poéticas, os movimentos estéticos. Note-se que não estamos falando de um setor da sociedade que busca o novo pelo novo, o gosto pela novidade apenas para consumi-

la e descartá-la. Pelo contrário, o artista digno dessa classificação – desse nome tão massificado e desgastado - não faz concessões aos desejos do consumidor de arte, não produz aquilo em que não acredita.

Devido a isso temos obras que são marcos importantes na história da arte e outras tantas que foram criadas como cópias mal acabadas e depois descartadas. O grande momento da pintura figurativa ocorreu, seguramente, entre os séculos XVII e XVIII. A perfeição alcançada pelos acadêmicos é tal que ainda encanta os olhos. Mas e o espírito? As emoções?

Não por acaso, as preocupações com os sentimentos e as sensações surgem no final do século XIX. A busca de conhecimentos mais profundos sobre a psique humana; o comportamento mais livre das imposições sócio-políticas; a valorização do interior, do cerne, daquilo que não está visível, aparente e reconhecido de imediato: isso tudo é relatado pelas novas formas de arte que surgem com o modernismo. Abstrai-se, retira-se o relato que a figura traz e incita-se o intelecto e a emoção de buscar novas relações de espaço, tempo, cor, forma.

*Obra abstrata*  
G. A.4  
Autor :Gerard Richter  
Data : 1984  
Acervo: Museu de Arte Moderna – Nova York



Dizer que a pintura foi modificada em razão do surgimento da fotografia é simplismo.

Os pintores de ofício perderam seus clientes não em razão da fotografia, mas por não terem muito mais a dizer em seus retratos posados, estudados, em fórmulas repetidas.

Os impressionistas saíram dos ateliês, procuraram a luz natural, criaram um novo modo de pintar, romperam com a academia e, em suas buscas incessantes, mudaram a pintura. Buscavam colocar a figura, a paisagem, o mundo em uma nova organização ditada pelas impressões que estas lhe causavam. Os impressionistas valorizavam os sentimentos dos protagonistas, sejam pessoas, árvores, janelas ou qualquer outra figura.

Vicente Van Gogh, Paul Klee, Paul Gauguin, Arp, Munck, Picasso, Braque, Miro e tantos outros.

Quando René Magritte, em 1927, nos diz literalmente em sua obra “isto não é um cachimbo” mas a representação de um cachimbo, coloca a questão da mistificação do figurativo, da representação da realidade, da polissemia da obra de arte, ao lado de outras questões propostas por Kandinski, Chagall, entre outros.

O valor da arte influenciada ou ditada pelas práticas acadêmicas é inegável, mas o movimento de ruptura, denominado Moderno, transformou esse vocábulo em sinônimo de algo inadequado e cheio de bolor. Como o modernismo se impôs de forma total e eficiente, por mais de 100 anos, no momento contemporâneo – pós-moderno – o academismo é visto como o produto de uma época, de um determinado momento e... ponto.

A Arte abstrata descarta a figura conhecida e recoloca o mundo visível na informalidade das formas, cores, linhas, texturas, planos e volumes. O gesto traduz a intenção e sua liberdade libera também a expressão interior transformadora.

As polêmicas que as correntes abstracionistas provocaram já estão aplacadas e descoradas. A chamada arte-abstrata não mais traz choques ou indignação, mas apenas aquilo a que se propõe: reflexão.

---

(\*)Neusa Schilaro Scaléa, fotógrafa, professora, designer gráfica, especialista em museus de arte. Atualmente é coordenadora da Pinacoteca Municipal da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

# Ética e Técnica: por uma prática consciente de Conservação e Restauração

**N**os debates em foros especializados na esfera da conservação e restauração de bens patrimoniais, discutia-se, até recentemente, se essa atividade poderia se enquadrar no campo das artes, da tecnologia ou da ciência. Se formos considerar a afirmação de Domingos Tellechea de que “a ciência requer o conhecimento de leis e princípios metodicamente ordenados”<sup>1</sup>, observa-se que os métodos e técnicas de intervenção, a aplicação de princípios de conservação preventiva e as diversas tecnologias aplicadas no âmbito da preservação podem, de fato, ser enquadrados dentro de uma perspectiva verdadeiramente científica.

O parti-pris científico modifica, necessariamente, a atitude do profissional diante do seu objeto de investigação. Não é mais possível aceitar que um conservador/restaurador seja alguém que desconhece desenvolvimentos científicos e aplicações tecnológicas na sua área de interesse. Tampouco se aceita que seja um mero executor de procedimentos e tarefas sobre as quais não exerce seu poder de reflexão.

Ao examinarmos a história da restauração, seguramente seremos compelidos a compreender modificações significativas no uso de materiais e nas técnicas do trabalho, bem como nos

critérios de intervenção. Portanto, é necessário à Conservação/Restauração que se imponham proposições diretoras, tais como: o que restaurar, como, quando, quem está habilitado a executar um procedimento e, acima de tudo, porque fazê-lo. Mais do que especulações teóricas são esses princípios epistemológicos baseados em conceitos contemporâneos de preservação que devem orientar a conduta do profissional.

A preservação deve colocar em xeque a proposição errônea, e um pouco prepotente, de que as técnicas são instrumentos neutros. Longe de qualquer aspecto de neutralidade, a tecnologia e os métodos de trabalho científico são formas de interferência, recursos a serviço de uma idéia, de um conceito, uma teoria que as precede e, de certa forma, as determina. Assim, a tecnologia aplicada às exigências da conservação/restauração precisa ser precedida do debate sobre conceitos de patrimônio, história, memória, preservação e outros princípios imbricados em uma idéia mais ampla de cultura. Ao entendermos com qual conceito de cultura lidamos em uma determinada sociedade, há como identificar o conjunto de condições materiais, históricas e, por conseqüência, éticas, que envolvem a sociedade e suas diferentes manifestações.

1 Tellechea, Domingos Isaac – A Sociedade e a Restauração. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade. Imagens literárias de São Paulo e Preservação de Bens Culturais*. Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo, 1994 (130-144).

2 Para Cesari Brandi a restauração “é um momento metodológico de reconhecimento da obra de arte em sua consistência física e na sua dupla polaridade estético-histórica com o objetivo de transmiti-la ao futuro.” Conferir: Brandi, C. *Teoria da Restauração*. Ateliê Editorial, São Paulo, 2005.

3 Sobre o assunto ver: International Council of Museums. *ICOM Statutes. Code of Professional Ethics*. Paris:ICOM, 1990.

A partir dessa compreensão, podemos reconhecer que a prática da intervenção restauradora de bens patrimoniais na contemporaneidade não pode se afastar de sua finalidade essencial, que não se resume na aplicação de técnicas mais ou menos sofisticadas, mas sim na adequação de métodos que reconheçam características do objeto em questão visando sua preservação. O questionamento sobre o porquê e como preservar objetos e referências patrimoniais advém do princípio de que a restauração é, de fato, uma interferência, e que deve acontecer quando for absolutamente indispensável para a manutenção do objeto sem alterações que arrisquem sua autenticidade.<sup>2</sup>

As técnicas aplicadas devem responder a um conceito de preservação baseado nos princípios de: integridade do objeto; padrão único de excelência no tratamento de todo objeto patrimonial; limites na intervenção balizados por premissas de equilíbrio e manutenção de valores de caráter estético e histórico; insubstituição da imagem; manutenção das lacunas; possibilidade de aplicação do princípio da reversibilidade, entre outros.<sup>3</sup>

A noção de preservação na contemporaneidade questiona as funções do patrimônio e busca entendê-lo como resultado da produção humana e, portanto, desloca o eixo de atenção do objeto em si para focalizá-la no ser humano, produtor responsável pela criação de tais testemunhos. Os objetos têm seu caráter aurático diminuído e passam a se integrar no processo da vida, refletindo aspectos do relacionamento do ser humano com o meio ambiente. Se admitirmos que os valores que circundam um objeto são sempre atribuídos, então, inexoravelmente, transformam-se com o tempo. No entanto, o que permanece inalterado para historiadores, estetas, museólogos,

coleccionadores, curadores é a possibilidade de explorar o potencial educativo e o aspecto testemunhal dos objetos. Para manter inalteradas tais características, conservadores/restauradores devem focar atenção na manutenção da verdade documental dos objetos.

Nunca é demais destacar que o potencial de comunicação que circunda os objetos patrimoniais é essencialmente não-verbal. Assim, seus possíveis significados se evidenciam pela capacidade de permitir uma extensa gama de interpretações e compreensão sob os aspectos afetivo, cultural, antropológico, sociológico, comportamental, religioso, ritual, entre tantos outros. O princípio ético de manutenção e insubstituição da imagem traduz a preocupação com a verdade documental do objeto patrimonial.

Ser profissional da Conservação/Restauração de bens patrimoniais significa a oportunidade de trabalhar com a matéria-prima da história, quer dizer, com cultura material, com os testemunhos do passado. As técnicas são recursos que devem se submeter aos princípios preservacionistas, que buscam manter a legibilidade de uma obra sem modificar seu aspecto. Não podemos perder de vista que o desenvolvimento da noção contemporânea de preservação patrimonial e os investimentos, cada vez maiores, em conservação preventiva fazem parte de uma discussão mais ampla, relacionada com a preocupação global de manutenção do meio-ambiente e atrelada aos planos de combate à destruição acelerada de habitats naturais e melhoria da qualidade de vida das populações urbanas.

Ressaltamos que, junto a um conhecimento amplo e seguro de processos científicos e tecnologias

2 Para Cesari Brandi a restauração “é um momento metodológico de reconhecimento da obra de arte em sua consistência física e na sua dupla polaridade estético-histórica com o objetivo de transmiti-la ao futuro.” Conferir: Brandi, C. *Teoria da Restauração*. Ateliê Editorial, São Paulo, 2005.

3 Sobre o assunto ver: International Council of Museums. *ICOM Statutes. Code of Professional Ethics*. Paris:ICOM, 1990.

aplicadas, o conservador/restaurador deve aproveitar toda oportunidade que se apresente para aprofundar discussões que possam melhorar o nível de conscientização coletiva. Preservar bens patrimoniais pode representar a possibilidade de manter registros do nosso passado e a reconstrução de nossas memórias – coletivas ou individuais. Os objetos preservados, em meio a uma ambiência adequada e uma conservação responsável, podem estimular o

pensamento, a reflexão, o questionamento e, no limite, as possibilidades do exercício dos princípios de uma cidadania participante e consciente.

---

(\*)*Marilúcia Bottallo, Museóloga Documentalista, Professora de Ética e História da Restauração e Membro do Conselho de Orientação Artística da Pinacoteca do Estado de São Paulo*

Em 1996 foi feito um trabalho de conservação/restauração da jaqueta de Músico da Banda Casa de Savóia (1905), pertencente ao Museu Histórico Municipal, sob a coordenação geral de Teresa Cristina Toledo de Paula (Conservação de Têxteis Históricos Museu Paulista – Universidade de São Paulo)



*Vista geral (anverso e verso) da jaqueta antes da execução do trabalho*



*Resultado final do trabalho. A jaqueta, restaurada e exposta na vitrine*

# Comendador Amêndola: um batalhador de dois mundos

*Aos 87 anos e com muita vitalidade, Francesco Amêndola conta que sua paixão pela literatura sobreviveu nas trincheiras da Segunda Guerra Mundial*

*Francesco Amêndola em foto recente*



Fotos: Acervo/ Francesco Amêndola

**F**rancesco Amêndola é uma daquelas figuras marcantes por onde passa. Repleto de alegria, disposição e otimismo, nunca vê dificuldades para realizar aquilo que deseja na vida. Chegando hoje aos 87 anos, lúcido e em plena atividade, certamente não faltam histórias para contar. Histórias que fascinam, não apenas sobre episódios que marcaram sua vida, mas também por mostrarem direta ou subliminarmente o contexto social no qual se deram.

Amêndola é professor de italiano e, há muitos anos, fixou residência em Ribeirão Pires. Sua trajetória pessoal confunde-se com um importante e dramático momento da história do século passado: a Segunda Guerra Mundial, que teve, o até então estudante universitário, como um de seus protagonistas, defendendo as trincheiras da Itália, antiga aliada da Alemanha.

Em 18 de agosto de 1920, nascia Amêndola, na cidade de Palermo, na Sicília – Itália. Ele lembra que, aos 20 anos, em 1941, teve de abandonar o curso superior de Letras, pois fora convocado para servir às tropas da aeronáutica italiana nas Ilhas Dodecaneso, no Mar Egeu, que então pertenciam à Itália. Os

horrores da guerra, no entanto, não abalaram seu gosto pela literatura, paixão que o jovem combatente tratava de alimentar nas poucas horas de folga, quando se lançava sobre os livros na esperança de um dia conquistar sua graduação. O apreço pela leitura despertava a curiosidade dos companheiros de tropa e, principalmente, de seu comandante, Bullio, coincidentemente um capelão que, para servir às tropas da Itália, também tivera de deixar seu posto de reitor da Universidade de Rodos, também nas Ilhas Dodecaneso.

“Ao me olhar estudando, o comandante prometeu ajudar e me levou até à Universidade. Então, me matriculou e conseguiu um monte de apostilas de todas as matérias, que passei a estudar nas horas vagas”, conta, ao lembrar que foi

essa providencial ajuda que permitiu que se graduasse, não apenas em Letras, mas também em Filosofia, em 1943. Neste mesmo ano, a Itália, após um golpe militar que derrubou o ditador fascista Mussolini e instituiu o regime republicano, rompeu a aliança com a Alemanha. “Fiz todas as provas e passei com destaque”, orgulha-se.

### **Prisioneiro de guerra**

Amêndola conta que, tão logo soube da decisão da Itália de romper com as tropas nazistas, a Alemanha ocupou todas as bases italianas, cujos soldados se viram diante do seguinte ultimato: continuar com os alemães ou seguir para os campos de concentração. “Como gostava muito do comandante Bullio, resolvi aderir junto com ele para não ir para o campo de concentração”, lembra Amêndola, ao contar que, na primeira oportunidade, fugiu das trincheiras alemãs, mas pouco depois foi pego e transformado em prisioneiro das tropas nazistas. Amêndola lembra que, a essa altura, quando a guerra já estava no fim, o navio alemão onde estava preso quebrou e ficou à deriva.

Após alguns dias do término do conflito mundial, com a derrota da Alemanha e seus aliados, um navio inglês tentou resgatar os soldados, mas não conseguiu por causa do porte das duas embarcações que colidiam ao se aproximarem, por conta do vento e do mar revolto. Um outro navio, de cuja nacionalidade não se lembra, fez a mesma tentativa, mas fracassou pelos mesmos motivos. Finalmente, uma embarcação italiana de pequeno porte conseguiu aproximar-se e, com um tiro de espingarda, lançou um barbante amarrado em uma corda para que os alemães prendessem-na em um gancho.

“O navio italiano, que tinha o nome de Mas, já se preparava para partir, quando seu comandante gritou se havia algum siciliano a bordo. Gritei dizendo que eu era siciliano, então me levaram com eles”, conta, acrescentando que, pouco depois, descobriu já estar em território italiano. O benfeitor também amenizou sua saga de volta para casa, dando-lhe um barco a remo, uma mochila com comida, uma bermuda e uma camisa. “Percorri mais de 400 quilômetros, de barco e a pé, já que, depois da guerra, muitas cidades foram destruídas e não havia sistemas de transporte”, recorda.

### **Miséria do pós-guerra**

Se a volta para casa trouxe-lhe alegria por rever a família, trouxe também desalento ao constatar a miséria que assolava seus parentes, assim como toda a Sicília. “Em 1945, não existiam fábricas, nem oficinas, nem lojas; não existia mais nada nas cidades italianas, a não ser montes de ruínas. Coitado daquele povo!”. Mas Amêndola não esquentou assento em casa e, para tristeza da mãe, seguiu à procura de trabalho até a cidade de Turim, onde agarrou a primeira oportunidade de emprego que encontrou: fazer malabarismos com motocicleta na muralha da morte em um circo.

Um ano depois atendeu a um anúncio de jornal que recrutava trabalhadores para uma mina de carvão na Bélgica, onde foi admitido e ficou por três anos, sempre mandando parte do seu salário à família. “Como percebi que na mina morriam mais trabalhadores do que



*Francesco Amêndola, em Arezzo, em foto datada de 4 de julho de 1941*



Foto do Posto F.  
Amêndola, ano de  
1953

soldados na guerra, depois de três anos, quando minha família já estava mais ou menos estabilizada, resolvi que era hora de pensar em meu futuro”, conta Amêndola, lembrando dos vários conselhos dados pelos amigos, alguns apontando como destino os Estados Unidos, onde havia muitos italianos, e a Venezuela, país promissor por conta de seus poços de petróleo. Mas ficou mesmo com a sugestão de seguir para o Brasil. “Ao ouvir sobre o Brasil, sei lá, essa palavra me cativou”, explica.

Mas, ao contrário de tantos compatriotas, cujas viagens foram marcadas por dificuldades, Amêndola conta com entusiasmo sobre os momentos agradáveis que viveu no navio que o trouxe da Itália para o Brasil. “Foram os melhores dias de minha vida”, garante, ao explicar a boa convivência com outros estrangeiros que, como ele, vinham em busca de uma vida melhor. Os primeiros 90 dias após aportar em Santos foram

extremamente difíceis, o que levou o jovem Francesco, então com 28 anos, a se transferir para São Caetano, aonde chegou apenas com uma mala amarrada com cordão, mas logo se tornou comerciante, vindo a prosperar e se tornar figura bastante conhecida no meio social.

### **Construção de uma nova vida**

Em São Caetano, permaneceu até 1980, quando, num trágico acidente automobilístico, perdeu a esposa e um filho, o que o levou à depressão. Amêndola trocou a mansão onde vivia em São Caetano por uma casa simples em uma chácara que possuía no bairro Santa Luzia, em Ribeirão Pires, onde mora até hoje com a segunda esposa, Solange, com quem teve três filhos. Uma quarta filha, nascida do primeiro casamento, casou-se e foi morar em Miami, nos Estados Unidos, onde faleceu recentemente.

### **Entre bombardeios e poesia**

A paixão pela literatura foi tanto um alento contra os horrores da guerra, quanto uma forma encontrada por Amêndola para registrar momentos dramáticos. Um deles aconteceu em 1941, quando, após o rompimento da aliança, a Alemanha bombardeou Rodos, matando 300 soldados italianos. O episódio, que ele conta com especial emoção, entre tantos outros que presenciou em consequência dos combates, também lhe ajudou a formar uma convicção: “A Itália não estava preparada para a guerra”. Sua impressão sobre o bombardeio foi imortalizada no poema *Eran 300, eran giovani e forti e sono morti* (Eram 300 jovens, fortes e estão mortos), que hoje faz parte do currículo escolar de estudantes italianos, por decisão do Ministério da Educação da Itália, ao qual





*Francesco Amêndola  
durante a Segunda  
Guerra Mundial – Rodi*

Amêndola enviou uma cópia já quando se encontrava no Brasil.

Já no Brasil, ganhou um concurso promovido pelo Consulado Geral da Itália, com a poesia *L'italiano che c'è nel mio cuoro*, que, além de enaltecer a terra natal, também aborda a mulher brasileira.

### **Colônia Italiana**

A cultura de seu país de origem foi difundida, principalmente, por meio da ACISCS (Associação Colônia Italiana de São Caetano do Sul), que Amêndola fundou e dirigiu por muitos anos, juntamente com outros italianos locais e seus descendentes. Mais tarde, quando se transferiu para Ribeirão Pires, fundou e dirige, até hoje, a Colônia Italiana daquela cidade. Em São Caetano, ganhou grande

notoriedade por conta das ações assistenciais em prol das famílias necessitadas e dos compatriotas e seus descendentes, além do ensino do idioma italiano, ministrado e reconhecido pelo Consulado Geral da Itália. Depois de radicado no Brasil, Amêndola retornou à Itália, onde fez pós-graduação em Letras.

A popularidade logo enfrentou o assédio do meio político. “Queriam que eu me naturalizasse brasileiro para entrar na política, mas não aceitei, porque político tem de fazer muitas promessas que não vai conseguir cumprir-las. E eu não sou de prometer e, se assim fizer, tenho de cumprir”. A contribuição social junto à colônia italiana já rendeu muitas honrarias a Francesco Amêndola, que recebeu os títulos de Comendador, sugerido pelo então Governador Adhemar de Barros, e a

*Francesco Amêndola dirigindo uma Assembléia da Colônia Italiana, tendo ao seu lado os diretores Glenir Santarnecchi e Gentil Monte*



Loba de Roma, comenda concedida pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Ribeirão Pires também reconheceu o seu trabalho e concedeu o Título de Cidadão Ribeirãopirense, pela Egrégia Câmara Municipal.

O currículo literário do Comendador Amêndola poderia ser mais rico, não fosse uma enchente que danificou totalmente seu livro *La Spia H 13* (A Espiã H 13), que possuía mais de 200 páginas recheadas de aventuras, mas não chegou a ser editado, uma vez que o comendador não tinha uma cópia do texto. Desgostoso, Amêndola nem tentou reescrever a história, mas espera melhor sorte com sua autobiografia, da qual, por enquanto, só definiu o título: *La Mia vita Social* (A minha vida social), mas espera escrever quando se aposentar definitivamente como professor. “Esse deve ser o último ano que leciono. Apesar de minha mulher falar que todo ano digo isso”, brinca.

### **Curso de Italiano**

Nos últimos anos, Amêndola lecionava italiano em curso gratuito no Centro Educacional Ibraim Alves Lima,

mediante convênio com a Prefeitura de Ribeirão Pires, porém o convênio não foi renovado para 2007. No entanto, o professor explica aos interessados que continuará lecionando num salão em sua própria residência, no bairro Santa Luzia, cobrando apenas valores simbólicos, se restarem vagas em cada início de semestre.

Para a redação deste texto, utilizei uma entrevista pessoal realizada em sua residência, em maio de 2007, e vídeo de uma entrevista concedida ao Programa *ABC Brasil*, do Canal 45UHF e 14 de Vivax, na época Canbras, realizada no dia 30 de junho de 1996, além da convivência com Francesco Amêndola desde meados da década de 60.

---

*(\*) Domingo Glenir Santarnecchi, jornalista, advogado, pesquisador da memória da região do ABC e presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

# João Lins Pereira:

## o sindicalista dos anos

### 50, 60, 70, 80

**N**o final dos anos vinte, duas famílias uniam-se pelos laços do matrimônio. Uma de origem portuguesa, os Pereira, e outra oriunda de holandeses, os Lins. Josefa Lins tornou-se Pereira por se casar com Alfredo Luiz Pereira. Este casal teve seis filhos: quatro homens e duas mulheres. No final de 1934, Josefa estava grávida do terceiro filho. A família vivia em Bonito, uma cidade a 130 quilômetros de Recife, a linda capital pernambucana. Ali nasceu, no dia 4 de dezembro, o menino João Lins Pereira.

Em pleno agreste pernambucano, Bonito ainda era uma cidade rural. Em plena década de 1930, já era a mais antiga e possuía grande prestígio na região. Tanto que até a grande Caruaru, hoje a segunda mais importante do Estado, naquele tempo não passava de um distrito de Bonito. Seu povo vivia do cultivo do feijão, favo, cará, milho, batata doce, café, verdura, pimenta-do-reino e também da criação de gado. João nasceu nas terras do fazendeiro Davino Coelho, com quem seu pai tinha um acordo para cuidar da plantação.

Quando ele tinha quatro anos, sua família saiu de Bonito para ir morar em Bezerro, uma cidade abaixo de Caruaru, mais precisamente em Serra Negra, um vilarejo com muitos sítios e fazendas que cultivavam algodão e mamona. Seu pai agora trabalhava nas terras de Samuel

Cunha, que era dono do único motor que gerava energia para a cidade, que ficava iluminada só das 7 às 23 horas. Depois tudo caía num imenso breu. O detalhe é que os produtos que o pai plantava tinham de ser comercializados no próprio mercado do Sr. Samuel.

#### Viu o fim da Segunda Guerra

Em 1945, Lins tinha onze anos e conseguira um emprego como office-boy numa casa de família, onde tinha de ajudar na limpeza e fazer as compras. Ele ainda se recorda de que as torneiras de bronze tinham de ficar amarelinhas, mas, como qualquer dedão deixava tudo manchado, recebia uma grande bronca da dona da casa, que o fazia limpar novamente. O próprio Lins cita que era meio relaxado para fazer aquele serviço, mas que a dona, uma presbiteriana ranheta, exagerava nas cobranças e chegava a lhe dar puxões na orelha.

Naquela época se vivia um tempo de guerra. Os bombardeios eram na Europa, mas por aqui o medo imperava. Por causa do incidente com o submarino brasileiro que foi afundado na costa da Bahia, os navios não queriam mais navegar para o Nordeste e, com isso, o comércio foi bastante afetado. As famílias até possuíam dinheiro, mas não havia o que comprar.

A missão do pequeno Lins era acordar toda manhã, por volta das 4 horas da madrugada, e sair à procura de qualquer comida que pudesse ser comprada. Numa dessas ocasiões, trouxe uma lingüiça para ser servida no almoço e quase matou toda a família e a si próprio: é que ela estava estragada. Após almoçar, pegou um ônibus para levar a roupa na lavanderia. Não deu tempo de chegar. No meio do caminho, começou a suar frio e só depois de jogar tudo para fora é que foi melhorando. De volta à casa, viu que um médico atendia toda a família pelo mesmo motivo.

Outra lembrança de Lins é o término da Segunda Guerra Mundial. Era maio de 1945. Naquela noite, houve um culto especial e toda a família, que era presbiteriana, compareceu na Igreja Batista, até hoje localizada na avenida Cônego da Boa Vista. Como sentou no fundo, ouviu o som da Banda do Clube Toureiro, uma espécie de bloco carnavalesco, que estava comemorando o fim da guerra. Lins não pensou duas vezes e foi atrás do alegre som, mas marcou bem o tempo para retornar antes do término do culto. Até hoje a sua patroa não soube do ocorrido.

Por falar em patroa, ele vivia em constante acirramento com a mesma. Numa ocasião, Lins bateu no filho dela. Mas o dia em que ela ficou enfurecida foi quando Lins pegou seu salário, que era de dois mil réis, e foi comprar uma calça comprida, que era um símbolo para quem já se sentia homem. Até então, os garotos só podiam usar calça curta. Quando chegou em casa todo orgulhoso, mal teve tempo de se proteger da ira da patroa, que veio para cima dele com uma rispidez imensa. Para se defender, Lins pegou uma vassoura e a enfrentou. Viu, todavia, que não tinha outra alternativa: deu no pé e foi para a rua. Seu pai voltou no dia seguinte

para pegar o restante do dinheiro do pagamento que faltava. Nunca mais voltou àquela casa.

### **O começo da vida sindical**

Próximo da fábrica de moagem acontecia, num determinado dia da semana, uma feira de frutas e os operários sentavam na calçada para chupar laranja. Foi numa destas ocasiões que apareceram alguns homens estranhos fazendo perguntas. Eles queriam saber se o Osvaldo Muniz, o Bartolomeu Marques e o Joaquim Gomes eram os sócios proprietários da empresa. E receberam uma resposta afirmativa.

Lins, o menor do grupo, ficava ouvindo e querendo entender tudo. Descobriu que aqueles homens eram da Federação dos Sindicatos da Alimentação, e que os proprietários da moagem também pertenciam ao grupo. Contudo, como agora eram donos da empresa, não poderiam mais continuar como representantes do sindicato dos empregados.

Os sindicalistas fizeram convite para que eles entrassem na diretoria representando os trabalhadores. Lins gostou da idéia, mas logo ficou sabendo que, por ser menor de idade, não poderia ocupar o cargo.

Lins não se tornou diretor, mas era o grande incentivador para que os empregados se sindicalizassem e participassem das assembléias. Foi desta forma que o futuro grande líder sindicalista entrou para o mundo sindical, ou seja, pelas portas do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Torrefação e Moagem de Café do Estado de Pernambuco.

Mas não pense que era fácil. Às vezes, Lins era ameaçado por alguma peixeira, um tipo de facão que se usa na



*Sindicalista João Lins Pereira em três momentos: década de 1970, década de 1980 e em 2006*

cintura. A ameaça partia dos próprios operários, que diziam: “Menino, aqui ninguém quer saber de sindicato e iam logo puxando a peixeira”.

Nessa época Lins morava na Praia no Pino e, às vezes, aparecia em casa com alguns amigos para comer e dormir com o objetivo de, no dia seguinte, participar de alguma atividade sindical. Curiosamente, não perguntava para a mãe se tinha ou não comida, e aí a confusão estava armada.

### **Quando se tornou um metalúrgico**

Nos anos 1960 o Brasil vivia o grande boom da siderurgia. O setor de metalurgia crescia muito e surgiam novas vagas de empregos. Lins, que na época já era maior de idade, foi em busca deste emprego. Em 1961 entrava na Companhia Siderúrgica do Nordeste, cuja sede localizava-se na rua Aurora, no bairro Santo Amaro, para atuar como ajudante na laminação. Logo aprendeu o serviço de gancheiro e passou a auxiliar de desbastador. Um ano depois, já atuava como desbastador.

Tudo caminhava para um futuro garantido, quando sua veia de sindicalista pulsou mais forte. Liderou um movimento para conquistar aumento salarial e organizou uma greve, inclusive sem o apoio do sindicato, que pouco aparecia na porta da fábrica e nada fazia pela categoria. Evidentemente, Lins não deu outra. Ele e mais nove, que eram

considerados os cabeças do protesto, foram demitidos por justa causa.

Estávamos no final do ano e Lins teve de amargar um Natal sem peru. Apenas em meados de 1963, os demitidos conseguiram um acordo com a empresa e receberam seus direitos.

Mas Lins não ficava desempregado muito tempo. Soube que em Goiana, no distrito de Pau Seco, tinha uma metalurgia de um português que estava contratando. Era a Siderúrgica Aço Norte S.A., onde atuou na função de contra-mestre. O serviço era muito puxado e o salário desanimador. Logo percebeu que teria de trabalhar como um burro de carga e, com pouco mais de dois meses de casa, pediu a conta. Foi tentar a sorte no Rio de Janeiro.

### **A terra prometida**

O Estado de São Paulo sempre foi considerado a Terra Prometida, aonde as pessoas chegavam e arranjavam o emprego que modificaria suas vidas. Após o período de experiência, Lins decidiu que seu futuro não estava no Rio de Janeiro e que deveria se aventurar em São Paulo, onde tinha um amigo que morava em Jacareí. E foi assim que, num domingo, bateu na casa do João Manoel do Nascimento, o popular Cabaço, que o acolheu e o levou no dia seguinte na empresa onde trabalhava, localizada em São José dos Campos.

Lins conseguiu o emprego na fábrica, mas só poderia começar em 60 dias, tempo necessário para o conserto do forno que explodira. Como não podia esperar, tomou um trem e desceu sozinho, sem conhecer ninguém e nenhuma rua, em pleno Brás. Comprou o jornal *O Estado de S. Paulo* e, sentado no banco da praça, procurou nos classificados alguma oportunidade de emprego. Mas não achou nada.

Pedindo informação, foi orientado a seguir até São Caetano do Sul, onde havia diversas empresas, como Aços Villares, a Jafet e a Indústria Metalúrgica São Caetano (atualmente, todas estão fechadas).

Como não encontrou nada, seguiu a pé pelo trilho do trem até a Vila Carioca, onde também não teve sucesso nas duas metalúrgicas do Brás. Seguiu de trem até Mogi das Cruzes para receber mais *nãos*. Como o dinheiro era pouco, hospedou-se numa pensão, onde passou a noite lutando contra as pulgas. Durante a semana, visitou dezenas de empresas. Era difícil andar num lugar desconhecido e, na maioria das vezes, só perdia tempo.

### **Uma mudança radical**

Desanimado com a cidade grande de São Paulo, Lins voltou para o Rio de Janeiro. A cidade se preparava para festejar o Dia de São João, que, a exemplo dos estados do Nordeste, são comemorações bastante animadas.

No Rio, lendo o *Jornal do Brasil*, descobriu vagas numa empresa de Niterói, mas era necessário levar um currículo que servisse como carta de apresentação. O jeito foi recorrer a um primo, que era capitão da marinha e vivia na zona norte carioca. Seu parente fez a carta e orientou-o para que a levasse pessoalmente, pois, pelo correio, ninguém a leria.

Assim foi orientado e assim fez. O resultado foi a conquista da vaga. Em 15 dias estaria trabalhando. Bastava fazer os exames e se mudar de vez para o Rio de Janeiro. Decidiu passar o Dia de São Pedro em São Paulo, e, no dia 30 de julho, voltou para Jacareí.

Mesmo com a vaga garantida no Rio de Janeiro, no dia 1º de julho de 1963, com 29 anos, tentou, pela última vez, arranjar um emprego em São Paulo. Tomou o trem e desceu em São Caetano. E não é que ao chegar na futura Mannesmann encontrou uma vaga de desbastador!

No mesmo dia fez os exames médicos. Comprou uma calça para trabalhar, além de um par de tamancões e uma blusa, já que em São Paulo faz mais frio do que no Rio de Janeiro. No dia seguinte, às 14 horas, no início do seu turno de trabalho, apresentou-se com parte dos exames e perguntou ao Davi, chefe da portaria, se poderia entrar para trabalhar. Um dos chefes escutou a conversa e decidiu que poderia começar o trabalho, já que havia bastante serviço. Esse chefe era Antero Gomes, que seria um dos seus grandes amigos no futuro, e, inclusive, diretor sindical quando esteve à frente do Sindicato de São Caetano.

### **Onde passar a noite**

O turno encerrava-se às 22 horas. Neste horário Lins se deu conta de que não havia lugar para passar a noite. Mas como ninguém fica desamparado em São Paulo, recebeu o convite de um novo colega, o Zé Bonitinho, para que passasse a noite em sua casa, no Jardim Ana Maria, em Santo André. Explicou que sua esposa estava na casa de uns parentes no interior.

Às 4 horas da madrugada, acordou e pensou na sua situação. Levantou, conversou com seu acolhedor e disse que

estava indo até Jacareí pegar suas coisas. Às 14 horas, estava na portaria da empresa pronto para trabalhar e com uma pequena maleta com seus poucos pertences.

Esta maleta ficou na portaria por uns três dias, enquanto Lins dormia na casa do amigo Zé Bonitinho, até conseguir um lugar para morar. Sua nova moradia era a pensão Flor do Morro, na rua dos Junquinhos, na Vila Alpina, em São Paulo.

### O caso do baile no Zé do Bode

Lins tinha poucas amizades. Praticamente não conhecia ninguém, nem as qualidades das pessoas com as quais trabalhava. Na primeira semana, os seus colegas de turno, Zé Quebra-Galho e Chicão Cabelo Branco, fizeram um convite para ir ao baile do Zé do Bode, um salão que ficava na avenida Costa Barros, na Vila Alpina.

Chegou o sábado. Lins preparou-se e foi para o baile que era até bem animado. Certa hora da noite, enquanto dançava uma rumba com uma dama, alguém lhe bateu nas costas e pediu que saísse do salão. Quando saiu, deparou-se com três guardas civis batendo no seu amigo Zé Quebra-Galho. Num impulso, para evitar que ele continuasse apanhando, chamou-o e pediu para se levantar. Em seguida, entraram no camburão e seguiram para a delegacia.

Na Delegacia de Vila Prudente, o caso se revelou. No mês anterior, Zé Quebra-Galho e Chicão Cabelo Branco arranjaram uma briga no mesmo salão e agrediram firmemente um policial. Agora, pagariam pelo delito.

O delegado foi taxativo com Lins. Comprovara que, no dia da primeira briga, estava no Rio de Janeiro e que, portanto, não participara do caso. Lins foi liberado, mas recebeu um pito para que, no futuro, escolhesse melhor os seus amigos.



Conclusão: Lins voltou a pé para casa, sem saber direito qual rua seguir e os dois metidos a valentão amargaram uma semana de cadeia. Lins nunca mais apareceu neste salão.

*Credencial de João Lins Pereira do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul*

### Missão amorosa: buscar a namorada

João Lins Pereira ficou pouco tempo no Rio de Janeiro, mas o necessário para prender seu coração. A razão de sua paixão era uma pernambucana como ele, que morava na mesma rua de sua pensão, no bairro de Nilópolis.

Sua namorada era a Zana, que vivia com a irmã Gilda, o irmão Gilberto e a mãe Maria Soledad. Quando Lins chegou em Nilópolis com seu amigo Severino Grandão, as pessoas comentavam sobre a chegada de dois homens de Recife, um moreno forte e um rapaz branco e Zana teria dito, sem vê-los: “O branco é meu”. E realmente, logo estavam com suas vidas entrelaçadas.

Seu retorno para São Paulo em nada modificou sua paixão. Prometeu que viria buscá-la e, três meses depois, cumpriu o prometido. Quando perguntamos se a futura sogra concordara facilmente com esta decisão, Lins contou que Maria Soledad gostava muito dele e ele também nutria grande veneração por ela, considerando-se uma grande mulher, uma mulher de fibra. Naquele tempo, Lins perdera sua mãe atropelada por um

caminhão no dia 31 de maio de 1964. Ao casar com Zana, Lins não só ganhou uma sogra, como alguém que pudesse amar no lugar de sua mãe que havia partido para o reino do Pai Celestial.

Para iniciar a vida a dois, Lins guardou as economias, alugou um quarto e cozinha na rua Maria do Carmo e comprou os móveis básicos. Não teve casamento na Igreja, e, no cartório civil, só aconteceu meses depois, após descobrirem que ela estava grávida. O garotão nasceu no dia 11 de dezembro de 1964 e recebeu o nome de João Lins Pereira Filho.

A casa ficou pequena e a família mudou-se. Primeiro, foram para uma residência na rua Hermeto Lima. Depois, para a casa da rua Lombros. Em seguida, para a rua das Giestas, onde possuía uma banca de jornal, que era tocada pela mulher Zana e pelo sobrinho Mário. Em 1970, vendeu a banca e mudou-se para um novo endereço, a rua Nairú.

Em 1971, mudou-se para a rua Giácomo Dalcin, no Bairro Mauá, em São Caetano do Sul, pois, em 1967, inscrevera-se na Cooperativa Habitacional dos Metalúrgicos e, três anos, sua nova residência ficara pronta. Este importante fato aconteceu na manhã do dia 18 de setembro, um sábado.

### **O popular Miguel Arraes**

Na Mannesmann, Lins permaneceu por 22 anos. Ali seu apelido era Miguel Arraes, que se elegera governador de Pernambuco e se tornara uma figura política de renome nacional. Todos solicitavam histórias deste político, mas Lins pouco sabia, já que apenas votara nele e só descobriu o resultado quando estava chegando no Rio de Janeiro. Mesmo assim, o apelido ganhou força e, até hoje, os mais antigos os chamam por

este apelido.

Com três meses de trabalho nesta empresa filiou-se ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul. Naquele tempo, o presidente era Ângelo Segatti e seu vice Antonio Cândido Lindolfo. Lins era só um filiado, mas já nos primeiros dias foi mostrando a sua liderança, sua forte ação como ativista sindical.

Era comum a greve começar na Villares e, em seguida, na Mecânica (Saad). Só depois as outras empresas eram visitadas pelo sindicato. Mas, em 1964, as coisas começaram a se modificar. Logo depois da assembleia, Lins juntou os funcionários da Mannesmann e, quando a equipe do sindicato chegou, todos já estavam de braços cruzados, do lado de fora da fábrica com as máquinas desligadas.

Esta empresa já tinha um representante sindical, que estava mais preocupado em organizar festinhas e excursões. Quando o pessoal viu o potencial de Lins, fizeram a mudança, pois ele se mostrara mais disposto à luta e sabia realmente fazer política sindical.

A direção do sindicato também reconheceu esta notoriedade de Lins e, prontamente, fizeram o convite para que ele fosse o representante. Lins conta que mais dois companheiros ajudaram imensamente nas lutas reivindicatórias: Antero Queixada e o José Cabeça de Jeep.

### **Sindicalismo no tempo da ditadura**

Quando estourou o golpe militar de 31 de março, os sindicatos passaram a ser administrados por interventores. Em São Caetano do Sul foi designado o Bernardino Testa, que ficou no comando até o final de 1964. Ele entrou no lugar do antigo presidente Ângelo Segatti.

Bernardino preparou a eleição na



qual concorreram Manezinho e João Tessarini. Lins apoiou Tessarini, que acabou eleito e, anos depois, seria vice-prefeito do município.

O mandato foi para o período de 1965 até março de 1967, quando Manezinho voltou a concorrer e, desta vez, com o apoio de João Lins. Aliás, os dois grupos queriam o representante da Mannesmann, mas o popular Miguel Arraes preferiu compor a chapa de Manoel Constantino, o popular Manezinho, e de Onélio de Oliveira, que se tornou o novo presidente eleito. Nesta administração, Lins ocupou o cargo no Conselho Efetivo da Federação.

Dois anos depois, em 1969, aconteceu nova eleição. Desta vez, Manezinho encabeçava a chapa e Lins já ocupava o cargo de 2º Tesoureiro.

### **As peças que a vida prega**

O presidente Onélio foi o representante da cidade no Congresso realizado na Europa e promovido pela Fitim (Federação Internacional dos Trabalhadores na Indústria Metalúrgica). Antes Onélio não tivesse ido, pois sua vida nunca mais seria a mesma.

O delegado representante da Venezuela descobriu que Onélio era homossexual, e divulgou para todos os participantes esta preferência sexual do congressista brasileiro. Hoje esta afirmação não teria peso nenhum, mas vivíamos o início dos anos de 1970 e o conceito moral vigente era bem diferente deste novo milênio. O preconceito era muito grande.

O escândalo estava armado. Os dirigentes da Federação Internacional, assim como os dirigentes da Confederação Brasileira, repudiaram o fato e incentivaram Onélio a tirar uma licença e não voltar para o Sindicato.

Infelizmente, o caso ganhou proporções maiores.

O vice Manezinho viu aí uma oportunidade de assumir mais uma vez o sindicato e, desta vez, sem eleição. Matreiramente, sugeriu que o funcionário Gildo, hoje falecido, escrevesse uma carta de renúncia a ser assinada por Onélio. E Lins, inocentemente, foi incumbido de levar a carta na residência do presidente que morava com a mãe, em uma casa na Vila Bela, bairro vizinho a São Caetano do Sul.

Lins, comentando o fato, foi taxativo ao afirmar que hoje não aceitaria participar desta trama. Disse que tem amizade por Onélio e que este foi vítima de uma situação de momento. Também contou que participara de forma ingênua devido a uma motivação maléfica do Manezinho, que se aproveitou dos dissabores que o companheiro estava vivendo. Ou seja, não foi leal ao amigo, que, desiludido com a vida sindical, voltou a ser feirante.

Na eleição de 1972, duas chapas concorreram. Uma chamada de Joaquinlhada, por causa dos muitos Joaquins que faziam parte dela, encabeçada pelo Joaquim Candido e Nilton Vigiano. E na outra novamente Manezinho na cabeça, tendo João Lins como secretário e na tesouraria o Sechi.

Os fatos motivados pelo golpe militar modificaram a vida sindical da região. João Lins acabaria ocupando a presidência do Sindicato e, nas eleições seguintes, as urnas dariam-lhe várias vitórias. Mas estas histórias ficam para outro narrador.

---

(\*) *Humberto Domingos Pastore, jornalista profissional e atua com sua empresa no setor de assessoria de imprensa*



*Walter de Souza, em julho de 2007, no dia do seu depoimento na Fundação Pró-Memória*

## A saga da família Souza: nas veias, leite, sorvete e muita luta

**R**esgatar a memória de São Caetano do Sul é trabalhar a história de grandes homens, de grandes forças, que ajudaram no crescimento sócio-econômico da cidade. A saga da família Souza, descendente do casal Antonio de Souza e Rosa Valente, permite-nos uma viagem no tempo. Além de serem responsáveis pela primeira sorveteria da cidade, viveram uma história de luta, superando racionamentos e dificuldades de guerra.

Quem narra a vida da família Souza é o filho Walter. Seus 81 anos e seus cabelos brancos não impediram um depoimento rico em detalhes, datas e nomes, reconstruindo acontecimentos e transportando-nos, em palavras e emoções, ao cenário do antigo comércio de São Caetano.

A história deste casal, descendentes de italianos e espanhóis, começa em 1919, quando Antonio de Souza e Rosa Valente vieram morar em São Caetano do Sul, na época distrito de Santo André. O filho Walter, dono de uma memória invejável, descreve a história

com clareza e resgata a realidade vivida em outro tempo.

“Papai veio em busca de um local mais saudável para viver”, conta Walter, explicando que o médico de seu pai o orientara a sair da Mooca, onde morava, para procurar uma cidade com ar mais puro. “Ele optou por São Caetano, onde alguns parentes já moravam e garantiram que a cidade era excelente para morar e estabelecer algum tipo de comércio”. Acertou na escolha, pois, em pouco tempo, Antonio já se sentia bem melhor.

Antonio e Rosa foram morar à rua São Caetano (atualmente avenida Conde Francisco Matarazzo). Como o comércio era o melhor caminho para a sobrevivência do jovem casal, montaram uma leiteria na própria residência. “O leite era fornecido por José Lopes Rodrigues, em latões de 50 litros. Com uma concha medidora, papai vendia leite às senhoras que apareciam munidas com canecas, panelas e leiteiras”, conta.

O movimento era muito bom, pois a leiteria estava próxima ao centro e à

*A Sorveteria para Todos no centro de São Caetano, no início dos anos trinta. Vemos, à frente, Antonio e a filha Anna*



Fotos: Acervo/Walter de Souza

estação de trem. “Mas o leite era vendido apenas na parte da manhã. As tardes eram ociosas. Foi então que papai teve a feliz idéia de fabricar sorvetes”. A leiteria passou a se chamar Sorveteria Para Todos e transformou-se num ponto de encontro da cidade.

O sorvete, totalmente artesanal, era produzido em uma máquina repleta de gelo. “Papai e mamãe se revezavam na manufatura do creme. A manivela da máquina não podia parar até formar a massa do sorvete”.

O sorvete ficou famoso e Antonio passou a ser reconhecido nas ruas como Antonio Sorveteiro. O produto trouxe orgulho à família, conforme atesta o relato do filho Walter. “Nenhum produto químico era adicionado ao creme. Papai usava leite puro e frutas naturais. Do coco extraía-se o leite. O abacaxi passava pelo moedor de carne. Tudo improvisado, mas deliciosamente natural”.

A Sorveteria Para Todos contava com um cardápio bastante variado. Entre os principais sabores, Walter destaca os de amendoim, tapioca e abacate. Sabores tão cuidadosamente elaborados, que a família trabalhava de domingo a domingo para

atender às centenas de clientes que havia conquistado.

“A freguesia de papai não estava restrita aos vizinhos e pessoal de São Caetano. A fama do sorvete se espalhou e, graças à proximidade da estação de trem, fregueses do Brás, da Mooca e de Santo André fizeram da Sorveteria para Todos um passeio obrigatório aos domingos”.

Com o passar do tempo, a sorveteria prosperou e a família cresceu. Por volta dos anos trinta, Antonio e Rosa já estavam às voltas com três crianças: Anna, Olga e Walter. Logo depois, mais três meninas completaram o clã Souza, com o nascimento de Leonor, Amélia e Hélia. “Mamãe se desdobrava para cuidar da casa, da sorveteria e das crianças. Mas, numa provação divina, mamãe foi picada por um inseto. A infecção gerou uma ferida profunda, que nunca se curou. Mesmo assim, com a saúde reduzida, a força de vontade daquela mulher, descendente de italianos, não se abalou. Não parou de trabalhar um instante. Não reclamou de dores. Pelo contrário, mamãe trabalhou cada vez mais, com o objetivo único de não faltar nada a seus filhos”.

Rosa de Souza, no seu dia a dia,



*Nosso narrador,  
Walter, a mulher  
Mercedes e a filha  
Rose, na casa da  
rua Heloisa  
Pamplona, em  
1950*

fazia justiça ao seu sobrenome de solteira: Valente. Graças ao trabalho incansável desta mulher de fibra, sempre ao lado do marido, pôde realizar o sonho de uma casa melhor, que pudesse acomodar a família e a sorveteria. “Papai construiu uma casa, no centro mesmo: dois quartos, cozinha grande, banheiro dentro, um luxo para a época, e uma boa frente para a sorveteria, que passou a abrigar mesinhas e cadeiras para os fregueses”.

Nessa casa, Antonio, a pedido da mulher, construiu um grande forno com tijolos. O pedido se fez para aumentar o cardápio de vendas. Rosa passou a fazer doces, salgados e massas. Fez da sorveteria uma verdadeira lanchonete. “A vitrine ficava repleta das delícias que mamãe cozinhava. Os fregueses, que já aprovaram os sorvetes, ficaram mais assíduos com a diversidade de produtos à venda”.

A lanchonete de Antonio Sorveteiro era destaque no centro comercial de São Caetano. Diversos vizinhos, também prósperos, eram clientes de Antonio e Rosa. “O comércio era pequeno, mas se encontrava de tudo. Tinha casa de material de construção, de

Guilherme da Silva Dias; o cartório, de Otávio Tegão; a barbearia do Walter; a torrefação de café, da família Gianpetro; a papelaria do Pacheco; a farmácia do Paolone e outra do Macedo; a Casa Weigand; a padaria dos Morelatos; o cinema e muito mais”.

Antonio e Rosa sobreviviam da lanchonete, mas nunca chegaram a guardar fortuna ou adquirir imóveis. A herança deixada aos filhos sempre foi uma lição de vida incomparável a qualquer tipo de riqueza material. “Papai e mamãe souberam educar cada um dos seis filhos, nada faltou, mas não chegamos a ficar ricos. Todos estudaram no Senador Fláquer. Educação e dignidade eram filosofias de vida da família. Nenhum dos filhos se rebelou com as dificuldades. Éramos felizes e sobrava amor e respeito entre nós”, emociona-se Walter, ao falar desses fortes laços familiares.

### **Tempos difíceis**

A Revolução de 1932 e a Segunda Guerra Mundial, nos anos quarenta, marcaram a vida de todos. Independente do produto comercializado, todo

*A família em 1946,  
da esquerda para a  
direita: Antonio,  
Rosa, Leonor,  
Amélia, Hélia, Olga,  
Anna, Walter e  
Iberani. No colo:  
Iberanice*



comerciante sofreu com as privações que a guerra impõe. Com o racionamento de trigo, sal e açúcar, a família de Antonio foi obrigada a comprar mercadorias no câmbio negro para não fechar lanchonete. “Foram tempos marcantes e difíceis para todos. Lembro-me como se tudo tivesse acontecido ontem. As campanhas para doações de jóias e alumínio, o racionamento e a dificuldade financeira são coisas que estão registradas na memória. A Revolução e a Guerra foram os dois fatos mais marcantes e que colocaram à prova a união e o esforço da nossa família”.

Nessa época, Antonio e Rosa faziam as refeições no mesmo prato, não por economia, mas para discutirem soluções dos problemas do cotidiano. “O retrato mais interessante que guardo é de papai e mamãe dividindo o jantar no mesmo prato. Sentavam bem juntinhos. Dessa forma, podiam conversar bem baixinho, aos cochichos, para que os filhos não pudessem ouvir sobre suas aflições”.

Com as dificuldades da guerra, a economia do Brasil com problemas e seis filhos para criar, Antonio e Rosa decidiram vender a lanchonete. Em busca

de melhores condições econômicas, optaram pelo caminho errado. “Papai acreditou que a venda da lanchonete e o investimento em um armazém seriam as melhores opções para o momento. O caminho não foi acertado. O fiado e a famosa caderneta levaram papai, praticamente, à falência. Apesar do sorvete e dos lanches de mortadela, a não quitação dos devedores prejudicou o armazém”.

O ano de 1943 marcou o fim dos empreendimentos do leite, do sorvete e dos lanches de Antonio e Rosa, mas o grande legado dessa família perdura por gerações. “Minhas filhas, netos e bisnetos trazem nos seus corações e nas suas almas um sentimento fraterno de muito amor, respeito e dignidade”.

A família ganhou novos sobrenomes, pois outras famílias se uniram aos Souza. Mesmo assim, os valores estabelecidos no passado pelo casal Antonio Souza e Rosa Valente permaneceram intactos com o passar dos tempos e o devir das novas gerações. Uma saga de períodos conflitantes, de dificuldades financeiras, de doenças, de tristezas. Uma saga vitoriosa baseada em sentimentos simples, como o respeito, a



honestidade, a força de vontade e a união. Um retrato de destaque dentre os muitos existentes na família São Caetano do Sul.

### A família

Em 1920, eram apenas dois jovens: Antonio de Souza e Rosa Valente. Eles geraram seis filhos: Anna, Olga, Walter, Leonor, Amélia e Hélia.

Anna casou-se com Irineu Gallo, com quem teve quatro filhos: Iberani, Iberanice, Irineu e Iracy. Da família Gallo são cinco netos e dois bisnetos.

Olga casou-se com José Melone e tiveram quatro filhos: Miriam, Antonio Carlos, Rosely e Márcia. Da família Melone, quatro netos.

Walter, o nosso narrador, casou-se com Mercedes Moreno. Geraram três filhas: Rosemary, Arlete e Lílian. Da união vieram 10 netos e cinco bisnetos.

Leonor casou-se com Diógenes

Massucato. Tiveram três filhos: Edson, Ernesto e Elisete. São três netos.

Amélia casou-se com Darcy de Paula. Geraram dois filhos: Sergio e Célia. Vieram dois netos e um bisneto.

Hélia, a caçula, casou-se com Hélio Fiorotti, com quem teve dois filhos: Emerson e Edson. Por enquanto, um neto.

Antonio e Rosa geraram e foram os grandes responsáveis por uma família que hoje está na quinta geração, com 70 componentes. Todos os domingos, a maior parte ainda se reúne para os tradicionais almoços.

Rosa morreu em 1956 e Antonio, em 1978.

---

(\*) *Jô Sperate Figueiredo, jornalista e foi Diretora de Comunicação da Prefeitura de São Caetano e Assessora de Cultura do Departamento de Educação e Cultura de São Caetano do Sul*

*Cinco gerações formaram-se a partir de Antonio e Rosa. Filhos, netos, bisnetos e tataranetos*

Foto: Antonio Reginaldo Canhoni/Fundação Pró-Memória



André Américo da Silva durante depoimento à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, no dia 5 de junho de 2007

# André Américo da Silva, um simpático mecânico

A Revista *Raízes*, dando prosseguimento ao seu trabalho de divulgação das histórias e lembranças de moradores antigos do município, conta, nesta sua 36ª edição, um pouco da trajetória de André Américo da Silva, um simpático e experiente mecânico que adotou São Caetano do Sul como sua cidade.

Nascido em 26 de fevereiro de 1931, em Bueno Brandão, sul de Minas Gerais, veio para a cidade no dia 16 de março de 1949, juntamente com seus pais e irmãos. Na época de sua chegada, São Caetano vivia um momento bastante especial, pois tinha acabado de eleger o primeiro prefeito municipal, Dr. Ângelo Raphael Pellegrino (eleito no pleito de 13 de março daquele ano). Os anseios de desenvolvimento da população local, diante daquele momento histórico do então recém-criado município de São Caetano do Sul, coincidiam, de uma certa forma, com as aspirações da numerosa família de André Américo da Silva.

Almejando melhores condições de

vida, seus pais resolveram deixar Minas Gerais. “Nós viemos para São Caetano, porque a situação lá era difícil, muito difícil. Meu pai tinha, na época, dez filhos, então, tinha que trabalhar para sustentar aquele monte de criança”. Nesse período, André trabalhava numa oficina mecânica, em Ouro Fino (também no sul de Minas), onde residia com sua família quando a decisão de vir para São Caetano foi tomada. Foi nessa oficina que começou a aprender os segredos da profissão de mecânico. Lá permaneceu até 1948, aproximadamente.

Ao chegar na cidade, a família Silva foi morar no atual bairro Santa Maria, mais precisamente na rua hoje chamada São Francisco. André Américo da Silva recorda que, assim que se instalou em São Caetano, já conseguiu emprego. “No primeiro lugar que fomos procurar, achamos emprego”. O local ao qual ele se refere ficava na rua João Pessoa, 114. Tratava-se de uma oficina mecânica de propriedade de Pensolo e



*Ônibus GM Coach, da Empresa de Auto Ônibus Santo André (Eaosa), na avenida Souza Ramos (hoje trecho da avenida Goiás), no início da década de 1950. André Américo da Silva aparece ao centro*

Salvador Campanella. André resalta que, além da oficina, os dois sócios possuíam também uma loja de autopeças, que ficava na própria rua João Pessoa, no número 116.

Depois de um período de pouco mais de um ano na oficina mecânica de Pensolo e Salvador Campanella, começou a trabalhar na Empresa de Auto Ônibus Santo André (Eaosa), cuja garagem se localizava no atual bairro Prosperidade. Dessa empresa, André foi para uma outra do ramo, a Empresa de Ônibus São Bernardo, onde permaneceu até ingressar na Auto Viação Irmãos Bechara Ltda., em 1953. Pertencente a David e João Bechara, fazia a linha Estação - Vila Barcelona.

André Américo da Silva, antes de começar a relatar a fase em que trabalhou com esses dois irmãos, fez revelações importantes. Conforme informa, a família Bechara dedicava-se ao comércio. Era proprietária de um bar e sorveteria, que ficava na avenida Conde Francisco Matarazzo, 68, e de duas lojas de artigos para presente (uma funcionava na rua Amazonas e a outra na Manoel Coelho).

Destacou também a participação de David Bechara na política local como vereador, pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro), entre 1953 e 1957.

Quando foi contratado, os irmãos Bechara estavam começando no ramo de transporte coletivo. André lembra que, no início, os ônibus da empresa saíam da rua Baraldi, em frente à praça Cardeal Arcoverde. Posteriormente, passaram a sair da antiga Casa Weigand, que se localizava na esquina da avenida Conde Francisco Matarazzo com a rua Serafim Constantino. Antes de a empresa instalar sua garagem na alameda Cassaquera, a manutenção dos ônibus era feita em frente à praça Cardeal Arcoverde. Segundo mencionou, os veículos da Irmãos Bechara (quatro no total) eram das marcas Ford, Chevrolet e Man (marca alemã) e os problemas que apresentavam eram, normalmente, os relacionados com a parte de embreagem e câmbio. André chegava a sair de madrugada para prepará-los para circular logo de manhã. Sobre isso afirmou, bem humorado, o seguinte: “Ele (*João Bechara*) chegou a me chamar uma hora da manhã. Pegava o macacão, que





Acervo/André Américo da Silva

*O casal André Américo da Silva e Rita Coutinho com a sobrinha Iraci, em foto tirada no início da década de 1950, no atual bairro Santa Maria*



Acervo/Nelson Gardesani

*Ônibus Ford 1948 da antiga Auto Viação Irmãos Bechara, em foto tirada na garagem da empresa, na alameda Cassaquera. Junto ao veículo, o motorista Nelson Gardesani (Marinheiro). Década de 1950*

quase parava em pé de sujo, punha e vamos lá. A hora que chamava, eu estava lá. Era bom, era divertido. Tinha o lado bom”.

Em relação aos demais funcionários da empresa, citou alguns nomes, como os dos motoristas Francisco Martins, o *Chico*, e Nelson Gardesani, o *Marinheiro*. A respeito desse apelido, André relatou: “Pusemos o apelido nele de Marinheiro, porque ele usava uma roupa branca e um boné. Então, quando ele entrou lá, já pusemos o apelido nele de Marinheiro.” Ressaltou ainda que Gardesani foi funcionário da Prefeitura, trabalhando por muitos anos na Garagem Municipal. Quanto aos assuntos administrativos, destacou que João e David Bechara eram auxiliados pela irmã Maria Bechara, que era chamada carinhosamente de dona Cotinha.

Em 1958, a Auto Viação Irmãos Bechara Ltda. encerrou as atividades. Nessa época, São Caetano já estava usufruindo os benefícios obtidos por ocasião de sua transformação em município. As ruas começaram a sofrer melhorias e modernas frotas de ônibus passavam, pouco a pouco, a circular pela cidade, atendendo, assim, à crescente

demanda da população. Com o fim da empresa Bechara, André conseguiu emprego na João Gava & Filhos Ltda., uma indústria agroquímica localizada no Ipiranga, em São Paulo. Era responsável pela manutenção dos caminhões dessa empresa. Executava, assim, serviços que iam desde a parte elétrica e de mecânica até a de funilaria.

O trabalho nessa indústria ficou muito sacrificado para André, quando foi transferido para Perus, onde ficava uma outra instalação da agroquímica da família Gava. Além disso, o aumento significativo do número de caminhões da indústria dificultou ainda mais a situação, sobrecarregando-o. Diante disso, resolveu sair da firma e investir numa atividade curiosa para os dias de hoje: a de instalação de antenas de televisão. Ele próprio montou, no fundo de sua casa, uma pequena firma. Nessa época, André Américo, já casado e com dois filhos (José Roberto e Celso Roberto), residia em São Paulo. No início, essa sua pequena empresa comprava as antenas que instalava, passando, depois, a fabricá-las. O clima de apreensão que tomou conta do país, em decorrência da renúncia do presidente da república Jânio Quadros, no



*O Man era outro ônibus da frota da empresa Irmãos Bechara. Bastante compacto, circulava com facilidade pelas ruas de terra da São Caetano de antigamente. Nesta imagem, ele aparece na garagem da empresa. Década de 1950*



*Mariselma e Celso Roberto, filhos de André Américo da Silva, em frente à residência da família, na rua Sílvia. O carro é da marca inglesa Hilma. Final da década de 1960*

dia 25 de agosto de 1961, contribuiu para o encerramento da atividade de instalação de antenas. “Quando o Jânio renunciou, esse comércio caiu. Não se vendia mais televisão”, frisou.

Na tentativa de contornar os problemas surgidos com o fim da fábrica de antenas, André Américo da Silva resolveu retornar a São Caetano. De volta à cidade, novas perspectivas começaram a surgir. Sua esposa Rita Coutinho da Silva havia engravidado de Mariselma, a filha caçula, acontecimento que trouxe esperança e alegria à família. O retorno ao município foi também marcado por outra boa notícia. O conhecimento de André sobre auto-elétrica ajudou-o a conseguir um emprego, em São Bernardo, numa oficina do ramo que pertencia a um alemão. Depois de um período de dez meses como empregado dessa oficina, André Américo a arrendou, por conta da ida do proprietário para os Estados Unidos. Quando este voltou para o Brasil, a oficina foi entregue e André resolveu abrir uma do gênero na rua Maceió, em São Caetano. Depois de muitos anos de dedicação ao trabalho de mecânico, André se aposentou. José Roberto, seu filho mais velho, abraçou também a profissão,

possuindo uma auto-elétrica na rua Tiradentes.

Antes de finalizar o depoimento, o simpático mecânico ressaltou a amizade mantida com Sandra e Paulo Bechara, filhos de seu antigo patrão, João Bechara, cujo vigor e espírito de luta admirava bastante. Ao referir-se à família, falou com muito carinho da esposa (que faleceu dias depois dessa entrevista), dos filhos e dos netos Letícia, Vítor e Carolina. Fez questão de comentar também a respeito de um outro dom: o de escrever versos. Conforme destacou, começou a transformar episódios simples do cotidiano em singelas poesias a partir de 1966. Entre suas composições, está a marchinha *Sorriso da Ritinha*, que escreveu em homenagem à esposa, em 1975.

*(Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)*

# Ondina Rezende Cunha:

## do terreno do Banco de Londres ao Jardim São Caetano

Fotos: Acervo/ Ondina Rezende Cunha



*A filha Lúcia com o avô Manoel Rezende Santana e a mãe Ondina, quando jovem*



*Ondina com as filhas Lúcia, Giselda e Madalena*

A história da urbanização do Jardim São Caetano tem nome e sobrenome: Manoel Rezende Santana. Sua filha, Ondina Rezende Cunha, é quem nos narra a luta dramática e apaixonante pelo desenvolvimento de um dos bairros mais elegantes e charmosos de São Caetano do Sul.

Quando se fala em Jardim São Caetano, o cenário, rapidamente, se forma com belíssimas residências, jardins exuberantes e ruas urbanizadas e tranqüilas. Mas o que hoje reflete luxo e elegância já foi terra de pequenas guerrilhas armadas, violência por posse indevida e um aspecto rural em toda sua extensão.

A área, com aproximadamente 36 alqueires, pertencia ao Banco de Londres. “O Banco tomou posse de todo o terreno porque o verdadeiro proprietário, um turco que não lembro o nome, não quitou sua dívida. O que se comentava era que o turco devia cerca de 700 mil contos e não

pagou”, começa a narrativa a senhora Ondina, filha de Manoel.

A história da família tem início nas terras mineiras. “Meu pai era mecânico e também cuidava da roça de um sítio. Trabalhava todos os dias da semana, com sol ou com chuva. Lembro bem do sofrimento e do cansaço de papai. Pensando em prosperar mudou-se para São Paulo, em Osasco, mas não se adaptou. Veio em busca de trabalho na Cerâmica São Caetano. Foi o ponto inicial das nossas vidas”.

Já com 18 anos, a primeira residência de Ondina foi à rua Perrela, em uma propriedade da família Cavassani. Depois, mudou para a rua Monte Alegre e, em seguida, para o Jardim São Caetano. “Papai era um funcionário exemplar da Cerâmica, com reconhecimento do chefe Armando Arruda Pereira”.

Gerentes do Banco de Londres eram amigos de Armando e enfrentavam problemas com invasores de terras, que

resistiam e tomavam posse ilegalmente de boa parte do terreno. O Banco estava à procura de um zelador para as terras e solicitou ao Armando de Arruda Pereira a indicação de um nome para preencher a vaga. “Imediatamente, o senhor Armando indicou o nome do mau pai, fornecendo as melhores informações sobre seu caráter, dedicação ao trabalho e honestidade. Mas nem imaginávamos o quanto a família deveria ser forte”.

O Banco de Londres instalou a família de Manoel em uma casa, onde atualmente funciona a imobiliária da filha de Ondina, Lúcia Oliveira Leite. “Na época, éramos papai, mamãe, meus irmãos, Ormezinda e Edgar, e eu. Era 1930, ano que o terreno do Banco de Londres passou a ser cuidado por papai. Ele enfrentou, corajosamente, os grileiros. Eles chegavam em grupos, armados e nada amistosos. Queriam construir seus barracos à força. Mas papai os expulsava”.

Diante das repressões, a força dos posseiros diminuiu e a rotina de invasões foi desaparecendo. “Para manter a ordem, papai saía de casa às quatro horas da manhã e percorria toda a área do Banco de Londres”.

Manoel fez justiça à confiança depositada por seu chefe, o engenheiro Armando de Arruda Pereira. Seu caráter e sua força de vontade impediram que posseiros se apropriassem das terras. Sua dedicação foi respeitada e reconhecida. “Papai recebeu o apelido de Anjo do Banco, pois homem nenhum havia se dedicado a proteger aquela área”.

Ondina, com a família mais tranqüila, casou-se com Luiz Santana Cunha. “Mesmo casada continuei morando na casa de papai e não perdi nem um minuto do crescimento do bairro”. Ondina refere-se ao início dos loteamentos. O Banco de Londres,

juntamente com a Companhia City, acreditou no desenvolvimento local e resolveu comercializar os lotes. “Para isso, o Banco construiu uma nova casa para a família e destruiu a nossa para estabelecer os limites das áreas. Eu já estava com cinco filhas: Lúcia, Ligia, já falecida, Giselda, Madalena e a caçula Ruth, que também morreu”.

Para sobreviver, a família plantava e vendia mandioca, criava porcos e vendia leite, ordenhado pelos membros da família. “A vida não era fácil. Tudo era muito longe. No bairro havia poucas casas e nenhum comércio. Tudo que precisávamos deveria ser comprado a pé. Os dias de chuva eram os piores. Os caminhos ficavam alagados”.

Com a morte da mãe, Ondina era o braço direito do pai no sustento e nos cuidados com a família. “Com os lotes prontos, voltamos ao local onde foi nossa primeira casinha. Com a ajuda do Banco, que cedeu todo o material, conseguimos uma boa casa. Minha filha Lúcia, já casada, também construiu a sua e seu marido, Pedro Antonio de Oliveira Leite, torna-se o primeiro corretor oficial na venda de terrenos no Jardim São Caetano. Pedro morreu e minha filha Lúcia, atualmente, cuida da imobiliária”.

Grande parte das primeiras residências contou com o apoio do Banco de Londres, que doou todo material de construção.

Ondina também enfrentou dias difíceis. Com a morte do marido aos 44 anos, Ondina foi obrigada a cuidar das cinco filhas. “Papai já estava aposentado. Ele sofria com os problemas do coração. Nosso sustento era a soma das vendas do leite, porcos e mandioca com o pouco que



*Ondina e uma de suas paixões: as flores*



Lígia (neta), Giselda (filha), Ondina, Lúcia (filha), Elda (neta) e Raquel (neta)

papai recebia da sua aposentadoria”.

A dor das mortes do marido e da mãe transformou Ondina em uma mulher forte e valente. “Quem enfrenta a perda da mãe, do marido e, depois, de duas filhas sabe superar qualquer dificuldade. Sabe como lutar. Encontrei força na religião, na fé”.

Foi assim que Ondina enfrentou seus dias. Passou a freqüentar, assiduamente, a Congregação Cristã. “Faz 70 anos que freqüento a Congregação. No início, era um barracão na rua Santa Catarina. Ia a pé. Papai ainda chegou a tocar clarinete na igreja e ensinou alguns jovens da Congregação a tocar. Se não fosse a fé e a paz encontrada na igreja, não conseguiria enfrentar tantos dissabores do cotidiano conturbado, do início da formação do bairro”.

Ondina, essa moradora histórica, fala com paixão do crescimento do Jardim São Caetano. “Tenho orgulho de poder estar viva e ver o quanto o bairro cresceu, se transformou e ficou um dos mais bonitos da cidade. As ruas tomaram forma, cada árvore, cada flor, de cada jardim eu vi crescer e florescer. Sei da luta de papai para que esse futuro pudesse acontecer”.

### Os passeios

A vida de Ondina Rezende Cunha preencheu-se das mais variadas formas de trabalho, lutas, amores e fé. Mas nada

impediu que Ondina tivesse seu tempo de lazer. E uma de suas paixões era o cinema. Apesar da distância e do caminho complicado, ela colocava seu melhor traje, arrumava os cabelos com fitas e marcava presença no cinema.

“Dois grandes filmes não consigo esquecer. Lembro com detalhes dos filmes King Kong e Fausto, com músicas lindas. Adoro música. Mas não ia ao cinema para namorar. Papai só deixava sair entre irmãos e amigos”.

Dia e hora marcada para os namoros. É assim que Ondina lembra dos seus dias junto com Luiz, que seria seu marido. “Meu marido, na época namorado, primeiro e único, recebeu as regras de namoro logo no início. Papai estabeleceu as terças, quintas, sábados e domingos para o namoro. Às 21 horas, meu pai apontava para o relógio e pedia ao Luiz que fosse para sua casa”.

Outros passeios memoráveis e felizes fazem parte das lembranças de Ondina. “Além do cinema, o circo aparecia às vezes no centro de São Caetano. Quando chegava era dia de festa. Tenho na memória os animais, o sorriso dos palhaços, o colorido da tenda. Acredito que o circo é mágico e por isso inesquecível”.

Ondina gerou cinco filhas, criou-as, viu-as casar, conviveu com as dores da morte, conquistou novos amores, por intermédio de seus 14 netos, 22 bisnetos e cinco tataranetos. “Reuni-los é uma festa, uma benção. Nossos encontros aqui no Jardim São Caetano me fazem ver que passado, presente e futuro da minha vida tem endereço certo: o terreno do Banco de Londres, o Jardim São Caetano”.

*(Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)*

# Filho de São Caetano por amor

Fotos: Acervo/Cezar Estefano Espolador



Da esquerda para a direita, a segunda esposa de Cezar, Conceição Aparecida Antunes, Lúcia (sobrinha) e Graciete Castro (cunhada). Foto de 1937

O personagem deste texto não é nascido em São Caetano do Sul, nem tampouco tem pais ou parentes que fizeram a história da cidade. Mas é por amor que Cezar Estefano Espolador se define como filho e cidadão sul-sancaetanense. Aliás, já faz 67 anos que ele mora na cidade e se dedica, desde então, ao crescimento de São Caetano do Sul.

A história de Cezar Estefano Espolador com São Caetano do Sul começa no fim de 1939. Nascido em Mococa, no interior de São Paulo, em 9 de julho de 1917, Cezar veio para a capital com 23 anos em busca de emprego (*naquela época, era comum as pessoas virem do interior do estado em busca de uma vida melhor na capital*). “Morava em Presidente Bernardes e não queria mais ficar naquela cidade. Precisava crescer na vida, então resolvi vir para a capital. Estava parado na estação da Luz e escutei uma voz vindo do guichê de passagens: ‘São Caetano embarque na plataforma tal.’ Vou ver onde fica essa cidade. Comprei a passagem e embarquei no trem. Cheguei em São Caetano e logo que desci na estação fui parar na rua Perrela. Vi um ponto de táxi e perguntei para o motorista onde eu poderia arrumar um emprego?

Ele me respondeu que, se eu seguisse aquela rua direto, sairia nas Indústrias Matarazzo”, lembra.

Com um sonho na cabeça e a vontade de vencer na vida, Cezar foi às Indústrias Matarazzo. Lá chegando encontrou um grande amigo de Presidente Bernardes. “Disse a ele que precisava de um emprego. Me levou no departamento pessoal da empresa e, no dia seguinte, comecei a trabalhar. Achei tudo muito bom por aqui, pois, no mesmo dia que cheguei, consegui um emprego, tirei meus documentos, arrumei uma pensão para me instalar. Deu tudo certo. Pensei: ‘corri tanto na vida, mas aqui é o meu lugar. Vou parar por aqui e ficar em definitivo’. Desde então, não saí mais de São Caetano”, diz.



*Em pescaria no Mato Grosso, em 1934, da esquerda para a direita, Cezar e o contador da empresa Irmãos Breme, de Presidente Bernardes*

Fazia só cinco dias que Cezar estava trabalhando nas Indústrias Matarazzo e seu encarregado lhe chamou para conversar. Queria colocá-lo para tomar conta de uma seção com 50 mulheres. “Não aceitei. Não queria ficar ali. O serviço era muito pesado. Trabalhava de turno. Tinha de lavar as bobinas de fios de seda. À noite, ficava até com os olhos inchados de tanto trabalhar. Aquilo não era para mim. Tinha profissão de marceneiro e pintor. Não precisava daquilo”.

Quando Cezar foi até o departamento pessoal pedir suas contas, o encarregado perguntou o motivo pelo qual ele estava tendo aquela atitude. “Inventei uma história e, por fim, ele me deu razão. Saí e arrumei serviço com um pintor chamado José Moretti. Trabalhei com ele durante três meses. Em um belo dia,

passei em frente a Texaco e vi que eles precisavam de meio-oficial de pintor. No dia seguinte fui até a empresa”, lembra.

## **Texaco**

Chegando na Texaco, Cezar encontrou uma fila com mais de 30 pessoas atrás da vaga. Ficou meio desiludido, mas não desistiu. O chefe do departamento pessoal foi até a fila e disse às pessoas: ‘você são candidatos a apenas uma vaga. Teremos de ir por eliminatória’. E assim foi até que Cezar ficou com mais dois candidatos. “Fomos em três até o consultório do doutor Souza Penteado, perto da General Motors. Fizemos o exame médico e eu fui aprovado. Depois de três meses, me efetivaram”, conta.

Na Texaco Cezar ficou durante sete anos. Lá aprendeu muita coisa. “Desmontava as bombas de gasolina, pintava, montava de novo... Depois, mandaram um encarregado embora e me colocaram no lugar dele. Foi um tempo bom”. Com o fim da Segunda Guerra, em 1947, Cezar pediu para sair da Texaco e foi trabalhar por conta própria. E assim trabalhou durante 11 anos.

Depois desse período, Cezar trabalhou na Massari (metalúrgica pesada), na Bizelli, na Corona, voltou para a Bizelli e se aposentou na Corona (*nessa época, a empresa já era em Diadema*), em 1974.

## **A esposa**

A vida amorosa de Cezar também teve algumas pedras no meio do caminho. Seu primeiro casamento durou pouco mais de dois anos. “Casei-me com 20 anos. Morava em Presidente Bernardes. Com minha primeira esposa tive dois filhos: o Roberto e o Clarimério. Com 22 anos, fui servir o exército no Mato



Cezar, foto de 1942

Grosso. Lá, recebi uma proposta para morar com a filha de um fazendeiro rico, mas não aceitei. Quando voltei para Bernardes fiquei casado só mais alguns meses. Minha mulher foi embora e, até hoje, não sei o que aconteceu”, lembra.

Mas esse homem batalhador não se deu por vencido. “Sem mulher e sem casa fui à luta novamente. Arrumei de pintar a casa de um homem chamado Carlos Itassi Castro. Mas veja como são as coisas. Foi exatamente lá que encontrei e conheci minha segunda esposa, a Conceição, com quem vivi durante 54 anos. Com ela tive mais dois filhos: o Edson, que mora em Minas Gerais, e o Emerson, que mora em São Caetano”, diz.



Margareth Gimenes (nora), Nair Gimenes (mãe de Margareth), Raíssa (neta), Iano (neto), Emerson (filho) e Cezar em festa dos 80 anos

Cezar tem profunda admiração por uma de suas noras: Margareth Gimenes, mulher de Emerson. “Ela é mais que uma filha. Me dá bronca, puxa minhas orelhas, mas não me deixa faltar nada. Você acredita que ela e o Emerson me fizeram uma festa surpresa esse ano (*em 9 de julho Cezar completou 90 anos e foi presenteado com uma festa em Presidente Prudente, na qual estavam todos os netos, filhos, sobrinhos e outros parentes?*)”, diz, com um sorriso largo nos lábios.

*(Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)*



# Triângulo amoroso:

*Antônio Guido Rampazzo,*

*Abrigo Irmã Tereza e*

*Lar Escola Irmão Alexandre*

**A** relação que Antônio Guido Rampazzo, personagem deste texto, tem com as casas sul-sancaetanenses Abrigo Irmã Tereza, que cuida de pessoas idosas, e Associação Lar Escola Irmão Alexandre, que atende crianças carentes, é uma verdadeira história de amor. Ele é considerado um dos fundadores das duas instituições, que são as primeiras da cidade a dedicar amor e alegria àqueles que buscam um pouco de dignidade para viver.

Nascido em 30 de setembro de 1914, na cidade de Dois Córregos, no interior de São Paulo, próximo a Jaú, Antônio é filho de pai italiano e mãe portuguesa. Veio para São Caetano com 24 anos, em 1938, depois de servir o Exército no Mato Grosso. “Vim para São Paulo em busca de emprego. Na minha cidade não tinha trabalho. Meu pai tinha uma olaria e todo mundo da família trabalhava lá. Quando cheguei aqui pensei: ‘vamos vender tudo o que temos no interior e morar aqui’”, lembra.

E assim a família Rampazzo fez. Antônio, hoje com 93 anos, conta que foi o primeiro a se mudar para São Caetano. “Eu vim primeiro e arrumei emprego na Cerâmica São Caetano.

Como trabalhava na olaria do meu pai foi mais fácil arrumar emprego. Depois fui trabalhar na General Motors. Foi difícil entrar lá porque eles só contratavam estrangeiros. Além do mais, não tinha ofício. Aprendi a profissão de ofício aqui. Trabalhei até a Primeira Guerra Mundial, em 1939. Quando começou a Guerra, a GM mandou todo mundo embora. Não tinha como manter a fábrica funcionando, já que não existiam peças para a gente trabalhar. Fui um dos últimos a sair. Então falei para a minha mãe vir para São Caetano. Tinha medo que meus irmãos passassem fome em Dois Córregos”. Depois que saiu da GM, Antônio conseguiu emprego na DaimlerChrysler. “Fui chefe de pintura lá”, lembra.

## O início do Abrigo Irmã Tereza

Após o fim da Guerra, Antônio e seus oito irmãos já viviam em São Caetano. Começaram a perceber que existiam muitos idosos necessitados na cidade. Um dia, Alexandre, irmão mais novo de Antônio, disse: “vamos construir um asilo para abrigar essas pessoas”.

Antônio Guido Rampazzo em depoimento realizado na Fundação Pró-Memória



*Inauguração do Abrigo Irmã Tereza. Da esquerda para a direita, em destaque, Floriano Leandrini, Vitório Montanheiro e esposa. Em segundo plano, ao centro, João Azzi*

Então, começaram a pensar no que poderiam fazer para apaziguar o sofrimento daqueles que não tinham o que comer e nem onde morar.

De acordo com Antônio, ele e seu irmão Alexandre procuraram um grupo de pessoas que tinha o mesmo objetivo. Junto com Vitório Célio Montanheiro, José Rosa, Antonio Parra, Raul Mazin, Guilherme Mattenhauer e Anelite Bissoli Montanheiro buscavam recursos para construir estas duas casas que hoje tanto servem à comunidade. “Foram tempos difíceis. Trabalhava durante a semana e, nos fins de semana, buscava recursos para construir o asilo. As arrecadações eram feitas de porta em porta, por meio de campanhas de rua, bingos e sorteios. Quantas vezes escutávamos que éramos vagabundos. Aquilo machucava, mas não desistimos”, conta Antônio.

Depois de muita luta, compraram um terreno de 2.500 metros quadrados na rua Lourdes, no bairro Nova Gerti. Finalmente, em 12 de dezembro de 1949, foi lançada a pedra fundamental do Abrigo Irmã Tereza. E, em 25 de julho de 1953, inaugurada a casa que atualmente tem capacidade para atender 115 pessoas.

### **A Associação Lar Escola Irmão Alexandre**

Mais novo que o Abrigo Irmã Tereza, a Associação Lar Escola Irmão



*Inauguração da nova ala Abrigo Irmã Tereza, com a presença do prefeito e demais autoridades municipais. Vê-se da esquerda para a direita: Oswaldo Samuel Massei, Maria Braido e Walter Braido*

Alexandre também tem as mãos de Antônio Guido Rampazzo. Fundada em 31 de março de 1979, a instituição tem o objetivo de abrigar crianças órfãs e abandonadas com características de um verdadeiro lar.

“Depois que conseguimos inaugurar o Abrigo Irmã Tereza começamos a buscar recursos para a construção da Associação Lar Escola Irmão Alexandre. Gosto muito de crianças e não podia aceitar que elas ficassem desamparadas”, lembra Antônio.

Como toda grande obra começa com a primeira pedra, em 1976 foi lançada a pedra fundamental em terreno cedido em comodato pela Prefeitura, na gestão do prefeito Walter Braido, com uma área de 7.293 metros quadrados. A partir daí, iniciou-se uma verdadeira batalha para angariar fundos por meio de eventos e campanhas de arrecadação em frente a cinemas, igrejas e estádio.

“Sempre trabalhei para o bem. Sinto orgulho em dizer que estas casas foram construídas com o suor do meu trabalho. Me sinto responsável em poder dar um pouco de felicidade para os mais necessitados”, diz Antônio, com lágrimas nos olhos.

*(Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)*

# Luiz Mori: um nome que fez história no futebol de São Caetano

Muitas pessoas ainda pensam que o time de futebol de São Caetano surgiu em 1989, quando a Associação Desportiva São Caetano foi fundada, em 4 de dezembro. No entanto, os antecedentes históricos do esporte mais popular do Brasil em São Caetano do Sul são dignos de registro e admiração.

No início do século passado, mais precisamente no dia 1º de maio de 1914, surgia o São Caetano Esporte Clube, primeira agremiação que levava o nome da cidade em sua bandeira. O maior feito desse clube aconteceu em 1928, quando o time de futebol amador conquistou o título de Campeão Estadual do Interior, vencendo a equipe do Botafogo de Ribeirão Preto.

Depois do São Caetano Esporte Clube, a cidade teve várias outras agremiações, como o Clube Atlético Monte Alegre, de 1917; o Cerâmica São Caetano Futebol Clube, de 1925; o General Motors Esporte Clube, fundado em 1935; o Atlético Vila Alpina, que teve uma vida de 30 anos, entre 1936 e 1966; a Associação Atlético São Bento, que surgiu da fusão do São Caetano Esporte Clube e do Comercial Futebol Clube de São Paulo, em 1954; o Saad Esporte Clube, que foi fundado em 1961; e o Transauto Futebol Clube, que teve apenas

um ano de vida, de 1965 a 1966. Mas nenhum desses levava o nome da cidade na camisa, muito menos tiveram seus nomes conhecidos na primeira divisão do futebol estadual, exceto o Saad que, em 1973, conquistou o Torneio dos Dez e teve acesso à elite do futebol paulista, permanecendo por dois anos.

Amantes da cidade e do bom futebol não se conformavam que São Caetano não tivesse uma equipe para ostentar o nome da cidade em sua camisa. Sentiam-se esquecidos, mesmo tendo no Saad jogadores que ganharam do Santos de Pelé, na Vila Belmiro. Para esse grupo de empresários, comerciantes e profissionais liberais sul-sancaetanenses era muito pouco torcer pelo Saad. Eles queriam um time que ficasse marcado na história.

## **Primeiro presidente do São Caetano Atlético Clube**

Foi com essa idéia fixa na cabeça que, em 13 de janeiro de 1972, esse grupo de amigos, formado por 50 pessoas, fundou o São Caetano Atlético Clube. Luiz Mori, nome conhecido no meio esportivo naquela época e que esteve à frente do Jabaquara, no bairro Prosperidade, e do 7 de Setembro, no

bairro Olímpico, foi eleito o primeiro presidente do clube. “O sonho do meu pai era ver o nome de São Caetano na elite do futebol. Infelizmente, ele não conseguiu isso, já que morreu em fevereiro de 1973. No entanto, crédito muito do sucesso da atual Associação Desportiva São Caetano a ele, pois depois do São Caetano Esporte Clube, a única agremiação que levou o nome da cidade foi a do São Caetano Atlético Clube. Tenho certeza que, se meu pai estivesse vivo, ele estaria envolvido com o AD São Caetano, já que adorava futebol”, diz Newton Mori, filho mais novo de Luiz Mori.

A primeira diretoria do São Caetano Atlético Clube era formada por José Alt, vice-presidente geral; Geraldo Prates, vice-presidente esportivo; Mário Clementino Moreira, vice-presidente social e cultural; Nicolino Pucetti, vice-presidente recreativo; João Batista de Toledo, secretário; Celso Mendes Puppo Nogueira, segundo secretário; Carlos Paez, primeiro tesoureiro; Manoel Cardênia Lucas, segundo tesoureiro; Antônio José Dall’Anese, diretor geral de esportes; José Jaime Tavares Soares, diretor de relações públicas; e Antônio Júlio Pedroso de Moraes, diretor de imprensa e propaganda. A festa da posse aconteceu em 2 de junho de 1972, no salão do Clube Patropi, na rua Santo Antônio, no centro de São Caetano. “Meu pai estava extremamente feliz. Foi tudo maravilhoso. Para ele, aquele momento foi muito importante”, lembra Newton.

O texto, escrito no verso do convite, dava uma impressão de quanto aqueles amigos amavam a cidade.

*Criado para desenvolver e incrementar a prática de todos os esportes, o São Caetano Atlético Clube tem por finalidade a montagem de uma grande equipe de futebol profissional e*



*para isso já está ativamente trabalhando, realizando treinos de seleção entre os atletas amadores da cidade, da região e de todo o estado, desde o último dia 13 de maio. O objetivo é a disputa da primeira divisão de profissionais e a ascensão à divisão especial.*

*Convite para a posse da primeira diretoria do São Caetano Atlético Clube. A festa aconteceu no salão do Clube Patropi, no centro de São Caetano*

Uma das primeiras tentativas de ter o nome de São Caetano no futebol foi dialogar com Felício Saad, presidente do Saad Esporte Clube, para fundir os ideais. Luiz Mori tentou convencer o empresário Saad que a melhor coisa para a cidade era ter um time com o nome de São Caetano Esporte Clube ou São Caetano Futebol Clube. “O Luiz Mori fez de tudo para que isso se tornasse realidade. Foram muitas



*O estádio Lauro Gomes de Almeida, atual Anacleto Campanella, foi o objeto de desejo do São Caetano Atlético Clube. Em 1971, o presidente do SCAC conquistou o espaço. Na foto vemos, da esquerda para a direita, Ivanhoé Spósito, o prefeito Oswaldo Samuel Massei e Luiz Mori*

reuniões e conversas, mas não houve acordo. Meu pai tinha conseguido estádio, apoio de empresários, mas nada convenceu o senhor Felício. Até mesmo os jornais que existiam na época apoiavam a idéia de ter uma equipe com o nome da cidade na camisa, mas o Saad foi irreduzível”, lembra Newton.

Apesar de não conseguir unir as forças, Luiz Mori não desistiu de ver o São Caetano Atlético Clube na elite do futebol. Depois de fundar o clube, começou a luta para angariar dinheiro e formar uma equipe de ponta. “Fazíamos festas, rifas, bingos... Buscávamos dinheiro de porta em porta. Tudo com o objetivo de contratar profissionais para transformar o São Caetano Atlético Clube em uma agremiação conhecida”, diz Newton.

### **A primeira equipe**

Depois de muitas festas e reuniões, no dia 12 de abril de 1972 foi realizada a primeira peneira para a escolha de nomes

que comporiam a equipe. Sob a coordenação do diretor de Esportes Antônio José Dall’Anese, do técnico Walter Rocca e do preparador físico Nelson Perdigão, mais de 120 jogadores de vários times amadores da cidade, além dos 15 atletas que integravam a seleção do município, compareceram ao campo do Cerâmica Futebol Clube. Foram escolhidos 40 jogadores, que passaram a treinar duas vezes por semana no campo do Estádio Distrital Natale Cavalheiro, no bairro São José.

Com a equipe pronta, o São Caetano Atlético Clube saiu para jogar. “Mas o maior problema é que não tinha dinheiro para bancar esse pessoal. Quantas vezes vi meu pai e muitos outros diretores e conselheiros do clube colocar a mão no bolso dentro do vestiário para pagar os atletas. Todos queriam ver o São Caetano na elite do futebol, mas isso não aconteceu. Não existia apoio do poder público e de grandes empresas como acontece hoje. Eram os próprios diretores e conselheiros que custeavam tudo. Íamos

viajar para lá e para cá às custas da diretoria do clube. Não tínhamos apoio de ninguém. Hoje o time do São Caetano está onde está porque tem apoio da Prefeitura e de empresários”, afirma Newton.

### Os primeiros jogos

O primeiro jogo do qual o São Caetano Atlético Clube participou foi contra a equipe da Associação Atlética Alumínio, da região de Sorocaba, em 11 de junho de 1972. O jogo terminou empatado em 0 a 0. Jogaram pelo São Caetano: Português, Nico, Dadinho, Colete, Miranda, Zé Luiz, Zé Carlos, Guilherme, Douglas, Tchê e Reginaldo. Também atuaram Biba, no lugar de Guilherme; Paulinho, no lugar de Tchê; e Sapinho em substituição a Reginaldo.

Outros jogos-treino foram realizados pelo Caetanão, como a equipe ficou carinhosamente conhecida. Mas a emoção e empolgação da torcida explodiram mesmo em 20 de agosto de 1972, quando o time do São Caetano estreou, oficialmente, em um jogo amistoso contra o Santo André, realizado no estádio Lauro Gomes de Almeida, o atual Anacleto Campanella. O jogo terminou empatado em 1 a 1. Atuaram pelo São Caetano: Claudionor, Nico, Dadinho, Coleti, Miranda, Zé Luiz, Zé Carlos, Biba, Sauá, Paulinho e Sapito. No banco, ficaram os reservas: Português, Mayer, João Flávio, Douglas, Guina e Jairo. O técnico daquele jogo foi Arnaldo Razante.

O *Jornal de S.Caetano*, fervoroso apoiador na criação e campanha do São Caetano Atlético Clube, publicou em suas páginas, na edição de 26 de agosto, um texto que colocava a responsabilidade da continuidade da equipe nas mãos de todos os sul-sancaetanenses:



*Continuar, robustecer e consolidar o São Caetano Atlético Clube é tarefa de todos os esportistas, de toda a cidade. Ajudar no princípio, dar o primeiro impulso, é tarefa do poder público. Continuar é tarefa de todos nós.*

### O campo

No início de 1971, após a posse da diretoria do São Caetano Atlético Clube, Luiz Mori, então presidente da agremiação, foi em busca de um campo para a futura equipe treinar e jogar. Na época, o prefeito de São Caetano era Oswaldo Samuel Massei.

Em uma das negociações, Luiz Mori foi até o estádio Lauro Gomes de Almeida (atual Anacleto Campanella), acompanhado do amigo Ivanhoé Spósito, para negociar com o prefeito Massei. “Foi o começo de tudo. Meu pai tentava negociar a liberação do campo, que era da prefeitura, para o time treinar. Ele conseguiu o espaço e ficou muito feliz com a conquista”, diz Newton.

*Atualmente, a equipe de futebol mais conhecida da cidade é a da Associação Desportiva São Caetano, fundada em 1989. Em 2000 e 2001, a equipe, carinhosamente chamada de Azulão, foi vice-campeã brasileira de futebol. Foto de dezembro de 2001*

---

(\*) *Fabiana Chiachiri, jornalista*

# Batalha no Bairro da Fundação

Aqueles que tiveram a paciência de ler alguma crônica, que escrevemos em *Raízes* anteriores, já sabem que as nossas raízes estão no bairro Fundação. Lá nascemos e percorremos a infância na rua Ceará, na época em que todos conheciam todos que lá moravam. E, se alguém era novo no pedaço, que tratasse logo de se apresentar aos vizinhos, pois a pior coisa que uma pessoa recém-chegada poderia receber era o fato de ser ignorada, excluída. Pior do que isso só mesmo se a galera considerasse o novo morador *persona non grata*, aí, meus amigos, não adiantava nem saber os motivos, porque a vida dele iria ser muito difícil e a permanência muito curta.

Não estamos querendo levantar a hipótese de que havia injustiça na avaliação das pessoas, pelo contrário, a sabedoria popular julgava entre *gente do bem* e *gente do mal* com muito critério e bom senso, levando-nos a ser muito gentis com os bons e extremamente rigorosos com os *marvados*. Do alto de sua prudência todos achavam que os recém-chegados tinham a obrigação de aceitar, se adaptar e compartilhar das *normas* nunca escritas, mas sempre respeitadas pelos moradores antigos ou novos do *feudo*.

E, por falar em normas e feudo, é bom lembrar que havia, por parte da maioria, uma espécie de conhecimento e respeito pelo papel de cada um na convivência diária. Isto significava que as pessoas tinham a obrigação de conhecerem as características, umas das outras, para encontrar a forma de se familiarizar com os costumes e o jeitão da vizinhança.

Tudo isso funcionava muito bem até o momento em que entrasse em cena uma emoção exagerada, na hora errada, com as pessoas erradas, em dia de *lua errada*.

Vocês entenderam tudo, menos talvez a lua errada, não é? Pois acreditem que os antigos associavam o comportamento de certas pessoas com as fases da lua. Assim, se alguém tivesse um modo de ser instável, imprevisível, ora tranqüilo, ora agitado, os outros já o rotulavam com o título de *ele é da lua*. Muito tempo depois surgiu uma expressão, cujo significado também servia a esse propósito, e que logo foi sendo esquecida: ele ou ela é *figurinha carimbada*. Esta alusão tinha a ver com os álbuns em que se colecionavam figurinhas (normalmente de jogadores de futebol), onde as mais difíceis de conseguir, porque

eram editadas em pequena quantidade, vinham com um carimbo e, na maioria das vezes, eram dos jogadores considerados melhores.

Mas voltemos às pessoas da rua Ceará, especialmente, às *de lua* ou às *figurinhas carimbadas*.

Numa das casas, a família composta de casal e cinco filhos, gente boa e tranqüila, tinha duas exceções: a irmã mais nova, na ocasião em que vamos focar esta estória, tendo uns 20 anos de idade, e o irmão mais velho, com 35 anos. Ela tinha doença mental, que, graças à falta de conhecimento generalizado sobre as várias patologias desse gênero, resultara no carinhoso apelido de *louquinha*, o que por si só já explica a citada exceção. O irmão mais velho, por sua vez, não tendo nenhum desequilíbrio mental, mas tendo gênio forte, fora enquadrado na classe dos *de lua*.

Um belo dia (expressão típica de crônica, mas falsa, pois estava cinzento e ameaçando chuva), logo de manhã, a *louquinha* era uma das poucas pessoas que estava na rua. O outro personagem que estava lá fora era um menino de seus 6 anos, filho único dos vizinhos que moravam na casa do outro lado da rua Ceará, bem em frente à da família da *louquinha*.

É preciso esclarecer que essa moça com problemas mentais morava com a família e, freqüentemente, andava sozinha pela rua, não só porque isso era comum na época, devido ao reduzido número de locais destinados a esse tipo de doentes, mas também pela falta de condições financeiras das famílias. Acrescentaríamos, ainda, o fato de ela ser calma, na maior parte do tempo e, em certos momentos, até afável com os outros.

Mas, naquele dia, com o tempo meio esquisitão, a fase da lua não muito favorável, as pessoas erradas, nos lugares

errados e na hora errada, só podia dar confusão.

O menino foi mexer com o vespeiro e provocou, com a irreverência própria de sua idade, a *louquinha*, que saiu correndo atrás dele. A Ceará era uma rua de terra e pedriscos de forma que, em dado momento, a *louquinha* em sua *tresloucada* carreira apanha uma pedra, não tão pequena, e a arremessa na direção do garoto. A pontaria foi coisa de *louco*, uma vez que a pedra acertou bem no cocuruto do menino, que desencadeou berros amplificados vindos do fundo dos pulmões para que toda a rua ouvisse e logo buscasse portas e janelas para saber se o tamanho do estardalhaço corresponderia à expectativa da catástrofe.

O garoto entrou correndo em sua casa com um filete de sangue já escorrendo da cabeça ao peito, manchando imediatamente a camiseta branca.

A mãe do menino deixou-o aos cuidados da avó em sua casa e saiu aos gritos que ecoavam pela rua Ceará e pelo bairro Fundação anunciando, aos que não sabiam o que havia acontecido, o quadro dramático e traumático.

A *louquinha*, assustada, entrara em sua casa, que já assinalamos era defronte à do menino. Ela, obviamente, não tinha condições de explicar nada. Por outro lado, o menino já havia chegado berrando à mãe e à avó que ele, sem ter feito nada, sofrera a covarde agressão.

Está faltando adicionar à estória uma figura essencial, que era o pai do menino. Encanador, caçador, mentiroso e metido a valente, apesar de franzino. Precisa mais?

A mãe do menino gritava pela rua, e depois parada na frente da casa da *louquinha*, que o garoto estava muito mal e, ao mesmo tempo, bradava que o seu



marido, no final do dia, quando chegasse do trabalho, iria partir para uma vingança implacável.

O decorrer daquele dia na rua Ceará foi algo épico a partir do momento em que a vizinhança delineou o cenário criado pelas circunstâncias.

De um lado, o pai do menino, de quem se poderia esperar qualquer atitude, lógica ou absurda, ponderada ou violenta.

Do outro lado, o irmão mais velho da *louquinha*, caminhoneiro, homem de compleição física notável (hoje simplesmente *sarado*) e cara de poucos amigos.

Na primeira hipótese, a vizinhança vislumbrou uma briga, tipo vale-tudo, no meio da rua e na frente das duas residências ao final da tarde.

Numa segunda alternativa, alimentada pelos comentários dos próprios componentes das duas famílias envolvidas, haveria um enfrentamento com armas, já que tanto o caminhoneiro quanto o encanador eram chegados no assunto. O encanador porque era caçador e o caminhoneiro porque era colecionador de armas.

Daí para frente tudo passou para o terreno das especulações, ou melhor, das fofocas. Alguém lembrou do tamanho do facão que o caçador possuía e com o qual matava porcos para fazer lingüiça de vez em quando.

Outro já desbancava qualquer possibilidade de utilizar o facão contra alguém como o caminhoneiro, que parecia dispor de vários tipos de armas, embora nunca ninguém tivesse visto, mas todos ouviam falar.

De manhã até à noite não se comentava outra coisa na rua. Com o passar do tempo e a aproximação do horário de retorno do trabalho, todas as nuances foram pensadas, todas as alternativas do embate avaliadas, enfim,

toda a criatividade extravasada, numa crescente escalada de violência que somente a imaginação da vizinhança e os videogames de hoje poderiam desenhar de forma virtual.

Próximo das seis horas da tarde, ninguém mais ousava sair à rua. As mães já haviam providenciado que as crianças permanecessem dentro de casa, bem como outros filhos que chegassem mais cedo do trabalho.

O clima de briga, de luta, de batalha, estava no ar, combinando com o céu carrancudo. As pessoas estavam com presença física em casa, mas com olhos e cabeça voltados para a rua na direção das duas casas, à espera do duelo próprio dos filmes de bang-bang, tão apreciados na época.

Eis que chega primeiro o encanador que, por ser mais fraco fisicamente, decidiu marcar logo de cara uma posição ofensiva. Entrou e logo depois saiu à porta de sua casa com a sua melhor espingarda de caçador e fez exibidas demonstrações, tanto de como engatilhá-la quanto de fazer caprichada mira na direção da casa da *louquinha*.

Aguardava-se a qualquer momento e com incontida ansiedade a chegada do caminhoneiro, de quem se esperava, no mínimo, alguma arma da coleção que superasse a espingarda do encanador.

Como se tudo estivesse devidamente orquestrado pelo céu, quanto ao horário, ao volume, à intensidade, à duração e às conseqüências, eis que desaba uma chuva monumental que, após algumas horas, colocara todo o pessoal da rua Ceará e adjacências de prontidão e, em seguida, em mutirão. Era o salve-se-quem-puder das famosas enchentes do rio Tamandateí, que atingiam preferencialmente as conhecidas casas do Matarazzo, ali do ladinho. E, onde antes se imaginara um palco montado para a

violência, agora só restara lugar para a solidariedade.

Ao se juntarem todos, incluindo a família da *louquinha* e a família do menino, na mútua colaboração para superar os problemas da grave enchente, como que por encanto, a chuva lavou as *máguas* (combinação de mágoas com águas).

No dia seguinte, já sem chuva, as donas-de-casa ajeitavam o lamaçal da rua Ceará em frente de suas casas. Enquanto isso, o menino brincava, sem qualquer curativo na cabeça, colocando barro sobre o seu caminhãozinho de madeira. A *louquinha*, com uma faixa de gaze na perna, que torcera ao entrar correndo em

casa após a famosa pedrada, calmamente assistia a tudo, sem entender nada do mundo dos que se achavam não-loucos.

A diferença daquele tempo para os nossos dias é que lá atrás o pessoal prometia violência da boca para fora, mas depois, ao primeiro apelo em favor do próximo, lá estavam todos dispostos a ajudar. Isto queria dizer que o número de *bandidos* ou *gente do mal* era pequeno.

Que saudades daquele tempo, daquela rua, daquelas armas que quase nunca tiravam vidas!

Como comparar com este tempo, estas ruas, estas armas e com estas balas perdidas? (*João Tarcísio Mariani*)

# Quatro tiros por um beijo

“O bilontra abusou da hospedagem e da amizade que lhe dispensavam.

Ofereceram-lhe uma xícara de café e quis logo um beijo. A mulher, um desses tipos que vai rareando, ficou indignada. E, ameaçada, contou ao marido. Este, na justa revolta que o fato lhe provocara na alma e no instinto, esperou, dissimulou e foi às de cabo, com quatro tiros de revólver.

Nunca um beijo teria custado tão caro!

Sabemos, da história da política e da diplomacia, de beijos que têm mudado o destino de impérios, assim como os de Helena de Tróia, os de Cleópatra, da Domitila de Castro, a linda e trêfega Marquesa de Santos. Mas este beijo, que

deveria, como todos os outros, representar o amor, fonte da vida, gerou a morte, e morte violenta e sem beleza.

O progresso da civilização está mudando o sentido das cousas nobres e mais belas que a vida tem para nos embalar. Beija-se por capricho e morresse, pouco depois, indignamente. Ponto róseo sobre o “i” do verbo “aimer” – disse Rostand. Para o infeliz leiteiro de São Caetano do Sul, foi ponto rubro final no “i” de uma vida mal vivida.

Uma tragédia terrível, cuja brutalidade faz com que a nossa condição de homens seja, num instante, diante dos animais, um motivo de vergonha para nós.” (*Crônicas da Cidade - Reprodução* Jornal de São Caetano, 17 de fevereiro de 1951, matéria de Carlos Louzada)

# " Procura-se uma esposa"

"Procura-se uma mulher de  
35 a 45 anos para casar  
com rapaz de 45 anos,  
boas referências".

Estes são os dizeres de uma placa afixada na fachada da casa 184 da Rua Goiás, aqui em São Caetano.

"E verdade mesmo, é para meu filho", disse o sr. Nicola M., proprietário do referido prédio.

Felício, como se chama o rapaz, é aposentado depois de ter trabalhado 15 anos em uma fábrica de bebidas. Um acidente alijou-o do serviço tornando-o incapaz para os trabalhos normais. O pai, com 73 anos, sofre do fígado e do estômago e a mãe não enxerga nada bem. Morando os três sozinhos em uma casa, precisam de alguém que cuide deles, de suas roupas, da comida e da casa.

Diz o sr. Nicola que não faz questão de beleza, de raça, de cor ou tamanho. Não pode ser é muito jovem. Uma candidata de 29 anos, a primeira que se apresentou, não foi aceita. Pode ser inclusive viúva, basta não ter filhos.

A candidata deve fazer um

compromisso, além de casar com o Felício. Deve comprometer-se a cuidar também dos dois velhos e a continuar morando na mesma casa enquanto algum deles viver. Será um compromisso por escrito que lhe dará direito a uma casa decente e honesta, além de uma apreciável herança."

(*Crônicas da Cidade - Reprodução* Jornal de São Caetano, 28 de abril de 1961)

# M e m ó r i a F o t o g r á f i c a

Acervo/Bonaventura Frare – Foto Guerrero



Foto tirada em 2 de fevereiro de 1962, em frente à Matriz Sagrada Família, após a celebração da missa dos formandos de Desenhistas Projetistas da Escola de Tecnologia 28 de Julho, hoje Escola de Desenho. Foram identificados: da esquerda para a direita, primeira fila: Roque Almendra, Paulo Stoeco, Cristovam Romero, José B. Pra, (?), (?), Paulo Toth, (?), (?), Sebastião M. Escada e (?). Segunda fila: Moacir Gritti, Darci Ferreira, (?), Fermin V. Ivorra, Arcílio Madella, Rubens B. Gerrero, Sergio Korolkovas, Helio Gallo, Fernando Minguini, Bonaventura Frare, Edwin Lüscher, (?), (?). Terceira fila: (?), (?), Dionísio Missio, (?), Walter Martorelli, Alaercio Caneo, Maurício Chitero, (?), José D. Balaguer e (?)

Acervo/Fundação Pró-Memória



Fachada da antiga Padaria e Confeitaria Central, na década de 1940. O estabelecimento, que pertencia à família Morelato, localizava-se na avenida Conde Francisco Matarazzo



*Dois flagrantes da rua Heloísa Pamplona em dia de feira, em outubro de 1939*



*Cerimônia de juramento à bandeira da 1ª turma de reservistas do Tiro de Guerra 277, de São Caetano do Sul, no dia 16 de abril de 1952, em frente à Igreja Matriz, Sagrada Família. Foram identificados: Prof. Benedito de Moura Branco, Ângelo Raphael Pellegrino (então prefeito de São Caetano do Sul), Padre Êzio Gislimberti, Daniel Giardullo, Bruno Bisquolo e José Bonifácio de Carvalho*



*Visita do prefeito Oswaldo Samuel Massei ao Rotary Clube de São Caetano do Sul. Na ocasião, Massei discursou sobre o sistema viário municipal e foi saudado pelo presidente da entidade (gestão 1971-1972), Mustapha Abdouni, que aparece em primeiro plano, ao centro. À esquerda de Abdouni, Sebastião Sampaio de Assis. Ao fundo, da esquerda para a direita, foram identificados: Oscar Leite, Jordano Pedro Segundo Vincenzi e Urames Pires dos Santos*

*Em 17 de outubro de 1979, São Caetano recebeu o governador do Rotary Clube Distrito 461 de São Paulo, Eulógio Emílio Martinez, e sua mulher, Olga Martinez. Na ocasião, a primeira dama do município, Maria Dulce Cerqueira Leite, e as rotarianas acompanharam Olga Martinez na visita à Fundação Municipal Anne Sullivan*



*Da esquerda para a direita: Josefa Filetti, Walley Cavalheiro, Yolanda Filetti e Alice Filetti, em foto de 1946. Ao fundo, o antigo Armazém de Secos e Molhados Monte Alegre*



*Parque de diversão na esquina das ruas Visconde de Inhaúma e Cavalleiro Ernesto Giuliano, na década de 1950*



*Esquina das ruas Alagoas e Santo Antônio, na década de 1950*



*Entrega de certificados às turmas que concluíram os cursos de formação doméstica no CAD 9 (Centro de Aprendizagem Doméstica), do Sesi (Serviço Social da Indústria), na sede do Clube do Trabalhador nº 4 (rua Santa Catarina, 25). Discursando em nome das colegas, Lourdes Manzini. Ano de 1955*



*Jantar de recepção às autoridades do Gabinete Civil da Presidência da República, que visitaram obras educacionais de São Caetano, durante a primeira gestão municipal de Hermógenes Walter Braido (1965 - 1969). Da esquerda para a direita: Oscar Garbelotto (então diretor de Educação), Elizabete Pardi Garbelotto, Wilma Musumeci e Claudio Musumeci (então diretor da Fazenda Municipal)*



*Antiga Praça dos Estudantes, na esquina da avenida Goiás com a rua Goitacazes, em meados da década de 1960*



*Esquina da avenida Conde Francisco Matarazzo com a rua Serafim Constantino. Foto de 14 de outubro de 1937. Destaque para o edifício que abrigou a papelaria Ao Carioca. À esquerda, prédio no qual funcionou a Casa Weigand*





*Em 23 de abril de 1974, o consagrado jornalista Joelmir Betting proferia palestra no Teatro Paulo Machado de Carvalho, a convite do IMES. Da esquerda para a direita: prof. Fernando Contro, Cláudio Musumeci (Ass.Financeiro da Prefeitura), Joelmir Betting, prof. Oscar Garbelotto (diretor do IMES), prof. Argemiro de Barros Araújo e prof. Claudio Dall’Anese (vice-diretor do IMES)*

*Em 22 de março de 1968, ocorreu a inauguração do Centro Educacional Bosque do Povo. Em destaque o prefeito Hermógenes W. Braido, discursando, deputado estadual Oswaldo Samuel Massei, governador Abreu Sodré e esposa e Maria Braido, esposa do prefeito*



*Entrada da Relojoaria Gallo que, na época, se localizava na rua Conselheiro Antônio Prado, 266. Da esquerda para a direita: Tihany Tereskovae, Manoel Tiburtino e Irineu Gallo. Foto do fim da década de 1960*



*Público no Teatro Santos Dumont durante a apresentação da peça Quatro num Quarto, em 22 de julho de 1963. O espetáculo integrou a programação dos festejos do 86º aniversário da cidade*

*Grupo de amigos de São Caetano, em foto de 1941. Da esquerda para a direita: José Bellotti dos Santos, Oscar Costa, Mário Dal'Mas e Accacio Spachacuercia (sentado)*



*Funcionários da Ferro Enamel S.A, no pátio da empresa, em 1944. Da esquerda para a direita: José Bellotti dos Santos, Mário Porfírio Rodrigues e Hamilton Varela*



*Entrada do antigo Cine Urca (rua Manoel Coelho) durante um carnaval da década de 1950*



*Maria Ferrante, Giuseppe De Martini e Ricardo Ferrante, em foto tirada na rua Engenheiro Rebouças, em 1948*



*Construção do antigo Parque Infantil José Mariano Garcia Júnior, na rua Flórida. Foi inaugurado no dia 25 de julho de 1959*

# Publicações

---



## **Das chaminés à Robótica: 50 anos do Ciesp em São Caetano**

Depois de promover a exposição *Ciesp: 50 anos em São Caetano*, que circulou por vários espaços da cidade, a Fundação Pró-Memória, em parceria com a Delegacia Municipal do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, lançou, no dia 8 de novembro, o livro *Das chaminés à Robótica: 50 anos do Ciesp em São Caetano*.

Organizado pelo jornalista Aleksandar Jovanovic, a publicação integra o Projeto Editorial da Pró-Memória e celebra o Jubileu de Ouro do Ciesp em São Caetano. Em 120 páginas, o autor narra a trajetória da entidade e traça

um panorama da evolução histórica e econômica da cidade e do país desde a década de 1950 até a atualidade.

Ilustrado com fotografias de eventos promovidos pelo Ciesp e suas participações em convenções, além de imagens da cidade, o livro apresenta 11 testemunhos, entre eles os de seis membros da primeira diretoria da Delegacia Municipal.

Imagens das comemorações do cinquentenário também fazem parte da publicação, que ainda traz relações dos membros de todas as gestões da diretoria do Ciesp, desde 1957.

# Exposições

---



## Ciesp: 50 anos em São Caetano do Sul

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul abriu, dia 22 de maio, a exposição *Ciesp: 50 anos em São Caetano do Sul*, no Campus II da Universidade Imes. A mostra foi uma homenagem ao cinquentenário da Delegacia Municipal do Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo).

Por meio de imagens do Centro de Documentação Histórica da Pró-Memória e do acervo pessoal de antigos associados do Ciesp, foram retratados os primeiros

anos de atividades do Ciesp local. As 23 imagens mostraram os primeiros conselheiros e diretores, flagrantemente participações em eventos importantes, como as *Convenções dos Industriais do Interior*, e outros encontros.

A exposição ficou em cartaz no Campus II da Universidade Imes até o dia 30 de junho. Em seguida, ela passou pelo Campus I (16 a 31 de agosto) e pela Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul (2 a 31 de julho).

## Eternamente Mães



A Fundação Pró-Memória celebrou o Dia das Mães por meio da exposição *Eternamente Mães*, aberta no Salão de Exposições II, no Espaço Verde Chico Mendes, no dia 31 de maio.

Reunindo 28 imagens do Centro de Documentação Histórica da instituição, a exposição mostrou algumas mães de antigamente em singelos momentos com seus filhos. Imagens das décadas de 1920 a 1950 retrataram a mulher no papel de mãe. Fotos mais recentes, dos anos 60 e 70, apresentaram comemorações oficiais da data na cidade.

*Eternamente Mães* ainda trouxe um pequeno histórico sobre a origem do Dia das Mães no mundo e quando foi comemorado pela primeira vez no Brasil. A exposição ficou no Salão de Exposições II até 31 de julho.

## Viajando pelo Mundo: Cartões-postais de Ontem e de Hoje

De 19 de julho a 15 de setembro, quem visitou o Museu Histórico Municipal fez uma verdadeira viagem pelas mais belas paisagens do Brasil e do mundo com a exposição *Viajando pelo Mundo: Cartões-postais de Ontem e de Hoje*.

Havia cartões-postais de todos os Estados brasileiros na exposição,

divididos por regiões. A jornada continuou, passando por todos os continentes do mundo. Mais de 2 mil postais foram expostos em sistema de rodízio.

A mostra reuniu cartões-postais novos e antigos, especialmente da década de 1940. A curiosidade ficou por conta de postais de países desconhecidos da grande



maioria, como Ilha Maurícia (África), Ilhas Reunião (território francês no Oceano Índico), Ilhas Guadalupe (território francês no Caribe), Moldávia (país do Leste Europeu), entre outros.

Ainda fizeram parte da exposição cartões-postais da região do ABC e alguns institucionais, além de 500 cartões telefônicos.

## Pai Herói



A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul abriu no dia 3 de agosto a exposição *Pai Herói*, no Salão de Exposições II, no Espaço Verde Chico Mendes, em comemoração ao Dia dos Pais, celebrado no segundo domingo de agosto.

O Dia dos Pais surgiu nos Estados Unidos em 1910. No Brasil, a primeira comemoração foi em 1953. As 27 imagens da mostra retrataram momentos de afeto e amor, e também cenas cotidianas entre pais e filhos. Havia flagrantes de todas as décadas na exposição. As fotografias mais antigas eram do início do século passado e a mais recente de 2006. *Pai Herói* ficou em cartaz no local até 5 de outubro.



## **Igreja Matriz Sagrada Família: 70 anos de história e fé**

A Paróquia Sagrada Família, popularmente conhecida como Matriz Nova, comemorou, neste ano, 70 anos de sua inauguração. Como parte das comemorações, a Fundação Pró-Memória promoveu, de 12 de agosto a 4 de novembro, a exposição *Igreja Matriz Sagrada Família: 70 anos de história e fé*.

Os painéis expositivos, localizados nas seis capelas dos corredores laterais da igreja, apresentaram 70 imagens que contaram a história da paróquia sob diversos aspectos.

Um dos seis temas da mostra tratou da construção da paróquia. Uma das imagens era da fase inicial das obras, em 1932. Famílias que colaboraram com a

edificação do templo também foram lembradas. Outra parte da mostra tratou da pintura artística da igreja, executada pelos irmãos Pedro e Ulderico Gentili, e apresentou detalhes da obra.

A história da Matriz continuou com o resgate dos dez párocos que fizeram parte dessa evolução, começando com o padre Alexandre Grigolli, que ficou na paróquia até 1946. Casamento foi outro tema abordado. A exposição resgatou flagrantes de enlances passando por todas as décadas desde a inauguração da igreja. As celebrações realizadas na igreja encerraram a mostra, com retratos de missas, apresentações musicais e teatrais, além de cerimônias solenes.



## O Abstracionismo Poético



A arte abstrata de dois artistas de São Caetano compôs a mostra *O Abstracionismo Poético*. Bete Bovo e Fabrizio Dell'Arno ficaram lado a lado na exposição, que ficou em cartaz de 14 de agosto a 5 de novembro, na Pinacoteca.

A artista plástica Bete Bovo, formada em Artes Plásticas e Desenho Industrial pela Faap, já fez parte de exposições na região do ABC e São Paulo. Participou de cursos com artistas como Evandro Carlos Jardim, Ubirajara Ribeiro, Carlos Moreira, e outros.

Bete apresentou, na exposição, guaches e óleos sobre papel, fotografias, além de livros-objeto (livros para ver, não para ler, segundo definição da artista). Seu tema preferido é a integração entre homens, natureza e os universos interior e

exterior, assunto registrado de forma poética em suas obras.

O sul-sancaetanense Fabrizio Dell'Arno atualmente mora na Itália, onde trabalha como docente assistente na Rome University of Fine Arts. Formado em Publicidade e Propaganda, fez pós-graduação em História da Arte na Faap. Dell'Arno também estudou na School of Visual Arts, em Nova Iorque.

Suas participações em exposições coletivas incluem São Paulo, Itália e Alemanha. O artista já promoveu mostras individuais no Brasil e na Itália.

O nascimento, o milagre da vida e a perfeição da natureza estavam nas formas e cores do trabalho de Dell'Arno, que veio em pinturas a óleo sobre tela, calcografias e esculturas.

## Sempre Criança



O Dia das Crianças (12 de outubro) sempre é celebrado com muita alegria e diversão. Para festejar a data, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul abriu, no dia 5 de outubro, no Salão de Exposições II, a exposição *Sempre Criança*. Apresentando 27 fotografias, a mostra rememorou inesquecíveis momentos da infância de alguns moradores da cidade.

As crianças, alguns bebês e outros já mais crescidinhos, apareceram em grupos (de irmãos ou de amigos), sozinhas, em momentos de brincadeiras, fantasiadas, e em fotos produzidas em estúdios. A exposição começou no início do século 20, com uma imagem de 1909, e passou por seis décadas, chegando ao ano de 1965. *Sempre Criança* ficou no Salão de Exposições II até 7 de dezembro.

## Os 100 anos da Sociedade Beneficente União Operária de São Caetano do Sul

A Sociedade Beneficente União Operária de São Caetano do Sul foi criada em 15 de novembro de 1907 por um grupo de moradores da cidade, com a finalidade principal de mútuo socorro. Como parte das comemorações aos 100 anos da sociedade, o Museu Histórico Municipal promoveu a exposição *Os 100 anos da Sociedade Beneficente União Operária de São Caetano do Sul*, de 16 de outubro a 14 de dezembro.

Por meio de objetos, placas, livros, diplomas, bandeiras, fotografias e documentos, a exposição retratou a



trajetória da sociedade, suas dificuldades e seus sucessos, e explicou como, depois de tantos anos, a instituição é financeiramente estável e continua atendendo seus objetivos e prestando auxílio médico, hospitalar, odontológico e social a seus sócios.

A exposição foi complementada por painéis fotográficos que tinham como tema a classe operária de São Caetano, que passou a ser bastante numerosa na cidade a partir do final do século 19, devido ao surgimento de empresas de diferentes ramos da produção fabril.

## Exposição Comemorativa da Autonomia



Dentro das comemorações da Semana da Autonomia, a Fundação Pró-Memória preparou a *Exposição Comemorativa da Autonomia*, aberta no dia 19 de outubro, no

hall do Complexo Educacional. No local até o dia 17 de novembro, a mostra reuniu 22 imagens dos principais momentos do movimento autonomista.



# Projetos

---

## São Caetano em Postais

O projeto *São Caetano em Postais* foi lançado no dia 19 de julho, data da abertura da exposição *Viajando pelo Mundo*. A Fundação Pró-Memória selecionou dez imagens antigas da cidade e as transformou em cartões-postais. A coleção, que teve edição limitada, reúne fotografias de locais como a Praça Cardeal Arcoverde e vistas panorâmicas como da rua João Pessoa.



## Férias na Pinacoteca

Oferecer um momento agradável de lazer para famílias no mês de julho é a intenção do projeto *Férias na Pinacoteca*, lançado no dia 13 de julho. Promovido somente nos meses de julho e dezembro, o projeto consiste em encontros informais com grupos de pais e filhos, para a realização de atividades lúdicas na Pinacoteca.

O objetivo é incentivar o gosto pela arte e criar o conceito de que um espaço expositivo pode ser uma opção de entretenimento para adultos e que não é somente um lugar para ser visitado pelas crianças em excursões da escola.

As famílias presentes nos encontros participam de jogos de percepção visual, tátil e auditiva, e quebra-cabeças. A programação ainda inclui atividades no ateliê pedagógico da Pinacoteca, onde os visitantes produzem suas próprias obras de arte.

Os primeiros encontros aconteceram nos dias 13 e 30 de julho.

## Encontros Culturais

No dia 17 de maio, a Fundação Pró-Memória deu início ao projeto *Encontros Culturais*, desenvolvido pela Pinacoteca Municipal, com o objetivo de levar a Arte ao alcance de um maior número de pessoas, e incentivar a apreciação e o gosto pelas Artes Plásticas.

O programa dos encontros é sempre baseado na exposição em cartaz na Pinacoteca. Iniciado com a apresentação de um vídeo sobre a manifestação artística da mostra, o evento continua com uma visita ao espaço expositivo da Pinacoteca, para que os participantes possam observar as obras e exercitar sua sensibilidade e conhecimento. Os encontros são finalizados com uma atividade no Ateliê Pedagógico, onde cada participante coloca a mão na massa, ou na tinta, e cria sua própria obra de arte.

Dois encontros foram realizados nos dias 17 de maio e 23 de agosto.

## Cidadão da História



A Fundação Pró-Memória deu continuidade ao projeto *Cidadão da História* no segundo semestre de 2007. Realizado como parte do programa Bairro a Bairro, iniciativa da Administração Municipal que beneficia toda a cidade, o projeto já passou por 10 bairros de São Caetano.

O projeto homenageia as pessoas com mais tempo de moradia. O objetivo é reconhecer a participação dos cidadãos da cidade na formação de cada bairro. De janeiro a outubro deste ano, 200 munícipes foram homenageados e reconhecidos como “cidadãos da história”.



## Era uma Vez



Criado em março de 2006, o projeto *Era uma vez...* está contando a história da educação infantil em São Caetano. Uma exposição fotográfica, instalada nos corredores do quiosque principal do Espaço Verde Chico Mendes, retrata momentos importantes e atividades cotidianas de cada instituição. Além disso, um folheto, que apresenta um resumo histórico da escola, é distribuído aos pais e alunos da instituição e visitantes da exposição.

Em 2006, as Emei's (Escolas Municipais de Educação Infantil) Primeiro de Maio, João Barile e José Mariano Garcia Júnior foram retratadas pelo projeto. As histórias das Emei's Irineu da Silva, Francisco Falzarano, Emílio Carlos e José Corona foram apresentadas pelo projeto em 2007. *Era uma vez...* continua no ano que vem.



# Eventos

---

## Raízes 35



Aproveitando a temporada dos Jogos Pan-americanos de 2007, a Fundação Pró-Memória colocou uma vitoriosa equipe de basquete feminino, formada em São Caetano na década de 1960, nas páginas da revista Raízes e lançou sua edição de número 35. O lançamento aconteceu no dia 26 de julho, no São Caetano Esporte Clube, agremiação defendida pelas atletas na fase áurea do esporte na cidade.

O principal tema da revista, na seção Dossiê, enfoca a época de ouro do basquete feminino em São Caetano do Sul. Os textos trazem histórias de vitórias, conquistas e sucessos das atletas que atuaram na cidade entre os anos de 1968 e 1974, como Delcy, Elzinha, Norminha, Marlene e Hortência.

Artigos sobre essas esportistas, que formaram o time dos sonhos e alcançaram diversos títulos nacionais e internacionais, ocupam 33 páginas da revista, que tem 120 no total.

Outros artigos recheiam as demais seções de Raízes. Alguns destaques são textos sobre o cinquentenário da Delegacia Municipal do Ciesp e a história da fábrica de móveis escolares Móveis Barga, presente em São Caetano há 54

anos. O simpático casal Jaime e Alféa Pinton conta sua história na revista, que ainda resgata a trajetória de Accácio Novaes, primeiro presidente da Câmara Municipal de São Caetano.

A publicação também retrata a carreira de Helena Moretin, mais conhecida como Heleninha, que cantou, durante 12 anos, ao lado de Francisco Petrônio, na Orquestra Real Baile da Saudade. Além disso, a revista traz muitos outros artigos, variados temas, e fotografias antigas, principalmente na seção Memória Fotográfica.

Esta edição comemora os 18 anos da revista Raízes e veio com novidades. A capa passou por uma reformulação e ficou com um design mais leve e atual, que acompanhará todas as edições seguintes.

Mais de 300 pessoas lotaram o São Caetano Esporte Clube para o lançamento. Uma das principais atrações foi uma apresentação da cantora Heleninha. As ex-jogadoras Norminha, Marlene, Delci, Maria Tereza e Vanda estavam presentes e fizeram sucesso entre o público.

---

(\*) *Paula Fiorotti é jornalista, especializada em Relações Públicas*



SEDE ADMINISTRATIVA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA  
PINACOTECA MUNICIPAL  
Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255  
Telefones: 4221-9008 ou 4221-7420



MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL  
Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122  
Telefone: 4229-1988



SALÃO DE EXPOSIÇÃO  
Espaço Verde Chico Mendes  
Rua Fernando Simonsen, nº 566



VOCÊ PODE CONHECER  
NOSSO SITE  
[www.fpm.org.br](http://www.fpm.org.br)



PUBLICAÇÕES  
Livros e revistas,  
história da cidade, história dos bairros,  
pontos históricos, fotografias, mapas,  
programação de exposições,  
eventos, notícias e muito mais!



